

CARLOS PACHECO DOS SANTOS

**PARA ALÉM DA SALA DE AULA: A EXTENSÃO NA UFV E A SEMANA DO
FAZENDEIRO, ENTRE MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES (2009-2019)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S237p
2023 Santos, Carlos Pacheco dos, 1960-
Para além da sala de aula: a extensão na UFV e a Semana
do Fazendeiro, entre memórias e transformações (2009-2019) /
Carlos Pacheco dos Santos. – Viçosa, MG, 2023.
1 dissertação eletrônica (174 f.): il. (algumas color.).

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de História, 2023.

Referências bibliográficas: f. 167-174.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.178>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Universidade Federal de Viçosa. Semana do Fazendeiro.
2. Extensão universitária. 3. Extensão rural. 4. Patrimônio
cultural. 5. Memória coletiva. I. Assis, Angelo Adriano Faria de,
1971-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural,
Paisagens e Cidadania. III. Título.

CDD 22. ed. 378.175098121


CARLOS PACHECO DOS SANTOS

PARA ALÉM DA SALA DE AULA: A EXTENSÃO NA UFV E A SEMANA DO FAZENDEIRO, ENTRE MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES (2009-2019)


Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 10 de março de 2023.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 CARLOS PACHECO DOS SANTOS
Data: 11/04/2023 15:14:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Carlos Pacheco dos Santos
Autor

Documento assinado digitalmente
 ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS
Data: 11/04/2023 16:03:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Angelo Adriano Faria de Assis
Orientador

A Deus, doador da vida.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Martha e minhas filhas Luiza e Ana, pelo apoio e cumplicidade;

Ao meu Orientador, Prof. Angelo Assis, pela paciência, disponibilidade e incentivo;

Aos membros da minha banca, professores André Luiz Lopes de Faria, Marcus Vinicius Reis e Gumercindo Souza Lima, pelas preciosas sugestões de ajustes e pelo incentivo em dar continuidade ao trabalho de pesquisa;

Aos professores do DHI, pelo entusiasmo que demonstram em cada aula, banca ou mesmo nas conversas informais. Meus sinceros agradecimentos;

Aos colegas de setor e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, pelo apoio e incentivo, especialmente meu Chefe de Setor, Frederico Cabral, “o Rei das Planilhas”, Chirle Gomes e também à Vanda Lucas pela parceria e troca de experiências;

Ao Eduardo Santos, Chefe do ACH-UFV, pela ajuda com as fontes e pelas dicas;

À turma 2021 da Pós-História pelo companheirismo, cooperação e troca de experiências;

Aos amigos e companheiros de caminhada Raquel e Gino;

A todos os parceiros da Semana do Fazendeiro, pela companhia de caminhada;

Ao servidor aposentado, sempre presente, Gustavo Sabioni, pelas valiosas informações;

À Universidade Federal de Viçosa, presente na minha vida desde o vestibular de 1982!

Aos professores e servidores técnico-administrativos pela presteza e disponibilidade em contribuir com este trabalho, a partir das respostas aos meus questionários.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

SANTOS, Carlos Pacheco dos, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2023. **Para além da sala de aula: A extensão na UFV e a Semana do Fazendeiro, entre memórias e transformações (2009-2019)**. Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

Este trabalho busca analisar o contexto histórico da criação da Semana do Fazendeiro, bem como sua relevância no sentido de promover treinamento para produtores rurais e seus familiares, perpassando as fases da ESAV, da UREMG e UFV. Busca ainda registrar o processo de organização do evento e o envolvimento de docentes, técnico administrativos e discentes na sua realização e organizar a memória das transformações ocorridas na organização deste evento quase centenário, notadamente no período compreendido entre os anos de 2009 (80ª edição) e 2019 (90ª edição). Reúne e analisa dados do Sistema de Controle da Semana do Fazendeiro sobre o envolvimento dos Centros de Ciências da UFV e demais parceiros no oferecimento de conteúdos, traça o perfil do público participante da Semana do Fazendeiro no período em análise, problematizando a questão do patrimônio científico que o evento representa para a UFV e finaliza com os resultados da pesquisa empreendida junto a dois grupos distintos de professores: Primeiro, os que ministraram cursos da Semana do Fazendeiro, na tentativa de compreender o que estes entendem por extensão e o que os motiva a cooperar com o evento, por meio da oferta de conteúdos. O segundo grupo compõe-se dos docentes que exerceram a função de gestores da extensão universitária, visando elencar os avanços e os obstáculos enfrentados nas diferentes gestões, para a realização da Semana do Fazendeiro. Para tanto, foram utilizados documentos da Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro, do Arquivo Histórico da UFV, livros, dissertações e teses sobre o tema da extensão na UFV, a legislação pertinente à extensão no âmbito Federal e as normativas estabelecidas pela Universidade. O trabalho apresenta como produto a proposta de compilação das informações mais importantes da história do evento e suas transformações mais recentes, além de estatísticas de contribuições dos parceiros internos e externos e trechos dos relatos dos ex-gestores da extensão, ilustrados com artes da divulgação do evento, como forma de preservação da memória da Semana do Fazendeiro.

Palavras-chave: Semana do Fazendeiro. Extensão. Memória. Patrimônio.

ABSTRACT

SANTOS, Carlos Pacheco dos, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2023. **Beyond the classroom: Extension at UFV and the Semana do Fazendeiro (Farmer's Week), between memories and transformations (2009-2019).** Advisor: Angelo Adriano Faria de Assis.

This work seeks to analyze the historical context of the creation of the Semana do Fazendeiro (Farmer's Week), as well as its relevance in the sense of promoting training for rural producers and their families, going through the phases of ESAV, UREMG and UFV. It also seeks to record the process of organizing the event and the involvement of professors, administrative technicians and students in its realization and organize the memory of the transformations that occurred in the organization of this almost centenary event, notably in the period between 2009 (80th edition) and 2019 (90th edition). It gathers and analyzes Control Sistem data from the UFV's Science Center and other partners in the in offering content, outlines the profile of the public participating in the Semana do Fazendeiro in the period under review, problematizing the issue of scientific heritage that the event represents for the University and ends with the results of the research carried out with two distinct groups of professors: First, those who taught in Semana do Fazendeiro courses, in an attempt to comprehend what they understand by extension and what motivates them to cooperate with the event, through the provision of content. The second group is formed by the professors who exercised the function of university extension managers, aiming to list the advances and obstacles faced in the different administrations, for the realization of the Semana do Fazendeiro. For this purpose, documents from the Permanent Secretariat of the Semana do Fazendeiro, from the UFV Historical Archive, books, dissertations and theses on the subject of extension at UFV, the legislation pertaining to extension at the Federal level and the regulations established by the University were used. The work presents as a product the proposal to compile the most important information in the history of the event and its most recent transformations, in addition to statistics of contributions from internal and external partners and excerpts from the reports of the former extension managers, illustrated with arts to publicize the event, as a way of preserving the memory of the Semana do Fazendeiro.

Keywords: Semana do Fazendeiro. Extension. Memory. Patrimony.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABCAR - Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural
ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACAR - Associação de Crédito e Assistência Rural
ACARES - Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo
ACH-UFV - Arquivo Central Histórico da UFV
ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural
CCA - Centro de Ciências Agrárias
CCB - Centro de Ciências Biológicas
CCE - Centro de Ciências Exatas
CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CEC - Centro de Excelência do Café
CEJUSC-TJMG - Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania
CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
COLUNI - Colégio de Aplicação da UFV
CONSU - Conselho Universitário
DAC - Divisão de Assuntos Culturais da UFV
DEA - Departamento de Engenharia Agrícola
DEF - Departamento de Engenharia Florestal
DER - Departamento de Economia Rural
DFP - Departamento de Fitopatologia
DFT - Departamento de Fitopatologia
DZO - Departamento de Zootecnia
DPS - Departamento de Solos
DBA - Departamento de Biologia Animal
DVT - Departamento de Medicina Veterinária
DDE - Departamento de Entomologia
DBV - Departamento de Biologia Vegetal
DBB - Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular
DEM - Departamento de Medicina
DES - Departamento de Educação Física
DMB - Departamento de Microbiologia
DNS - Departamento de Nutrição e Saúde

DBG - Departamento de Biologia Geral
DED - Departamento de Economia Doméstica
DPE - Departamento de Educação
DAH - Departamento de Artes e Humanidades
DCS - Departamento de Ciências Sociais
DPD - Departamento de Direito
DLA - Departamento de Letras e Artes
DEE - Departamento de Economia
DAD - Departamento de Administração
DCM - Departamento de Comunicação Social
DGE - Departamento de Geografia
DHI - Departamento de História
DTA - Departamento de Tecnologia de Alimentos
DMA - Departamento de Matemática
DEP - Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica
DEQ - Departamento de Química
DEC - Departamento de Engenharia Civil
DEL - Departamento de Engenharia Elétrica
DAU - Departamento de Arquitetura
DPI - Departamento de Informática
DET - Departamento de Estatística
DPF - Departamento de Física
DCI - Divisão de Comunicação Institucional
DEX - Divisão de Extensão da UFV
DGU - Divisão de Gráfica Universitária
DTI - Divisão de Tecnologia da Informação
EDT - Editora UFV
EMAF - Escola Média de Agricultura de Florestal
EMATER - Empresa de Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EPAMIG - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária
EUA - Estados Unidos da América
FAEMG - Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais

FRATEVI - Fundação Rádio e Televisão Educativa de Viçosa

IEF - Instituto Estadual de Florestas

IGAM - Instituto Mineiro de Gestão de Águas

IMA - Instituto Mineiro de Agropecuária

IGAM - Instituto Mineiro de Gestão de Águas

NUCCORTE - Núcleo de Criadores de Caprinos e Ovinos das Regiões dos Campos das Vertentes e Zona da Mata

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU

PAD - Pró-Reitoria de Administração

PCD - Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários

PCPL - Programa de Capacitação de Especialistas em Pecuária Leiteira

PDF - Portable Document Format - Formato Portátil de Documento (Adobe Systems)

PDPL - Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira

PEC - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

PGM - Programa Gilberto Melo

PMV - Prefeitura Municipal de Viçosa

PPG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

PPO - Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento

PRE - Pró-Reitoria de Ensino

RADOC - Relatório de Atividades de Docentes

SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEMEC - Secretaria de Museus e Espaços de Ciências da UFV

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SEMAD - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

SISEMA - Sistema Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

UFLA - Universidade Federal de Lavras

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UFV-Tec - Convênio UFV/SEBRAE para prestação de serviços de consultoria tecnológica

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNIVIÇOSA - Centro Universitário de Viçosa

UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

USAID - United States Agency for International Development

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Missa de inauguração do Edifício Arthur Bernardes.....	32
Figura 2 - Fundadores da Semana do Fazendeiro.....	50
Figura 3 - Participantes da 1ª Semana do Fazendeiro - Julho de 1929.....	51
Figura 4 - Ato de criação da Secretaria da Semana do Fazendeiro	54
Figura 5 - Participantes do 1º Mês Feminino - 1935	55
Figura 6 - Participantes do 2º Mês Feminino - 1936.....	56
Figura 7 - Lista de cursos da Terceira Edição da Semana dos Fazendeiros.....	57
Figura 8 - Capas dos cadernos: 12ª edição - 25ª edição - 47ª edição 45	61
Figura 9 - Cartaz da 40ª edição - UFV - julho de 1968.....	62
Figura 10 - Cartazes: 41ª edição (1969), 42ª edição (1970) e 45ª edição (1973).....	63
Figura 11 - As duas versões da Mini Fazenda.....	68
Figura 12 - Programação das <i>Lives</i> realizadas em 2020.....	71
Figura 13 - Tela inicial do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro	74
Figura 14 - Telas iniciais dos Sistemas Semana da Juventude e Mulher Rural	74
Figura 15 - Entrevista com participante da 90ª Semana do Fazendeiro	81
Figura 16 - Cartazes da 90ª e 91ª edição da Semana do Fazendeiro	83
Figura 17 - Recorte do cartaz da 90ª edição	84
Figura 18 - Nuvem de palavras	110
Figura 19 - Fundadores da Semana do Fazendeiro.....	115
Figura 20 - Participantes da 1ª Semana do Fazendeiro - Julho de 1929.....	116
Figura 21 - Participantes das primeiras edições da Semana do Fazendeiro	118
Figura 22 - Ato de criação da Secretaria da Semana do Fazendeiro	120
Figura 23 - Lista de cursos da Terceira Edição - “Semana dos Fazendeiros”.....	121
Figura 24 - As duas versões da Mini Fazenda.....	126
Figura 25 - Programação das <i>Lives</i> realizadas em 2020.....	129
Figura 26 - Instalações da 10ª Troca de Saberes – 2018	142
Figura 27 - Participantes da 6ª Semana da Mulher Rural - 2019	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Marcos legais da extensão universitária.....	45
Quadro 2 - Eventos agropecuários em Minas Gerais	60
Quadro 3 - Museus e Espaços de ciências da UFV	69
Quadro 4 - Comissões da Semana do Fazendeiro e suas atribuições	75
Quadro 5 - Temas e datas das últimas edições do evento	78
Quadro 6 - Número de questionários enviados por setor da UFV.....	99
Quadro 7 - Tamanho da amostra	100
Quadro 8 - Número de questionários respondidos por setor	100
Quadro 9 - Número de questionários respondidos por gênero	101
Quadro 10 - Ministrantes dos cursos por tempo.....	102
Quadro 11 - Museus e Espaços de ciências na UFV	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participantes da 90ª edição por tipo de evento.....	86
Gráfico 2 - Composição do público dos cursos - 90ª edição - julho de 2019.....	87
Gráfico 3 - Domicílio dos participantes - 90ª edição - julho de 2019	88
Gráfico 4 - Faixa etária dos participantes - 90ª edição - julho de 2019.....	88
Gráfico 5 - Cor/raça dos participantes - 90ª edição - julho de 2019.....	89
Gráfico 6 - Origem da principal renda - 90ª edição - julho de 2019	89
Gráfico 7 - Participantes inscritos por gênero - 90ª edição - julho de 2019	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cursos: Centros de ciência, parceiros internos e externos - 2009 a 2019	91
Tabela 2 - Vagas oferecidas x vagas ocupadas - 2009-2019.....	92
Tabela 3 - Participantes inscritos nos cursos - 2009-2019	92
Tabela 4 - Participantes inscritos nos cursos - 2009-2019	132
Tabela 5 - Participantes dos cursos por estado de origem - 2009-2019	133
Tabela 6 - Faixa etária dos participantes dos cursos - 2009-2019.....	135
Tabela 7 - Participantes inscritos nos cursos por gênero - 2009-2019	137
Tabela 8 - Participantes da Semana da Juventude Rural - 2009-2019	139
Tabela 9 - Participantes da Troca de Saberes - 2009-2019	141
Tabela 10 - Participantes da Mulher Rural - 2009-2019	144
Tabela 11 - Cursos oferecidos: Centros de Ciência e parceiros - 2009-2019.....	147
Tabela 12 - Vagas oferecidas x ocupadas em cursos - 2009-2019.....	148
Tabela 13 - Cursos oferecidos x nº de participantes inscritos - 2009-2019	149
Tabela 14 - Cursos oferecidos pelos Centros de Ciências da UFV - 2009-2019	151
Tabela 15 - Cursos oferecidos - Departamentos do CCA-UFV - 2009-2019	151
Tabela 16 - Cursos oferecidos - Departamentos do CCB-UFV - 2009-2019.....	152
Tabela 17 - Cursos oferecidos - Departamentos do CCH-UFV - 2009-2019	153
Tabela 18 - Cursos oferecidos - Departamentos do CCE-UFV - 2009-2019.....	154
Tabela 19 - Cursos oferecidos - Órgãos internos da UFV - 2009-2019	156
Tabela 20 - Cursos oferecidos - Parceiros Externos da UFV - 2009-2019	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Parte II	22
CAPÍTULO 1 - A UFV, a prática extensionista brasileira e a Semana do Fazendeiro: panorama histórico	22
1.1. A memória da UFV e a gênese da extensão brasileira.....	22
1.2. Da ESAV à UREMG. Da UREMG à UFV: a extensão rural a partir de Minas Gerais.....	30
1.3. Do difusionismo à extensão dialógica: cronologia da legislação e a prática extensionista no contexto da UFV	42
1.4. A Semana do Fazendeiro, o Mês Feminino, Feiras e Exposições Agrícolas em Minas.....	50
CAPÍTULO 2 - A Semana do Fazendeiro: processo de organização, memória e transformações	65
2.1. Semana do Fazendeiro: organização, transformações e memórias	65
2.2. Semana do Fazendeiro: público, parcerias e relações de poder	84
CAPÍTULO 3 - Da sala de aula ao campo: a percepção da extensão na Semana do Fazendeiro - ministrantes de cursos e gestores	98
3.1. Ministrantes: Concordâncias e discordâncias na prática extensionista na Semana do Fazendeiro	99
3.2. Gestores: Desafios, oportunidades e memórias da extensão na Semana do Fazendeiro	107
3.3. Conclusão	112
Parte II	114
CAPÍTULO 4 - Semana do Fazendeiro: patrimônio cultural reconhecido e acessível.....	114
4.1. Proposta do produto	114
4.2. Estrutura do evento	124
4.3. A memória da Semana do Fazendeiro em números: parcerias, novos públicos e inclusão	130
4.3.1. Faixa etária dos participantes dos cursos.....	135
4.3.2. Participantes dos cursos por gênero.....	137
4.3.3. Participantes da Semana da Juventude Rural	139
4.3.4. Participantes da Troca de Saberes	141

4.3.5. Participantes Mulher Rural	144
4.3.6. Cursos oferecidos: relação Centros de Ciências x Parceiros	147
4.3.7. Cursos oferecidos pelos Centros de Ciências/Departamentos	150
4.3.8. Cursos: conteúdos oferecidos por órgãos internos da UFV	155
4.3.9. Cursos: conteúdos oferecidos pelas instituições parceiras externas	158
4.4. Semana do Fazendeiro: patrimônio cultural de ciência e tecnologia da UFV	161
Considerações Finais	165
Referências Bibliográficas.....	167

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) foi inaugurada em 28 de agosto de 1926, sob a denominação de Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Em 8 de maio de 1948 foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e, em 15 de julho de 1969, com o processo de federalização, tornou-se UFV até os dias atuais. Além do campus de Viçosa, a UFV possui dois outros, em Minas Gerais, localizados nas cidades de Florestal e Rio Paranaíba.

Desde o ano de 1929 a instituição realiza a Semana do Fazendeiro, evento de extensão com uma história de mais de noventa anos de realização quase ininterrupta, perpassando as três fases até então delimitadas na história da instituição. A escrita do presente trabalho nasceu de uma solicitação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PEC, em julho de 2019, de organizar uma exposição comemorativa, quando a Semana do Fazendeiro completaria 90 anos. A incursão feita por este pesquisador nos documentos deste evento despertou o interesse em reunir tais informações, no intuito de preservar a sua memória. O recorte escolhido compreende os anos de 2009 a 2019, período no qual ocorreram mudanças estruturais, com a inclusão de ações que agregaram à Semana do Fazendeiro novas propostas extensionistas que se somaram à proposta central do evento, baseada na oferta de cursos de curta duração.

Metodologicamente, a pesquisa empreendida tem caráter qualitativo, utilizando métodos de pesquisa bibliográfica-documental e entrevistas, com pesquisas realizadas nos documentos da Secretaria Permanente do evento e no Arquivo Central Histórico da UFV (ACH). Por pesquisa documental entende-se aquela que utiliza fontes primárias, constituídas por dados e informações ainda sem tratamento analítico ou científico. É o que afirmam Guba & Lincoln, apud Luvezute Kripka, Scheller e Bonotto¹, para os quais a pesquisa documental consiste no exame dos diversos materiais ainda não utilizados, ou mesmo podem ser reexaminados, denominados documentos, nos quais são buscadas interpretações ou informações. Assim, depreende-se que pesquisa documental é o método a partir do qual obtém-se dados estritamente oriundos de documentos, no intuito de se captar destes a informação ali encerrada, em busca da compreensão de um fenômeno.

O trabalho de campo consistiu de aplicação de questionários em formulário eletrônico enviado a dois grupos de sujeitos sociais, sendo o primeiro composto por ministrantes dos

¹ GUBA, E.; LINCOKN, Y. 1981. *Effective Evaluation*. São Francisco: Jossey-Bass. *In*: KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. **Pesquisa Documental**: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. CIAIQ2015, v. 2, 2015.

curso da Semana do Fazendeiro e o segundo por ex-gestores da extensão na UFV, que estiveram à frente da realização deste evento. O primeiro grupo composto por 27 (vinte e sete) pessoas, junto aos quais buscou-se investigar os motivos que os levam a contribuir com esta ação de extensão e qual é a visão destes a respeito deste tema, após as mudanças ocorridas na seara da extensão universitária dentro do período escopo deste trabalho. O segundo composto pelos 8 (oito) ocupantes do cargo de Pró-Reitor de Extensão e Cultura, escolhidos intencionalmente, junto aos quais buscou-se entender os avanços e desafios enfrentados em suas gestões à frente da Semana do Fazendeiro. Partiu-se da hipótese de que há um equilíbrio de forças entre os centros de ciência da UFV e dos parceiros internos e externos na produção de conteúdos de treinamento oferecidos para a Semana do Fazendeiro. O sistema computadorizado de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro foi utilizado para buscar, avaliar e comparar tais informações a fim de confirmar ou não essa hipótese.

Com o objetivo de analisar o corpus textual dos questionários aplicados, organizar e categorizar as respostas de acordo com a identificação de similaridades, utilizou-se o método da análise de conteúdo conforme proposta de Bardin² e uso de planilha eletrônica. O método da análise de conteúdo consiste na organização da análise, realizada em três fases a saber: pré-análise, exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase de pré-análise dedica-se à organização do material a ser analisado, realizada por meio de leitura, escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos, referenciação de índices e elaboração de indicadores e a preparação do material. A segunda fase da exploração consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração para então realizar a categorização. Por último, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, configura-se a fase em que os resultados são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

O caráter de longevidade da Semana do Fazendeiro e a necessidade de se efetuar o registro deste evento para as próximas gerações traz à lume os conceitos de Memória e História, além das reflexões sobre Extensão, Documento e Patrimônio Científico.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) conceitua documento como “qualquer suporte que contenha informação registrada, [...] incluindo impressos, manuscritos, registros audiovisuais e sonoros, imagens sem modificações, independentemente do período decorrido desde a primeira publicação”³.

² BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011. p. 47.

³ Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. 2002. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT. pág. 2.

Em qualquer trabalho de pesquisa desta natureza, uma das primeiras tarefas a executar é o exame dos documentos produzidos pelo evento, escritos e iconográficos, em paralelo aos registros históricos, tais como livros, dissertações e artigos, situando-os ao momento histórico dessas produções. De acordo com Michel-Rolph Trouillot, “a história sempre é produzida num contexto histórico específico. Os atores históricos são também narradores e vice-versa”⁴. Corroborando com Trouillot, De Decca afirma que “como produção deliberada, a memória histórica, ao longo de nosso século, foi sempre o instrumento de poder dos vencedores”⁵. A conclusão é de que aquele que se propõe a pesquisar deve, portanto, buscar nos documentos a confrontação com o que foi dito e registrado, de maneira que os registros se confirmem ou que a realidade seja reconhecida. Ainda sobre esta questão Eric Hobsbawm⁶, afirma que “é vital o historiador lutar contra a mentira. Ele não pode inventar nada, e sim revelar o passado que controla o presente às ocultas”. Tais afirmações coadunam com a necessidade de, enquanto pesquisador, espelhar neste trabalho a seriedade e a responsabilidade que o historiador deve ter ao buscar acrescentar novas páginas à história contada, que contribuam para evidenciar aquilo que porventura ainda não tenha sido escrito e seja efetivo nesta missão. Ainda segundo Hobsbawm⁷, o historiador tem como função “relembrar o que outros esqueceram ou querem esquecer”. Há que estar atento ao que os documentos revelam. Le Goff⁸ adverte que “cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”, mas procurar em suas fontes as respostas para suas indagações. Importante destacar ainda Carlo Ginzburg⁹ que preconiza ser necessário ao historiador praticar o distanciamento. Segundo o autor, “a objetividade só pode ser alcançada observando-se a realidade do exterior, de longe: de uma posição periférica e marginal”.

David Lowenthal¹⁰ chama a atenção para a necessidade de realizar a busca de informações do passado a partir de três fontes: memória, história e fragmentos. O autor descreve memória e história como processos de introspecção, com fronteiras delimitadoras praticamente imperceptíveis, mas diferenciadas. Para ele “a memória é inevitável e indubitável *prima-facie*;

⁴ TROUILLOT, Michel-Rolph. Prefácio: O poder na estória. In: **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016, p. 53.

⁵ DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e Cidadania. In: **Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, pp. 133.

⁶ HOBBSAWM, Eric. In: Luta contra a mentira. **Revista Época** - 4/08/2003. Editora Globo. São Paulo. p. 101.

⁷ HOBBSAWM, Eric. Globalização, democracia e terrorismo. Companhia das Letras, 2019. p. 9-10

⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 538.

⁹ GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 191.

¹⁰ LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Tradução de Lúcia Haddad. Projeto História, São Paulo, n. 17, jul-dez 1998, p. 66. Disponível em

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110/8154>>. Acesso em 30 nov. 2022.

a história é contingente e empiricamente verificável. Ao contrário de memória e história, fragmentos não são processos, mas resíduos de processos¹¹”. A Semana do Fazendeiro faz parte tanto da história da UFV quanto das memórias dos seus servidores, participantes, alunos e moradores da cidade. Cada segmento desse público diverso encerra parte da memória deste evento. Nessa perspectiva, a Semana do Fazendeiro configura-se como um lugar de memória, como descreve Pierre Nora¹², segundo o qual não há memória espontânea. Há a necessidade de se criar arquivos, “manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

O tema da memória traz ainda dois aspectos descritos por Maurice Halbwachs, segundo o qual há uma memória individual, mas também a memória do conjunto da sociedade, denominada memória coletiva. Segundo o autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”¹³. Os atores envolvidos neste evento, com efeito, são membros ao mesmo tempo de vários grupos, maiores ou menores. Halbwachs afirma que o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência. A memória sempre é construída em grupo, mas também constitui um trabalho do sujeito, havendo, portanto, uma relação entre o individual e o coletivo. Pessoas diferentes, de lugares, realidades e com objetivos diferentes, se encontram na Semana do Fazendeiro a cada ano, recebem treinamento, conagração e participam da construção da memória coletiva do evento, ao mesmo tempo em que cada um desenvolve a sua memória individual, num processo imperceptível de construção. Michael Pollak¹⁴ acrescenta a este tema o caráter transitório da memória. Pollak diz que “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. “Escrever a respeito do passado pode trazer à tona conflitos entre a memória e a história. Nesse sentido, Sarlo adverte que “o passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história acredita na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança”¹⁵. Por sua vez, Ricoeur levanta a importância da história de exercer vigilância sobre a memória. Segundo o autor, “em razão de sua função crítica, cabe

¹¹ Ibidem. p. 66.

¹² NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p.13, dez. 1993. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC.

¹³ HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva e a Memória Individual. In: **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990. p. 51.

¹⁴ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

¹⁵ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: Editora UFGM, 2007, p. 9.

à história remediar e corrigir, ao mesmo tempo, as fragilidades e os abusos da memória”. A despeito dos conflitos existentes entre história e memória, Seixas¹⁶ aborda a perseverança desta segunda, ao afirmar que “a memória, no entanto parece perseverar, de forma clandestina e poderosa à maneira que lhe é própria, em sua relação sempre atual com a história”.

A conceituação de extensão é abordada neste trabalho na ótica de Paulo Freire¹⁷, que opõe em seu livro os termos extensão e comunicação. O autor critica o modelo tradicional de extensão rural, realizado numa relação de difusão tecnológica, propondo a comunicação, através da troca de saberes. Para Freire, “na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo”. A extensão é também tratada neste trabalho a partir das reflexões de Gadotti¹⁸, que aborda o confronto entre duas vertentes da extensão universitária, sendo uma alinhada com a “transmissão vertical do conhecimento” e outra que entende a extensão como “comunicação de saberes”. O autor enfatiza que a extensão deve exercer influência tanto no ensino quanto na pesquisa, não podendo, portanto, ser isolada deles. O tema do patrimônio cultural também se faz presente, pela ampliação do termo trazida pela Constituição de 1988¹⁹, ao definir os “bens culturais de natureza material e imaterial” (art. 216) destacado por Fonseca²⁰, que inclui no rol dos bens culturais a serem preservados a partir de então, “criações científicas, artísticas e tecnológicas”. Este trabalho relaciona a Semana do Fazendeiro à discussão sobre o tema do patrimônio cultural de ciência e tecnologia. Neste sentido, Granato²¹ conceitua este tema dizendo que esta vertente é composta do “conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além de todos aqueles objetos [...] coleções arqueológicas, etnográficas e espécimes das coleções biológicas que são testemunhos dos processos científicos e do desenvolvimento tecnológico”. O autor ainda acrescenta a esta lista os edifícios e construções onde tais atividades se desenvolvem.

¹⁶ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: problemáticas atuais. *In*: BRESCIANI, Stella & Naxara, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)Sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 44

¹⁷ FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006, p. 67.

¹⁸ GADOTTI Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, Fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extensao_Universitaria_Moacir_Gadoti_Fevereiro_2017.pdf>. Acesso em 9 abr. 2022. p. 2.

¹⁹ BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 11 Out 2022.

²⁰ FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, v. 28, p. 59-79, 2003.

²¹ GRANATO, M. Panorama sobre o patrimônio de Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C&T. *In*: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. **Cultura material e patrimônio de ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 79.

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes assim desenvolvidas: Primeira parte: O capítulo 1 aborda revisão bibliográfica de livros, dissertações e teses produzidas no âmbito da UFV desde a criação da ESAV, no intuito de se conhecer a memória da instituição já registrada, buscando situar a origem da instituição no cenário histórico, econômico e político do País e do mundo. Aborda ainda a origem da prática extensionista e da Semana do Fazendeiro, o Mês Feminino, evento de extensão destinado às mulheres e encerra com levantamento das opções de Feiras e Semanas Agrícolas do estado de Minas Gerais.

O capítulo 2 descreve a organização do evento e suas relações com os docentes, discentes e parceiros internos e externos à UFV na gestão de todo o processo de realização das atividades. Descreve as transformações e memórias do evento, analisa o perfil do participante dos cursos e os envolvimento dos parceiros em termos de oferecimento de conteúdos. Finalizando, o pesquisador aponta a fragilidade detectada durante o processo de pesquisa, em relação à possibilidade de perda do patrimônio científico que o evento representa para a sociedade, em face do desconhecimento dos servidores da instituição sobre o tema, que dificulta o processo de guarda e descarte de documentos e objetos de importância histórica.

O capítulo 3 realiza a análise do corpus textual dos questionários enviados a dois grupos de pessoas envolvidas no evento. O primeiro composto por uma amostra de ministrantes dos cursos de curta duração da Semana do Fazendeiro, que atuaram no evento entre os anos de 2009 e 2019, do qual se investiga o que entendem sobre o fazer extensionista e o que os motiva. Esta pesquisa envolveu outro grupo composto pelos gestores da UFV que atuaram como Pró-Reitores de Extensão e Cultura desde a criação do órgão, dos quais buscou-se compreender os desafios e avanços do evento durante cada gestão.

Segunda parte: O capítulo 4 configura-se como uma forma de retorno à sociedade, prevista no mestrado profissional, materializando-se uma ação facilitadora da disseminação do conhecimento. Dialogando com os conceitos teóricos abordados, apresenta-se proposta de elaboração de livreto ilustrado contendo a história dos primórdios da Semana do Fazendeiro, as recentes mudanças ocorridas na dinâmica do evento, as contribuições dos centros de ciência, parceiros internos e externos à UFV no oferecimento dos conteúdos do formato atual, permeado das memórias contidas nas falas dos gestores e dos ministrantes entrevistados. Este produto extrapola o período do presente trabalho a fim de evidenciar as particularidades da edição virtual realizada em meio à pandemia do Coronavírus, no ano de 2021, concluindo com a necessidade de preservação da memória deste evento de extensão.

Parte 1

CAPÍTULO 1 - A UFV, a prática extensionista brasileira e a Semana do Fazendeiro: panorama histórico

1.1. A memória da UFV e a gênese da extensão brasileira

A UFV tem sido objeto de obras tanto memorialistas quanto acadêmicas ao longo de sua história, com objetivos variados. Este trabalho lançou mão de alguns destas obras, dentre os quais, a dissertação de Pompermayer²², que analisou as publicações oficiais da Instituição, de 1939 a 2016, no intuito de conhecer as memórias oficiais, entender suas estratégias de usos e a lógica de seleção do seu conteúdo. Do estudo e análise das fontes pesquisadas, a autora observou, dentre outras características, a ausência de comparação com outras instituições de ensino superior e a particularidade de os registros serem efetuados por um grupo seleto de memorialistas previamente autorizados a falar dessas memórias, escritas em datas comemorativas e com caráter celebrativo. O trabalho ainda destaca como características destes registros um estilo de escrita rebuscada, a ausência de referências bibliográficas ou metodológicas, configurando a intencionalidade de reforçar a ideia de originalidade. Chama a atenção ainda, em seu texto, para a função social da memória institucional, como forma de perpetuar a transmissão do conhecimento ao longo do tempo e a manutenção de uma imagem positiva. O texto finaliza com alerta da necessidade de se identificar a diversidade da memória institucional, bem como os apagamentos - institucionais ou estratégicos - que podem ter um caráter opressor e desigual na escolha das narrativas que compõem a memória oficial. Outra constatação da autora, foi de que o registro das memórias da UFV encontra-se desconectado da realidade, num padrão que se repete ao longo da história da instituição. De acordo com Pompermayer²³:

[...] as mudanças na sociedade brasileira e nas suas relações, no final do século XIX e início do século XX, influenciaram o surgimento e o desenvolvimento do tipo de ensino agrícola que viria a ser realizado, a partir da década de 1920, na ESAV. Porém, isso não é claro entre as publicações referentes às memórias oficiais, que também deixam escapar outros acontecimentos que se sucederam, como a saída vitoriosa dos Estados Unidos da Primeira Guerra Mundial e suas investidas expansionistas na disputa da

²² POMPERMAYER, Izabel Moraes. Continuidades e discontinuidades da memória: um estudo sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (MG) por meio de publicações de 1939 a 2016. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018. p. 52-65.

²³ POMPERMAYER, Izabel. *ibidem*, p. 113.

hegemonia econômica e política mundial; os desejos pela diferenciação e pelo aumento da produção agrícola do Brasil; a disputa política e econômica, principalmente entre Minas Gerais e São Paulo; a crise da economia mundial; o aumento da expressão política pelos segmentos urbano-industriais no país, a Revolução de 1930, etc.

À luz das considerações de Pompermayer, este trabalho revisitou material bibliográfico que registrou as memórias oficiais da UFV e da Semana do Fazendeiro, no intuito de buscar estabelecer uma conexão dessas com a história do País. Além da pesquisa bibliográfica foi realizado um levantamento junto aos acervos documentais, tanto no ACH-UFV quanto na Secretaria Permanente do evento, transportando-nos aos estudos empreendidos pelo historiador francês Jacques Le Goff²⁴, em “Documento/Monumento” citando Fustel de Coulanges que afirma ser a única habilidade do historiador, “tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos”. Pela proximidade entre o objeto da pesquisa e o pesquisador, enquanto funcionário do setor, correu-se o risco de selecionar documentos que ratificam uma versão pessoal da história, o que não seria honesto, nem para com os documentos, nem com aqueles que terão acesso ao trabalho. O cuidado, portanto, fez-se necessário, para que os possíveis apagamentos, os interesses diversos, e as relações de poder sejam identificados e postos à luz nestas páginas.

Outra fonte de pesquisa para o presente trabalho foi o Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro, software que guarda a série histórica dos dados de participantes, ministrantes e cursos oferecidos, desde o ano de 2008, denominados por Le Goff²⁵ como o “novo documento, armazenado e manuseado nos bancos de dados” e que fazem parte da revolução documental descrita pelo autor. A partir do referencial teórico, do conjunto de documentos e dados, foram acrescentados novos fatos ao que já foi escrito sobre a Semana do Fazendeiro, em especial sua trajetória ao longo das décadas, como parceira da UFV no campo da extensão. Salienta-se que, assim como Pompermayer, no que se refere ao registro da memória da Semana do Fazendeiro, verificou-se desconexão em relação à história do Município de Viçosa, do Estado de Minas Gerais ou mesmo do País. Os registros oficiais, especialmente no periódico “UFV Informa”, atualmente denominado “UFV em Rede²⁶”, contém as datas de início e final do evento Semana do Fazendeiro, número de público participante, nomes de

²⁴ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 527.

²⁵ Ibidem, p. 533

²⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. DCI. Consulta de notícias. Disponível em <<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/listaNoticiasPortalCCS.php>>. Acesso em 3 jan 2023.

autoridades presentes às cerimônias de abertura do evento, sem estabelecer uma conexão entre cada edição da Semana do Fazendeiro e o momento histórico ou político externo à Universidade, à época de sua realização.

Não obstante as análises até aqui tecidas em relação ao trabalho efetuado pelos memorialistas da UFV, tais contribuições, ainda que produzidas para eventos comemorativos, com distanciamento do cenário regional ou nacional, guardam riqueza de conteúdo, e mostraram-se como únicas fontes de pesquisa dos fatos que os sucederam. A obra “Legislação de importância histórica: Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV - 1926-1948; Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG - 1948-1969; Universidade Federal de Viçosa - UFV - 1969, de 2010”, de Borges e Sabioni²⁷, apresenta uma cronologia da história da instituição, num trabalho de pesquisa realizado em publicações e documentos históricos a partir de uma coletânea de recortes de leis, decretos, atas, resoluções, regulamentos, estatutos, etc. Esse trabalho de pesquisa, de acordo com o texto de apresentação, teve duração de cerca de dez anos, envolvendo buscas de informações dentro e fora da Instituição.

O presente trabalho guarda certa semelhança com outra produção elaborada no âmbito da UFV, com o objetivo de “contar a história da caminhada da Zootecnia em Viçosa”. A obra editada por Jango Júnior, Leão, Assis e Obeid²⁸, de 2007, lançada por ocasião das comemorações dos oitenta anos do Departamento de Zootecnia, descreve as transformações do Departamento, desde sua organização, em 1927. Nas palavras de um dos autores, mais do que revirar o baú de lembranças e saudosismos, o trabalho buscou:

compreender como foi a caminhada e o que explica o chegar até aqui, deixando transparecer com maior evidência o que ainda há pela frente. Pois que damos voz e vez à memória não apenas para cuidar de nossos mortos, mas sim porque é preciso entender os passos que virão pela frente.²⁹

Nesse prisma, verifica-se a importância para uma instituição como a UFV, no limiar de seu centenário, registrar o seu passado. É a partir desse registro que se pode compreender a trajetória percorrida até os dias atuais, de fazermos as coisas da maneira como fazemos, comparar erros e acertos, como forma de entender esse processo e obtermos uma leitura mais

²⁷ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação de importância histórica:** Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV - 1926-1948, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG - 1948-1969, Universidade Federal de Viçosa - UFV - 1969. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2010. 407 p.

²⁸ JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Angelo Adriano Faria de; OBEID, José Antônio (Ed.). **80 anos de história do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa.** Viçosa, MG: UFV, Departamento de Zootecnia, 2007. p. ix.

²⁹ Idem.

acurada do presente. Corroborando, David Lowenthal³⁰, afirma que “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos”.

A obra “A Universidade Federal de Viçosa no século XX”, de Sabioni, Borges e Magalhães³¹, reúne imagens, documentos e depoimentos que ajudam a compreender o início da então ESAV, até a UFV, conta a história dos pioneiros, tanto da UFV quanto da criação da Semana do Fazendeiro.

Contribuem também com o presente estudo dois trabalhos de Lima, que trazem um retrospecto da história do Serviço de Extensão Rural no Estado de Minas Gerais, Estado no qual o serviço de extensão teve sua origem, sendo mais tarde difundido pelo país. O primeiro é sua dissertação “Da ACAR à EMATER-MG: Análise Crítica da Dinâmica de um Sistema de Extensão”, que contém uma análise do discurso extensionista difundido pela ACAR - Associação de Crédito e Assistência Rural, e sua sucessora EMATER - Empresa de Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais, desde sua origem, em 1948, até o ano de 1983. O segundo é o livro “O Serviço de Extensão Rural em Minas Gerais (retrospectiva)”, no qual o autor faz uma retrospectiva histórica da extensão brasileira, na visão de nove pioneiros deste serviço. Ainda que haja outras, estas foram as obras que forneceram as informações que serão discutidas e problematizadas ao longo deste trabalho.

Destaca-se ainda a obra “Práticas e Reflexões na Extensão Universitária - a experiência da Universidade Federal de Viçosa”, de Sousa, Moreno, Neves e Vieira³², publicada, no ano de 2017, como parte das comemorações do 90º aniversário de fundação da UFV, que contribuiu de maneira especial com este trabalho por registrar as mudanças ocorridas na estrutura da Semana do Fazendeiro entre os anos de 2008 a 2015. Em sua primeira parte, o livro propõe uma discussão conceitual a respeito da prática extensionista, bem como a gestão da extensão e os impactos dela decorrentes, no processo de formação dos alunos da instituição. A segunda parte do livro relembra a história da UFV, por sua vez extremamente ligada à história dos primórdios da extensão no país. Em sua terceira parte, a obra pontua os projetos de extensão de destaque dentro da instituição. Ao final, um ensaio escrito por um dos organizadores da obra, discute o “lugar da Universidade Pública e o papel da extensão na construção de uma sociedade democrática”. Esta obra constitui-se como uma das mais atuais fontes de pesquisa para o trabalho proposto. Vários dos autores citados colaboram e dialogam com o tema da extensão

³⁰ LOWENTHAL, David. Op. cit. p. 83.

³¹ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (ed.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. rev. e ampl. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2006, 671 p.

³² SOUSA, Diogo Tourino, MORENO, Andrea, NEVES, Clóvis A. e VIEIRA, Luciano B. **Práticas e Reflexões na extensão universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**. Editora UFV, 2017.

na UFV. Destaca-se nesta obra o esforço realizado empreendido para publicizar as várias frentes da extensão da UFV, dentre elas a Semana do Fazendeiro.

Finalmente cabe destacar, o trabalho dissertativo de Castro³³, “Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa”, que analisa a trilogia ensino, pesquisa e extensão ao longo de sua história em suas três fases. Este termo, utilizado para descrever um poema ou obra de qualquer natureza, dividida em três partes, será utilizado neste trabalho por sua familiaridade difundida tanto pelos memorialistas quanto pela administração superior.

O estudo da trajetória da Semana do Fazendeiro visa apresentar a história do evento e os rumos que a extensão tomou ao longo dos anos, a despeito da constatação de Pompermayer³⁴ de que, ao pesquisarmos sobre a história da Instituição, estaremos diante de textos escritos por pessoas que guardam relação estreita com a UFV, sendo inevitável que bebamos de uma fonte mais ou menos comum, já que “os livros mais antigos servem como matrizes para os mais recentes³⁵”.

As universidades surgiram no século XI, destinadas ao público intelectual, tendo o ensino como sua primeira missão. Durante algum tempo mantiveram-se alheias às demandas externas e aos problemas sociais de seu entorno. Somente no século XIX a pesquisa apareceria no cenário das universidades, seguida pela extensão, na Europa e EUA, na segunda metade do século, sendo que desse tripé ensino-pesquisa-extensão, Paula³⁶ afirma ser a extensão a última das três dimensões que constituem a universidade, a surgir. O autor atribui este fato a pelo menos três características da extensão: em primeiro lugar, por sua natureza interdisciplinar, segundo, pelo fato de as ações de extensão serem realizadas para além das salas de aulas e dos laboratórios e por último, pela extensão estar direcionada ao atendimento das demandas de um público amplo, difuso e heterogêneo. Tais especificidades, segundo o mesmo autor, podem explicar o fato das atividades extensionistas não serem adequadamente compreendidas e assimiladas pelas universidades.

Originária da pressão exercida pelas camadas da sociedade alijadas das prerrogativas da universidade após a revolução industrial, a extensão apresentou-se como uma forma de

³³ CASTRO, Maria Gontijo. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa, 159f. 2015.

³⁴ POMPERMAYER, Izabel. Op. cit., p. 67.

³⁵ Ibidem, p. 62.

³⁶ PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 29 nov. 2022.

alcançar, do lado de fora de seus muros, aquelas pessoas que não pertenciam ao seu núcleo de servidores, por meio de cursos e outras atividades a fim de atender a população adulta e pessoas economicamente desfavorecidas.

Rocha apud Oliveira e Goulart³⁷ referem-se a uma fase pré-extensionista praticada nas universidades medievais, que realizavam “ações de caráter religioso e filantrópico ao levar seus conhecimentos às classes mais pobres”, ações essas caracterizadas pelo assistencialismo. Oliveira e Goulart³⁸, analisando as “fases e as faces” da extensão, abordam a formação do conceito de extensão, desde as universidades medievais até sua concepção atual no contexto brasileiro. Segundo as autoras, a extensão universitária surgiu em Cambridge, Inglaterra, no contexto da Revolução Industrial e onde também nasceu o capitalismo, com o objetivo de suprir as necessidades da indústria nascente, fornecendo capacitação técnica aos trabalhadores pertencentes às camadas populares sem acesso às universidades. Caracterizada como a “fase/face de Prestação de Serviços, em que a extensão universitária, é impulsionada pelo crescimento industrial e demandas por qualificação profissional”.

Paula acrescenta que, na fase/face da prestação de serviços, a extensão universitária transitou da Inglaterra para a Bélgica, seguindo para a Alemanha e atingiu todo o continente europeu, e migrou para os Estados Unidos, cujas práticas foram decisivas para a modernização da tecnologia daquele país. De acordo com Paula³⁹, a extensão universitária manifestou-se em duas vertentes distintas: uma primeira, originada na Inglaterra que se disseminou pela Europa expressando:

o engajamento da universidade num movimento mais geral, que envolveu diversas instituições (o Estado, a Igreja, Partidos), que buscaram, cada qual à sua maneira, oferecer contrapontos às consequências mais nefastas do capitalismo.

E a segunda vertente da extensão:

... é protagonizada pelos Estados Unidos e tem como objetivo básico a mobilização da universidade no enfrentamento de questões referentes à vida econômica no sentido de transferência de tecnologia, da maior aproximação da universidade com o setor empresarial.

³⁷ OLIVEIRA, Fernanda; GOULART, Patrícia Martins. Fases e faces da extensão universitária: rotas e concepções. **Rev. Ciência em Extensão**. v. 11, n. 3, p. 10.

³⁸ Idem, ibidem.

³⁹ PAULA, João Antônio de. Op. cit. p. 9.

Paula conclui que ambas se encontram ligadas a duas modalidades do desenvolvimento capitalista, que se diferenciam pela abordagem encontrada para a resolução dos conflitos. Enquanto no modelo europeu as ações desenvolvidas buscaram legitimação e estabilidade mediante a implantação do Estado do Bem-estar Social, no modelo norte-americano essas ações apresentaram-se como de natureza rigorosamente liberal.

Analisando as “fases/faces” da extensão no contexto brasileiro, Oliveira e Goulart identificaram três fases, sendo a primeira, a fase da Prestação de Serviços, seguida pela fase do Assistencialismo e posteriormente pela fase da Extensão Dialógica, modelo que agrega ao extensionista a função de educador que fomenta o diálogo, assim definida por Schonardie⁴⁰ como a extensão na qual:

o extensionista educa dialogando e não apenas trazendo informações exógenas ao contexto camponês; lembrando que o próprio sujeito camponês passa a ser extensionista de seus conhecimentos, transformando o seu mundo, pela sua ação consciente, em um lugar melhor.

A extensão dialógica tem como característica a ação de mão dupla e a superação do modelo da hegemonia acadêmica sobre o saber popular, pelo emprego da troca de saberes.

A fase da prestação de serviços, nascida a partir de ações de ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural a agricultores, empreendidas pela Universidade Popular, pertencente à antiga Universidade de São Paulo, pela ESAV e pela Escola Agrícola de Lavras, no início do século XX, influenciadas pela extensão norte-americana. A Lei 5.540/68, Lei Básica da Reforma Universitária, reforça o caráter da primeira fase da extensão, à medida em que institui a extensão no âmbito acadêmico estabelecendo que as atividades de ensino e pesquisa realizadas no âmbito das universidades deveriam ser estendidas à sociedade por meio de cursos e prestação de serviços.

O assistencialismo predomina a partir do surgimento das ditaduras militares na América Latina, as quais passam a combater os movimentos estudantis. No Brasil, sob o discurso desenvolvimentista e da segurança nacional, o governo viabiliza ações de caráter assistencial, como o Projeto Rondon, a fim de envolver os estudantes e enfraquecer o caráter político da extensão universitária. Nogueira apud Oliveira e Goulart⁴¹, afirma que nesse momento da história brasileira, a União Nacional dos Estudantes “propunha uma atuação que levasse o estudante a participar da vida social das comunidades, propiciando a troca de experiências”.

⁴⁰ SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. A educação popular do campo como essência de uma extensão rural dialógica. **Educação Popular**, p. 111, 2022.

⁴¹ OLIVEIRA, Fernanda; GOULART, Patrícia Martins. op cit. p. 12.

A última fase/face da extensão brasileira tem origem ainda no período do governo militar, com extensionistas que, atuando na perspectiva de uma mudança social e de difusão cultural, passariam a discutir a missão social da universidade brasileira. De acordo com Oliveira e Goulart⁴², “ainda nesse período, o Ministério da Educação busca, a partir da criação de comissões específicas, formas de fortalecer e institucionalizar a extensão universitária”. Para tanto, destaca-se a criação do CODAE (Coordenação das Atividades de Extensão), extinta em 1979, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura e ao Ministério do Interior, responsável pela elaboração do Plano de Trabalho da Extensão Universitária, de influência Freireana, em especial a obra “Extensão ou Comunicação?”, de Paulo Freire⁴³, que propõe a substituição do conceito de extensão pelo da comunicação de saberes para a efetividade da atividade extensionista.

Por sua vez, Rocha⁴⁴ buscando entender o surgimento da extensão universitária no País no contexto das Instituições de Ensino Superior, identificou também três momentos distintos: o período das experiências pioneiras, entre 1912 a 1930; o período das experiências isoladas e de disseminação de ideias, alavancado a partir dos movimentos sociais, de 1930 a 1968, e o período de maior institucionalização da extensão. O autor destaca como exemplos do primeiro momento a criação da Universidade Popular em São Paulo e da ESAV de Viçosa, com os cursos de extensão como forma de prestação de serviços. O período das experiências isoladas coincide com o período nacional-desenvolvimentista e passa pelo início dos Governos Militares, que buscam redefinir a função da universidade de forma a contemplar as exigências do capitalismo internacional. É deste período a criação, dentre outros, do CRUTAC - Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária e o Projeto Rondon. O terceiro e último período estaria circunscrito aos anos de 1968 a 1976, cujos marcos são a publicação da Lei 5.540 de 1968, a redefinição da extensão proposta pelo então denominado CRUB - Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, o surgimento dos *campi* Avançados, a Coordenação Nacional dos CRUTACs e a Coordenação das Atividades de Extensão (CODAE), do Ministério da Educação e Cultura (MEC), a partir de quando as universidades passam a contar com estruturas administrativas de gestão das ações de extensão.

⁴² Idem, *ibidem*.

⁴³ FREIRE, Paulo. Op. cit. p. 93.

⁴⁴ ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** 1984. p. 54-56.

1.2. Da ESAV à UREMG. Da UREMG à UFV: a extensão rural a partir de Minas Gerais

A ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária foi idealizada a partir da publicação da Lei 761, de 6 de setembro de 1920, que autorizou o Governo do Estado de Minas Gerais, do então Presidente do Estado Arthur da Silva Bernardes, a criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária. O projeto visava sanar o problema do empirismo dominante na agricultura e na pecuária mineiras naquele momento. Assim, a escola a ser criada deveria “ministrar o ensino prático e teórico de Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentais que concorram para o desenvolvimento de tais ciências no Estado de Minas Gerais”⁴⁵. De acordo com Sabioni, Borges e Magalhães⁴⁶, conhecedor dos avanços que a agricultura norte-americana experimentava, Arthur Bernardes decidiu romper com a tradição de organização de escolas nos moldes europeus e optou pelo modelo norte-americano, cuja economia encontrava-se em expansão, após o fim da Primeira Guerra Mundial. Tal decisão o levou a solicitar do Embaixador do Brasil nos Estados Unidos a indicação de um profissional para “fundar, organizar e dirigir uma Escola Agrícola Moderna”, desafio aceito pelo professor norte-americano Peter Henry Rolfs, escolhido por ter exercido a função de professor e Diretor do Florida Agricultural College, no estado de Iowa, EUA, no qual se praticava o modelo de extensão implantado posteriormente em Viçosa. Segundo os autores⁴⁷:

Seguramente, por influência de Rolfs, foi decidido que a Escola funcionaria nos moldes dos *Land Grant Colleges*, com seus três campos básicos: ensino, pesquisa e extensão, já sobejamente provados em seu país de origem como responsáveis pelo extraordinário desenvolvimento da agropecuária.

Este modelo de escola difundiu-se nos EUA, a partir da Lei Morrill, de 1862, que propunha a concessão de terras públicas aos estados interessados em construir escolas para o ensino da agricultura e mecânica. De acordo com Baêta⁴⁸, “o foco era na Agricultura, Engenharia, Veterinária e Economia Doméstica; posteriormente, expandiu-se para outras áreas do conhecimento, contudo não perderam a filosofia dos *Land Grant Colleges*”.

⁴⁵ MINAS GERAIS. **Lei nº 761**, de 6/9/1920. Art. 4º.

⁴⁶ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 20.

⁴⁷ Ibidem, p. 21.

⁴⁸ BAÊTA, O. V. **Estratégias como práticas sociodiscursivas em uma universidade pública**: Uma abordagem crítica. Lavras: UFLA, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras. Orientador: Mozar José de Brito. p. 207.

Em agosto de 1921 Peter Rolfs apresentou o esboço do primeiro regulamento da Escola a ser fundada em Viçosa, na qual ocupou a função de organizador, posteriormente de Diretor, até fevereiro de 1929.

Para exercer a função de engenheiro-auxiliar nas obras de construção da ESAV, chegou a Viçosa, em setembro de 1922, João Carlos Bello Lisboa, que foi promovido à função de engenheiro-chefe em dezembro do mesmo ano. Sabioni, Borges e Magalhães registram o trabalho do recém-contratado engenheiro⁴⁹:

Em razão do vulto das obras e da falta de material de construção na região de Viçosa, decidiu criar vários serviços industriais, como uma pedreira, com grande capacidade de produção, diversas olarias, que produziram os mais de dois milhões de tijolos consumidos nas obras, uma serraria, uma carpintaria, uma marcenaria, uma ferraria e uma fábrica de telhas de cimento. A areia consumida nas construções foi toda extraída do subsolo local e todo o mobiliário da nova escola, inclusive o do salão nobre, foi feito na obra, assim como todos os ladrilhos, balaustradas, pedras plásticas e incrustações de mármore. Dessa maneira, grande economia foi feita e algumas centenas de brasileiros tiveram a oportunidade de receber ensinamento profissional e ser multiformemente assistidos.

A obra de construção da Escola foi inaugurada em 28 de agosto de 1926. Sabioni, Borges e Magalhães⁵⁰ afirmam que o prédio, inicialmente projetado para ter três andares, acabou sendo concluído com apenas dois, por falta de verba para a construção.

A cerimônia de inauguração, com celebração de missa na escadaria do primeiro edifício, Figura 1, contou com a presença de personalidades de destaque do cenário político estadual e nacional, além de representantes do clero. Bernardes, que autorizou a construção da Escola enquanto ocupante da cadeira de Presidente do Estado, compareceria ao evento como Presidente da República. O evento é descrito por Sabioni, Borges e Magalhães⁵¹:

Concluído o Prédio Principal, foi realizada a inauguração da Escola, em 28 de agosto de 1926, com muitas festividades. A cerimônia foi presidida pelo fundador da Instituição, Arthur da Silva Bernardes, então Presidente da República, e assistida pelo Presidente do Estado, Fernando de Mello Vianna, pelo Secretário da Agricultura de Minas, Daniel Serapião de Carvalho, pelo Monsenhor Alípio de Oliveira, representando o Arcebispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, por autoridades e numerosa assistência.

⁴⁹ Idem. p. 68.

⁵⁰ Idem. p. 33.

⁵¹ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit., p. 25.



Figura 1: Missa de inauguração do Prédio Principal - Edifício Arthur da Silva Bernardes
Fonte: ACH/UFV

Peter Rolfs ocupou o cargo de Diretor da Escola até o ano de 1929. Com sua saída, Bello Lisboa torna-se o Diretor⁵².

A ESAV envolveu-se com a prática da extensão rural desde o início de suas atividades, no intuito de ser uma instituição que viria a exercer influência nesta área visando promover a modernização da atividade agrícola mineira. Nesse intento, várias ações foram empreendidas na Escola, ao longo do ano, nos moldes das *Land Grant Colleges* dos EUA, de acordo com Sabioni, Borges e Magalhães⁵³:

Como parte da trilogia básica, a extensão sempre foi altamente considerada na ESAV, desde a Semana do Fazendeiro e em todas as épocas. Aliás, desde a origem, a Instituição tem agido e influenciado a extensão agrícola no País. De início, por meio de exposições, de boletins técnicos, respostas a consultas pelo diretor, vice-diretor e professores, cerca de 100, por ano, e sobretudo, pelo tratamento aos agricultores visitantes a quem eram ministrados “Cursos Breves”, de um dia.

⁵² UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Personagens e pioneiros**. Disponível em <<http://www.personagens.ufv.br/?area=joaoCarlos>>. Acesso em 13 jan 2023.

⁵³ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 34.

Silva⁵⁴ descreve a frágil posição econômica e política que o estado de Minas Gerais vivenciava em relação ao estado de São Paulo, na disputa pela hegemonia econômica, comercial e de geração de renda, contextualizando a decisão do Governo de Minas de investir em instituições modernas capazes de transformar a agricultura em um forte pilar da economia:

Tal iniciativa buscava atender às necessidades manifestadas pelas elites agrárias, que sabiam ser a agricultura um dos alicerces da economia brasileira. Nessa época, a situação sócio-econômica de Minas Gerais apresentava dificuldades que entravavam o crescimento da principal atividade econômica, a agricultura. Durante a República Velha, Minas encontrava-se numa posição inferior a São Paulo nos aspectos econômicos, exigindo da parte do governo medidas para superar suas dificuldades produtivas, de acumulação e geração de excedentes.

Nesta vertente, Coelho⁵⁵ afirma que o contexto da criação da ESAV coincide com a crise da economia agroexportadora brasileira, na qual um único produto, o café, alcança status de primeira grandeza na dinâmica político-econômica nacional. Tal cenário evidencia a importância da criação de uma escola para estado de Minas, bem como para país a fim de superar esta fase, agregando à agricultura e à pecuária as inovações e a metodologia de aprender fazendo, importada dos Estados Unidos.

O modelo de *Land Grant College* brasileiro, entretanto, difere-se do norte americano, por não prever, como no seu país de origem, segundo Coelho⁵⁶, “uma estrutura industrial agrícola ou de pesquisa, nem uma redistribuição de terras implementadas a partir de intervenção estatal ou uma organização de produtores como as americanas”. Este modelo brasileiro de escola agrícola, portanto, vem beneficiar o grande produtor que tinha condições de bancar o ensino agrícola superior de seus filhos e adquirir as máquinas e implementos agrícolas que o país importava a partir de então.

Enquanto o estado de São Paulo investiu na substituição da mão de obra escrava pelo imigrante recém chegado ao país, Minas Gerais e Rio de Janeiro se ocupavam do treinamento da mão de obra nacional livre, segundo Silva⁵⁷, decisão tomada no Período Imperial, por

⁵⁴ SILVA, Uíara Maria da. **Extensão universitária: a interação do conhecimento na semana do fazendeiro** – UFV. 1995. 199p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 1995. p. 42-43.

⁵⁵ COELHO, France Maria Gontijo. **A produção científico-tecnológica para agropecuária: da ESAV à UREMGE, conteúdos e significados**. 1992. 243f. Tese (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 1992.

⁵⁶ Ibidem, p. 46.

⁵⁷ SILVA, Fabrício Valentim da. **Ensino agrícola, trabalho e modernização no campo: a origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1929)**. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFU, Uberlândia, 2007, p. 34.

ocasião do Congresso Agrícola de 1878, que reuniu representantes da cafeicultura das províncias de São Paulo, Minas Gerais e do Espírito Santo, a fim de debater os obstáculos que afligiam os produtores. As diferenças de rumos entre esses dois estados, chegam ao período republicano. Enquanto em São Paulo a iniciativa de modernização do setor agrário partiu das elites econômicas, segundo Matta-Machado⁵⁸, em Minas o protagonismo ficou com a elite política, de modo que por iniciativa de Arthur Bernardes concretizou-se a criação da ESAV, que segundo Coelho⁵⁹, a nova Escola criada no interior de Minas Gerais era:

Um local não só de experimentação e difusão de modelos agrícolas, forma de organização do trabalho com a terra e com os animais, mas também de concepção de um mundo racional, eficiente e produtivo, enfim, capitalista.

A metodologia de ensino da ESAV, baseada no modelo americano de aprender fazendo, sustentada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, tinha como alvo a criação de uma nova classe de produtores rurais cujos conhecimentos, uma vez aplicados à lavoura, mediante o uso de máquinas para expansão da produção, reduzindo tempo e esforço humanos, alavancariam a economia do estado, incrementando a produtividade das fazendas e gerando riqueza para o país. De acordo com o primeiro Diretor da ESAV, Peter Henry Rolfs,

O ensino agrícola visa de modo especial a educação dos filhos de agricultores, com o fim de aumentar a riqueza das fazendas, pela aplicação dos métodos mechanicos modernos, pelo aperfeiçoamento das culturas existentes e pela introdução de novas espécies de plantas e animaes⁶⁰.

O fim da época da exploração do ouro que proporcionou a Minas Gerais posição de destaque no cenário nacional nos primórdios da ocupação da região, trouxe para a liderança local o desafio de buscar na terra a substituição da riqueza mineral que se esgotara. Não havia mão de obra que fizesse frente à necessidade urgente de geração de renda e riqueza de que o estado precisava naquele momento adverso para a economia, especialmente diante da concorrência com São Paulo. Era, portanto, urgente que Minas oferecesse uma resposta a essa necessidade e, segundo Silva “as autoridades entenderam que a criação de uma Escola Agrícola era uma estratégia política para tentar reverter a crise com a formação de técnicos para atuarem

⁵⁸ MATTA-MACHADO, Bernardo. **O poder político em Minas Gerais: estrutura e formação. Análise e conjuntura**. Fundação João Pinheiro: Belo Horizonte. v. 2, ano I. p. 104.

⁵⁹ COELHO, France Maria Gontijo, Op. cit., p. 45.

⁶⁰ ROLFS, P. H. O ensino agrícola mineiro e brasileiro. In: **Conferência Nacional de Educação 2**. Belo Horizonte, 1928, p. 11.

juntamente com os agricultores”⁶¹. Assim, não só foi criada uma Escola, “mas também se institucionalizou a expectativa de que sua instalação proporcionaria resultados para melhoria das condições sociais e produtivas, alterando o quadro observado”⁶².

Observa-se assim, que a construção da ESAV se constitui num projeto tanto ideológico quanto pedagógico, que tinha em mente alcançar o desenvolvimento econômico do estado. Apesar disto, Castro⁶³ destaca que o “projeto da escola foi desenvolvido dentro de um programa de racionalização do meio rural, sob contornos ideológicos reformistas, sem questionar a estrutura fundiária e respectivas relações de trabalho que a sustenta”.

Inaugurada a Escola no final do mês de agosto de 1926, a primeira aula na ESAV foi ministrada pelo professor Diogo Alves de Melo, para a turma dos alunos do curso médio. Neste dia, de acordo com Paniago⁶⁴, “a Escola iniciou seus trabalhos, com a instalação dos cursos Fundamental e Médio, com um total de 25 alunos matriculados”. Ao final daquele ano, o presidente Arthur Bernardes entregaria a presidência do País ao seu sucessor, o paulista Washington Luis, último presidente da República Velha, num governo marcado pela crise econômica de 1929 e pela ruptura da política do café com leite, por meio da qual havia a alternância no cargo de Presidente da República, ora ocupado por um político paulista, ora por um mineiro, representantes das principais legendas republicanas daquele período.

Peter Rolfs dirigiu a ESAV até 1929, sendo substituído por João Carlos Bello Lisboa, reconhecido como o consolidador da obra Rolfs, e de acordo com Sabioni, Borges e Magalhães, exerceu as funções de Engenheiro-auxiliar e Engenheiro-chefe durante as primeiras edificações da Escola. Posteriormente foi “professor catedrático de Engenharia Rural, por nomeação - como era possível naquele tempo - e vice-diretor de 1926 a 1929, tendo como principais funções a de manter a disciplina e a de incrementar nos alunos a frequência às aulas”⁶⁵. Bello Lisboa dirigiu a ESAV até o início de 1936⁶⁶.

Em 1948, com a Lei Estadual 272, a ESAV alcança o status de universidade, a partir de então, como UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, altera seu funcionamento institucional, integrando a Escola Superior de Agricultura, a Escola de Ciências Domésticas e de Especialização, e os Serviços de Extensão e de Experimentação e Pesquisa.

⁶¹ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 43.

⁶² Idem, *ibidem*.

⁶³ CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 13.

⁶⁴ PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa, mudanças socioculturais: evolução histórica e tendências**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 1990. p. 151.

⁶⁵ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 32.

⁶⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Personagens e Pioneiros**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=joaoCarlos>>. Acesso em 14 fev. 2023.

A criação da UREMG aconteceu pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial no momento em que a economia brasileira, de acordo com Silva⁶⁷, experimentava o processo de “substituição de importações, buscando o desenvolvimento após a superação do modelo agrário exportador, com a industrialização tornando-se a estratégia político-econômica mais importante”.

Em seus estatutos, aprovados em 1950, é patente que a nova Instituição desenvolveria, de forma integrada, as atividades de ensino, pesquisa e extensão. De acordo com Sabioni, Borges e Magalhães⁶⁸, esta foi a década na qual se deu um intenso processo de expansão e modernização da Instituição, sendo apontada como a fase de maior prosperidade da sua história. Novos departamentos foram criados, assim como diferentes disciplinas, com destaque para o Departamento de Defesa Fitossanitária, embrião do curso de Mestrado em Fitopatologia. Todos esses avanços ocorreram no contexto do processo de modernização da produção agrícola em Minas Gerais e no País e do farto aporte financeiro decorrente da celebração de convênios de cooperação técnica com instituições norte-americanas, os quais elevaram a Instituição ao patamar de referência em extensão rural e no estudo das ciências agrárias no País. Em 1955 a UREMG teve incorporada à sua estrutura, o campus da EMAF - Escola Média de Agricultura de Florestal⁶⁹.

Enquanto ESAV, o Departamento de Educação, criado em 1939, promoveu avanços no campo da extensão, sendo responsável por organizar e coordenar tais atividades, todavia, com a UREMG esta área foi consolidada como atividade sistemática, materializada com a criação do Serviço de Extensão, composto por um corpo de especialistas formado por conservacionistas de solos, zootecnistas, agrônomos, médicos veterinários e de orientadoras na área da economia doméstica. Seu regimento previa a criação de escritórios regionais implantados em diferentes regiões do Estado de Minas Gerais. Ribeiro e Valentim⁷⁰ registram que “a UREMG contava com uma boa infraestrutura para as suas atividades de extensão, em todo o território mineiro, quando iniciou sua atuação nos programas da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR)”, entidade criada a partir de acordo entre o Governo de Minas e a AIA - American International Association, dirigida pelo norte-americano Nelson Rockefeller, que viabilizou a

⁶⁷ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 54.

⁶⁸ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit., p. 96.

⁶⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Campus de Florestal. Disponível em: <<https://www.ufv.br/historia/>>. Acesso em 28 jan 2023.

⁷⁰ RIBEIRO, M. G. e VALENTIM, F. A Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e a Extensão Rural nos Marcos dos Acordos de Cooperação Bilateral Brasil-Estados Unidos (1948-1969). In: Sousa, Diogo Tourino et al. **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**, Editora UFV, 2017, p. 79.

implantação de um programa de assistência técnica e financeira, visando promover a melhoria das condições de vida no meio rural, por meio do incremento da produção agrícola. A ACAR prestava assistência técnica aos pequenos fazendeiros e suas famílias, com atuação dos engenheiros agrônomos na inspeção das propriedades e das supervisoras domésticas, na disseminação de noções de saneamento, nutrição e puericultura.

Neste contexto, de acordo com Gontijo⁷¹, a extensão rural:

surge como um dos instrumentos de transferência de modelos americanos de difusão de práticas modernas da agricultura e as instituições de ensino ocupam lugar destacado nessa tarefa e, portanto, tornaram-se bases dos programas de cooperação e assistência técnica.

A experiência da UREMG com a formação do pessoal que atuava junto à ACAR foi a base para a posterior implementação da Escola de Ciências Domésticas, inaugurada em 1952 e o curso de graduação em Economia Doméstica, criado a partir de convênio firmado entre a UREMG e a Purdue University, dos EUA, implantado na Escola em 1954, com o objetivo de formar profissionais para trabalhar no emergente programa de extensão rural, abrindo espaço para a formação das mulheres em uma escola até então exclusivamente frequentada por homens.

Em 1969, com o Decreto-Lei 570, a UREMG foi federalizada, tornando-se a atual Universidade Federal de Viçosa - UFV, vinculada ao Ministério da Educação. De acordo com Silva⁷², tal mudança representou “um marco da ampliação de seus compromissos históricos de defesa da causa agrícola”. Em pleno período do milagre econômico brasileiro, a UFV era “convocada para contribuir para a modernização efetiva da economia nacional”⁷³. Como parte de um processo de emparelhamento ideológico e de sustentação do sistema que envolveu outras instituições de ensino no país, a federalização aconteceu no contexto da Ditadura Militar⁷⁴, que compeliu a UFV a contribuir no sentido de fortalecer e ampliar o papel do Brasil como celeiro agrícola internacional, satisfazendo os interesses comerciais dos Estados Unidos, desde o início ligados à história da Instituição.

Não obstante as motivações de natureza político-econômicas apresentadas, Silva⁷⁵ evidencia que a UFV, desde a sua origem e em sua trajetória, mediante convênios celebrados com entidades de fomento ao crédito e à pesquisa, e serviços de extensão prestados aos

⁷¹ CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 23.

⁷² SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 58.

⁷³ Idem.

⁷⁴ POLITIZE! **Ditadura Militar no Brasil**. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>>. Acesso em 15 jul. 2022.

⁷⁵ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 60.

agricultores “definiu uma forma de relação com a sociedade e que a extensão se consagrou como contingente básico para elaboração de conhecimentos de caráter pragmático que nela se desenvolveram”. Sem dúvida, essa forma de fazer extensão, nascida nos *Land Grant Colleges* americanos foi esteio para a extensão universitária brasileira. Um excerto do periódico “Informe Acadêmico”, destaca a extensão universitária como uma forma de compartilhar a produção técnica e científica da universidade, premissa corroborada por Silva⁷⁶:

A Universidade Federal de Viçosa que, desde os seus primórdios orientou-se pelo espírito filosófico do desenvolvimento integrado do ensino, da pesquisa e da extensão, tem por objetivos: ministrar, desenvolver e aperfeiçoar o ensino superior, visando a formação e aperfeiçoamento de profissionais de nível universitário, estimular, promover e executar pesquisas e experimentos científicos e tecnológicos; promover o desenvolvimento das ciências, letras e artes, estender à comunidade sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades do ensino e dos resultados da experimentação e da pesquisa (UFV, 1983, p. 3).

O primeiro Estatuto da UFV, sob o conceito abrangente de universidade, contemplava a partir de então, além dos cursos das ciências agrárias, novos cursos das ciências humanas, letras e artes, cujos resultados de pesquisas igualmente deveriam ser levados à sociedade, na forma de ações de extensão. Em 2006, dentro do programa REUNI do Governo Federal, a UFV criou o campus Rio Paranaíba⁷⁷.

A história da extensão rural brasileira está ligada à ESAV que, por sua inserção na produção agrícola regional, projetou-se no contexto nacional ao ser transformada em UREMG, tornando-se uma das instituições pioneiras na prática extensionista rural do país. A mudança gradativa da Instituição e o contexto no qual tal transformação se deu são sintetizados por Ribeiro e Valentim⁷⁸:

A experiência de extensão rural desenvolvida pela UREMG, no entanto, só pode ser compreendida, por um lado, no contexto do intenso processo de modernização vivido pela agricultura brasileira, a partir do pós-guerra, e, por outro lado, no contexto de reconfiguração da geopolítica internacional que, naquele período, consolidava a hegemonia norte-americana, ao mesmo tempo em que reafirmava a inserção da economia brasileira como produtora de bens primários na divisão internacional do trabalho.

⁷⁶ Ibidem, p. 58-59.

⁷⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Campus Rio Paranaíba. Disponível em <<https://www.ufv.br/historia/>>. Acesso em 28 jan 2023.

⁷⁸ RIBEIRO, M. G. e VALENTIM, F. Op. cit. p. 85-86.

No contexto do pós-guerra, a extensão rural praticada pela UREMG serviu aos interesses norte-americanos como um eficiente instrumento de pacificação do campo, lugar de grandes tensões sociais no Brasil ao final da década de 1950 e início da década de 1960, de acordo com Ribeiro e Valentim⁷⁹:

Apresentando aos camponeses a oferta de crédito para as suas lavouras e promovendo junto a eles o ensinamento de novas práticas para a agricultura, os especialistas em extensão rural, chancelados pelos convênios de assistência técnica, também introduziam novos saberes, novos hábitos e difundiam crenças, o que implicava o seu disciplinamento e, conseqüentemente, um novo modo de vida, uma nova concepção de mundo. Amainavam-se assim aquelas tensões.

A ação extensionista aqui se incumbia de instaurar as bases da concepção de sociedade norteada pelo capital. O recém-criado Serviço de Extensão (1948) balizava-se pelo lema de “ajudar o agricultor a ajudar a si mesmo”. Nesse prisma, a assimilação de novos saberes e novos hábitos, de acordo com Silva e Lima⁸⁰, em entrevista aos técnicos deste Serviço, estes reiteraram que o trabalho de extensão era um processo de educação, no qual o técnico não fazia as coisas para o produtor rural, mas sim ensinava como fazer, partindo da realidade do agricultor e ampliando-a. Verifica-se nesse procedimento, os primeiros traços da extensão dialógica, na qual o técnico ainda que participasse em posição de superioridade, utilizava-se da instrução, da disposição de ensinar, sem, contudo, assimilar a consciência de estar inserido no processo de aprendizado e de troca de conhecimentos.

O início do Serviço de Extensão no cenário pós-guerra, com as dificuldades que o momento apresentava para o país, com carência de recursos de toda a sorte, como estradas, meios de comunicação e condições sanitárias é ricamente descrito nas palavras de Silva e Lima⁸¹:

O rádio era uma coisa desconhecida e o jornal não chegava a lugar nenhum. Com isso, trabalhava-se com uma população tradicionalista, com uma cultura embasada na tradição oral. O relacionamento do técnico com o agricultor era pessoal. Era um trabalho pessoal, direto com a família, com os grupos, cara a cara, realizado com uma dificuldade danada, porque infra-estrutura quase não havia. Os técnicos saíam para o campo levando sanduíches, senão passavam o dia inteiro sem comer. Levavam também garrafas de água, pois não havia água filtrada. Mecanização não existia, não havia estrada que prestasse. Era

⁷⁹ Ibidem. p. 86.

⁸⁰ SILVA, Maria do Carmo; LIMA, Antônio Luiz de. **O serviço de extensão rural em Minas Gerais (retrospectiva)**. Viçosa, MG: [s.n.], 1984. p. 21

⁸¹ Idem, p. 7.

uma fase heroica. Só Jipe chegava às propriedades, quando chegava, porque, às vezes, os técnicos ficavam perdidos nas estradas sem saber onde estavam.

Nesta conjuntura, o convênio entre a UREMG e ACAR, paralelamente à criação do Centro de Ensino de Extensão, possibilitou à Instituição impulsionar a extensão no país.

O Centro de Ensino de Extensão (CEE), criado em 1957, por meio do convênio entre a UREMG, a ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), a ABCAR (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural) e a ACARES (Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo), teve sua sede inaugurada no campus da UREMG em abril de 1964, foi considerado o maior centro permanente de treinamento em extensão do sistema de Serviço Assistência Técnica e Extensão do Brasil (ATER). Paralelamente, de acordo com Silva e Lima⁸², a ACAR foi a responsável pela introdução dos primeiros fertilizantes químicos e defensivos agrícolas no meio rural mineiro, da vacina contra aftosa e do milho híbrido, assim como pela difusão de tecnologia, e a comercialização desses novos produtos, devido à falta de estabelecimentos e profissionais especializados para tal. Contudo, apenas os grandes produtores, cuja produção era destinada à exportação, tinham acesso a política de crédito, assistência técnica e incentivo à pesquisa agropecuária, visando o incremento da produção. Naquele momento histórico não havia espaço para o pequeno produtor participar da revolução no campo.

A esse respeito, Moreira⁸³ pontua que:

Esse modelo de inserção de novas formas de cultivo, agregados a créditos e à assistência técnica tinham lacunas problemáticas, nas quais se destacam os pequenos agricultores, os quais não dispunham de capital necessário para adquirir o “pacote tecnológico”. Sendo assim, problemas sociais tais como o êxodo rural, o aumento da concentração fundiária, a desvalorização do trabalho rural, a baixa escolaridade no meio rural foram se tornando cada vez mais frequentes.

Somente a partir de 1996, com a reestruturação dos serviços de ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e com a implantação da PNATER - Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, tal situação começaria a ser corrigida através da implementação das políticas de fortalecimento da agricultura familiar.

⁸² Idem, p. 6.

⁸³ MOREIRA, K. F. **Reflexões sobre os serviços de extensão Rural Brasileiros**. Viçosa, 2017. 30 p. TCC (Agronomia) - UFV

Em períodos próximos à criação da ESAV houve outras iniciativas de organização de escolas com o objetivo de promover a modernização da atividade agrícola no país, sobre o tripé do ensino, pesquisa e extensão. Em Minas Gerais, a Universidade Federal de Lavras (UFLA), fundada em 1908, inicialmente como Escola Agrícola de Lavras⁸⁴, reivindica o título de pioneira em extensão, em virtude de ter promovido a Primeira Exposição Nacional do Milho e a Primeira Exposição Agropecuária do Estado de Minas Gerais, assim como pela produção do primeiro silo aéreo para armazenagem de grãos no Estado, sendo ainda uma das primeiras a utilizar tratores para arar terras brasileiras.

Outros estados brasileiros evidenciaram a mesma preocupação, como o Rio de Janeiro, com a ESAMV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária, a primeira escola federal superior agrônômica, criada em 1910 e, segundo Castro e Alves, “com a ESAMV, o ensino agrônômico ganhou status de nobreza no país e seguiria modelos de organização de origem predominantemente européia”⁸⁵. Analisando as *Land Grant Colleges*, Ribeiro⁸⁶ lista algumas das primeiras escolas do país de ensino superior na área da agronomia:

No caso do ensino agrônômico, a primeira escola superior voltada para o mesmo foi a Escola Superior de Agronomia de Cruz das Almas na Bahia (1875), aparecendo, logo depois, a Escola Superior de Agronomia de Pelotas (1883) e várias outras em seguida. Só no estado de Minas Gerais, na década de 1920, havia três escolas superiores agrícolas - Escola Superior de Agricultura de Lavras, Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte, Escola de Agronomia e Pecuária de Passa Quatro - e, ainda, duas escolas superiores de veterinária.

A autora conclui que a atuação da ESAV, hoje UFV, não conseguiu evitar a crise da cafeicultura mineira, após a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, porém contribuiu significativamente com o processo de modernização da atividade agrícola do estado.

⁸⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Disponível em: <<https://www.ufla.br/sobre>>. Acesso em 27 mar. 2022.

⁸⁵ CASTRO, M. G.; ALVES, D. A. de. Ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Viçosa: origem e trajetória institucional (1926–1988). *Rev. Bras. Educ.* 22 (70), Jul-Set 2017. p. 755. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/HrGFmzSq4Q4CnGpWcPfDJCs/?lang=pt#>. Acesso em 30 nov. 2022.

⁸⁶ RIBEIRO, M. Graças. M. Caubóis e Caipiras. Os land-grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. *História da Educação* (UFPEl), v. 10, p. 111.

1.3. Do difusionismo à extensão dialógica: cronologia da legislação e a prática extensionista no contexto da UFV

Uma concepção sobre ação social, instrumento de democratização, combinação de ganhos com lucros, ou uma vertente política? A ação extensionista brasileira, de seu início aos dias atuais, assim como a Semana do Fazendeiro, também vivenciou mudanças.

Sousa, apud Souza e Ferreira⁸⁷, sugerem que a extensão brasileira pode ser analisada a partir de três momentos distintos da história do país: o primeiro período abrange do Brasil Colônia ao Golpe Militar de 1964, o segundo vai do Golpe Militar à Abertura Política e o terceiro, da Abertura Política aos dias atuais. Não há registro de sistematização legal sobre o tema da extensão do período que compreende o Brasil Colônia até a Revolução de 1930, visto que até esse momento, o Estado não havia estabelecido instrumentos de efetivação da extensão universitária, que foi tema da legislação em 1931, com o Decreto-Lei 19.851⁸⁸, o Primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras.

Em 1968, com a Lei 5.540, que fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior no contexto da ditadura militar, a extensão universitária brasileira assume aspecto assistencialista. De acordo com Duarte⁸⁹, a partir da década de 1980, em virtude do empenho de vários educadores, percebeu-se a importância das ações de extensão, que assumem um caráter mais formal. O autor afirma que “a partir dessa fase a extensão passa a ser um instrumento de democratização do ensino, aprendizagem e autonomia universitária”, e a sociedade deixa o papel de simples receptora, passando a atuar como redimensionadora de conhecimentos.

A partir da Constituição Federal de 1988⁹⁰, a prática extensionista está prevista no art. 207, segundo o qual o modelo de educação brasileiro encontra-se calcado na tríade ensino, pesquisa e extensão. Ainda assim, a extensão universitária não é incorporada à grande parte das instituições de ensino superior no Brasil, fato este, decorrente da lei não impor “que esse modelo fosse implementado integralmente pelas instituições”, permitindo que optassem por dedicar

⁸⁷ DE SOUZA, Olga Suely Soares; DE SOUZA FERREIRA, Lorena. A regulamentação da extensão universitária no Brasil. **Revista Mosaicum**, n. 8, 2008, p. 59.

⁸⁸ BRASIL. Decreto Lei 19.851 - 11 de abril de 1931. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 3 dez. 2022.

⁸⁹ DUARTE, Jacildo da Silva. **As contribuições da extensão universitária para o processo de aprendizagem, prática da cidadania e exercício profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2014. p. 18.

⁹⁰ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 11 Out 2022.

seus esforços na prática do ensino e da pesquisa, relegando a extensão a um segundo plano e da in experiência das instituições, como acentua Duarte⁹¹:

Outra razão para que as universidades não pratiquem a extensão está relacionada com o modelo de instituições estabelecidas, haja vista que a maioria delas foi credenciada e iniciou suas atividades no final dos anos 1980 até a metade dos anos 1990. Certamente não será com tão pouca experiência que essas universidades atenderão aos requisitos necessários para implementação da Extensão Universitária como modelo de formação profissional e transmissão de conhecimento. Para que isso ocorra há a necessidade da experiência, pessoal disponível, tempo dos discentes e docentes para execução de um trabalho diferenciado.

Duarte, afirma ser pequeno o contingente de estudantes de instituições de ensino público superior no país, em relação ao número de estudantes das instituições particulares de ensino, que tem como premissa a colocação do maior número possível de graduados no mercado, sem a preocupação com a qualidade da formação destes profissionais e relegam a extensão ao plano secundário. Segundo Calderón⁹², “cerca de 90% das IES são particulares e mais de 70% dos alunos em curso superior no Brasil frequentam essas instituições, cabendo às públicas menos de 30% dos universitários brasileiros”. Esta seria a medida do tamanho da defasagem da adoção da extensão universitária como instrumento de promoção da formação profissional e socialização de conhecimentos durante o tempo de vida acadêmica, verificado entre os estudantes do ensino superior privado, em relação aos do ensino público.

A partir da lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996⁹³, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, as instituições de ensino superior tiveram que se mobilizar no sentido de buscar instrumentos que viabilizassem a entrega à sociedade, de profissionais capacitados para exercerem seus papéis na sociedade de maneira eficiente. Tal mobilização incluiu o esforço de se repensar o modelo de ensino centralizado na exposição dos conteúdos na sala de aula, buscando formas de inserir o estudante na realidade a ser enfrentada após a conclusão da graduação. É neste contexto que a extensão universitária, passa a desenvolver-se, com previsão de apoio financeiro, mediante a oferta de bolsas de estudo.

⁹¹ DUARTE, Jacildo da Silva. Op. cit. p. 15-16.

⁹² CALDERON, Adolfo Ignacio. Extensão universitária: revisitando conceitos e práticas institucionais. In: CALDERÓN, Adolfo Ignacio, SANTOS, Sonia Regina Mendes dos; SARMENTO, Fanfa Dirléia, (Org.) **Extensão universitária – uma questão em aberto**. São Paulo: Xama, 2011. p. 23-38.

⁹³ BRASIL. Lei 9394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

O Decreto nº 6.495⁹⁴, de 30 de junho de 2008, consolidando a Lei 9.394/96, institui o Programa de Extensão Universitária, que baliza a política extensionista da UFV desde então, e foi base para a Resolução 7 de 2017⁹⁵ do Conselho Universitário, que equipara a extensão aos outros pilares da universidade, o ensino e a pesquisa e direciona “a substituição do difusionismo por práticas de orientação mais participativas e democráticas” conforme consta no preâmbulo do documento. Tendo como sustentação o arcabouço legal da extensão no país, será abordada a seguir a história da prática extensionista da UFV, desde a extensão rural dos primórdios até a extensão dialógica desenvolvida a partir dos anos 80.

⁹⁴ BRASIL. Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008. Institui o Programa de Extensão Universitária - PROEXT. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6495.htm - Acesso em 28 ago. 2021.

⁹⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Conselho Universitário. Resolução nº 07/2007, de 5 de dezembro de 2007. Política de Extensão da UFV. Disponível em <<https://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/07-07.pdf>>. Acesso em 30 nov 2022.

Ferreira⁹⁶ resume no quadro a seguir a extensão universitária frente aos marcos legais:

Quadro 1: Marcos legais da extensão universitária

IDENTIFICAÇÃO	ANO	EMENTA	ABORDAGEM SOBRE A EXTENSÃO
Lei básica da reforma universitária (5.540)	1968	Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média	Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
Constituição da República Federativa do Brasil	1988	Promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil	Apoio financeiro à extensão pelo Poder Público; apoio na formação de recursos humanos, por meio de apoio às atividades de extensão.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394)	1996	Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional	Desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem a educação básica e a educação superior; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
SINAES (10.861)	2004	Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAEX	Avaliação das políticas para a extensão; avaliação da comunicação com a sociedade.
Decreto PROEXT (6.495)	2008	Institui o Programa de Extensão Universitária – PROEXT	Apoio às instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de projetos de extensão para ampliação da interação com a sociedade.
Decreto Concessão de Bolsas (7.416)	2010	Regulamenta os arts. 10 e 12 da Lei 12.155, de 23 de dezembro de 2009, que tratam da concessão de bolsas para desenvolvimento de atividades de ensino e extensão universitária	Apoio financeiro por meio de bolsas concedidas a estudantes do ensino superior para atividades de extensão que façam comunicação com a sociedade.
Plano Nacional de Educação – PNE (13.005)	2014	Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE	Implementação de programas de extensão na Rede Federal de Educação Profissional; Assegurar no mínimo 10% da carga horária dos cursos superiores em ações de extensão em áreas de grande pertinência social; apoio financeiro do poder público às ações de extensão.
Resolução das Diretrizes para a Extensão na Educação Superior	2018	Estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação 2014-2024	Define princípios, fundamentos e procedimentos para o planejamento, políticas, gestão e avaliação da extensão universitária das instituições de ensino superior brasileiras.

Fonte: Ferreira, 2019

Alicerçada nos moldes importados dos EUA, a prática extensionista brasileira iniciou-se com a prestação de serviços de difusão tecnológica, na forma de cursos, dias de campo,

⁹⁶ FERREIRA, Fernanda Emanuela. A Extensão Universitária Frente aos Marcos Legais. UFSC, 2019.

seminários, assessorias e consultorias. A extensão praticada pela então ESAV qualificada como extensão rural, é caracterizada pelo difusionismo, no qual o conhecimento é levado para fora da instituição através de atividades típicas do modo de prestação de serviços.

Com a transformação da ESAV em UREMG, em 1948, foi criada, em 1952, a Escola de Ciências Domésticas, que passou a oferecer o curso de Economia Doméstica, destinado ao treinamento das mulheres. A prática da extensão rural da instituição, a partir de então, passava contemplar também o público feminino, com cursos práticos de administração do lar, como registra Gontijo⁹⁷:

A criação do curso de economia doméstica resguarda estreita ligação com as preocupações da extensão rural, esta vinculada a programas governamentais de desenvolvimento e que começa a ter um serviço oficial engendrado. Através deste curso a UREMG importa o modelo de ensino americano destinado às mulheres (*home economics*) formando extensionistas para atuar na extensão rural, ao mesmo tempo em que se consolida como centro de difusão desse modelo de formação para novos cursos desse tipo no Brasil.

A criação deste curso fazia parte da estratégia dos EUA, naquele contexto do pós-guerra, de superação do atraso dos países do Terceiro Mundo na área da agricultura. Segundo Lopes apud Gontijo⁹⁸

Aqui se efetiva, na prática extensionista, a divisão sexual do trabalho entre o agrônomo, responsável pela difusão de técnicas produtivas, e a economista doméstica responsável pelas práticas de administração do Lar. Tanto o campo acadêmico da Universidade Rural quanto a prática do serviço de extensão se apropriam da divisão do trabalho e da oposição masculino/feminino.

Por sua vez, o Centro de Ensino e Extensão (CEE), criado em 1952 por meio do convênio UREMG-ACAR, estabeleceu-se como centro de referência em treinamento e formação de extensionistas rurais, pela atuação em programas de desenvolvimento regional e de difusão de tecnologia.

Ressalta-se, entretanto, que o modelo de extensão rural praticado pela instituição, inspirado no modelo importado dos EUA se diferenciava daquele, pois em sua origem, a ação extensionista era destinada ao pequeno agricultor, enquanto no Brasil esta ação voltou-se aos latifundiários e seus empregados. De acordo com Lima⁹⁹, entre os anos de 1958 e 1977, o CEE

⁹⁷ CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 24

⁹⁸ Idem, ibidem.

⁹⁹ LIMA, Antônio Luiz de. Da ACAR à EMATER-MG: análise crítica da dinâmica de um sistema de extensão. Viçosa, MG: [s.n.], 1985. p. 40.

realizou treinamentos técnicos e cursos para quase 22 mil pessoas. O órgão funcionou ativamente até o final da década de 1970, mas a partir de então suas atividades foram sendo esvaziadas devido à absorção de suas funções pela UFV, a partir da Constituição de 1988. Nessa fase da extensão rural da UFV, o Programa Gilberto Melo - PGM¹⁰⁰, nome que homenageia um Diretor de Extensão da UREMG, programa criado em 1980, por meio de convênio entre a UFV, o Banco Central do Brasil e a Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, promovia o treinamento de estudantes na modalidade de estágio por meio da prestação de serviços de assistência técnica e social junto às comunidades no entorno de Viçosa, configurando-se como um importante instrumento de integração, no qual foi possível uma aproximação com as políticas oficiais de extensão. Uma inovação trazida pelo Programa Gilberto Melo foi a incorporação da figura do servidor técnico administrativo como protagonista das atividades de extensão, até então restritas somente ao docente. Neves¹⁰¹ destaca que o programa realizou ações importantes nos municípios da microrregião de Viçosa, sendo responsável pelo envolvimento de mais de 30% dos alunos da UFV nos seus períodos de atividade mais intensa. A autora relaciona como fragilidades do programa a dependência do financiamento externo, aliado à falta de integração com os departamentos. Por sua vez, Castro¹⁰² completa que, além da crise financeira, o PGM viu-se diante da necessidade de rompimento com o modelo difusionista de extensão praticado até então. Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹⁰³ constataam que a perda de espaço do Programa se dá à medida em que a extensão universitária se consolida, sendo desenvolvida nos departamentos da UFV. O programa não foi oficialmente encerrado. Os técnicos remanescentes foram absorvidos pela Divisão de Extensão da PEC. A esse respeito pontua Castro¹⁰⁴ que:

O fim do PGM não foi decretado em nenhum documento oficial até hoje, mas na concepção de técnicos ainda remanescentes deste programa, seu término coincide com a criação da Divisão de Extensão, estrutura advinda com a criação da PEC e que passou a abarcar os técnicos do PGM. Esse é um processo que fica mais claro a partir de 2003 em que ações mais incisivas são realizadas em prol da “realocação” desses técnicos para departamentos e, em

¹⁰⁰ Personagens e Pioneiros da UFV. Disponível em <<http://www.personagens.ufv.br/?area=gilbertoPereira>>. Acesso em 9 jan 2023.

¹⁰¹ NEVES, L. F. Op. cit. p. 192.

¹⁰² CASTRO, Maria Gontijo. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. 2015. p. 72.

¹⁰³ DUTRA, Thales Henrique; GOMES, Ivani Soleira; COELHO, Elaine Maria de Souza; FELIX, Eliane Maria. Além da Vocação: a Construção de Caminhos da Extensão Universitária na UFV. In: SOUSA, Diogo Tourino de et al. (orgs). **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017. p. 208.

¹⁰⁴ CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 72.

alguns casos, no redimensionamento do trabalho através da elaboração de projetos, tal como desenvolvido por docentes.

Dos técnicos aos quais Castro se refere, ainda restam dois atuando na Divisão de Extensão. Outra frente de atividade extensionista, o Projeto Rondon, iniciado durante a ditadura militar em 1967, organizado pelo Ministério da Defesa, e institucionalizado pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 62,927, de 28 de junho de 1968, vigorou na UFV entre 1971 e 1983, e retornou às atividades em 2005, em novo formato, que de acordo com Dutra, Gomes, Coelho e Félix, “a participação se dá mais como uma ação comunitária e menos como um projeto de extensão”¹⁰⁵. Nela, uma equipe formada por dois professores e oito alunos passam um período de 15 dias em uma comunidade previamente selecionada, para a qual vão propor ações de caráter verticalizado, que limitam a possibilidade de troca de saberes, pela ausência de avaliações participativas e de longo prazo.

As ações acima descritas resumem a atuação da UFV na prática extensionista, antes da criação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PEC, em 1996. De acordo com Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹⁰⁶, até aquele momento, as atividades extensionistas praticadas pela instituição possuíam um “caráter isolado, conceitualmente misto em termos de extensão universitária e extensão rural, dissociadas de um entendimento orgânico institucional e por vezes ligadas a instituições externas”. A partir de sua criação, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PEC, assume o papel de gestora e as ações de extensão passam a ser executadas nos departamentos da UFV que inicia a institucionalização dessas práticas, tendo como marco a aprovação da Resolução 05/1997, a primeira política de extensão da UFV, conforme Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹⁰⁷, por representar “uma primeira aproximação documentada com o FORPROEX pela adoção do conceito de extensão universitária”, uma vez que destacava a necessidade de integração entre as atividades de extensão, ensino e pesquisa e ainda por definir as atividades de extensão.

O sistema informatizado de Registro das Atividades de Extensão - RAEX, desenvolvido no âmbito da instituição, entre 2000 e 2002, no qual os departamentos deveriam registrar todas as ações desenvolvidas, fortaleceu a fase de consolidação da extensão universitária, aliado à implantação do programa de bolsas para estudantes, visando viabilizar a continuidade das ações. Segundo Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹⁰⁸:

¹⁰⁵ DUTRA, Thales Henrique; GOMES, Ivani Soleira; COELHO, Elaine Maria de Souza; FELIX, Eliane Maria. Op. cit. p. 206.

¹⁰⁶ Ibidem. p. 201.

¹⁰⁷ Ibidem. p. 210.

¹⁰⁸ Idem, ibidem.

O sistema fornece o retrato da extensão universitária na UFV, possibilitando a formulação de diagnósticos em relação às áreas mais expressivas, unidades que realizam mais atividades de extensão, bem como o tipo de extensão que tem sido praticado.

A Resolução 07/2007 aprova a nova política de extensão, atualizando a anterior, alinhando a prática extensionista desta universidade à discussão do contexto nacional, promovida pelo FORPROEX, no momento em que promove a substituição do modelo difusionista por “práticas de orientação mais participativas e democráticas¹⁰⁹”.

Nesse sentido, Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹¹⁰ destacam que o RAEX passou a ter importância estratégica para a universidade, tanto interna quanto externamente, visto que a padronização dos procedimentos e registros das ações tornaram-se essenciais para as prestações de contas aos órgãos financiadores e de controle, ao mesmo tempo em que fornecia dados para auxiliar no cálculo da matriz orçamentária, assim como informações para progressão da carreira docente, consolidando assim, a PEC como gestora da extensão na UFV. Ainda de acordo com Dutra, Gomes, Coelho e Félix, a partir deste momento a extensão da UFV “deixa de ser realizada por um grupo de técnicos vinculados a um órgão específico e passa a ser realizada principalmente nas unidades acadêmicas (departamentos)”. Paralelamente a isso Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹¹¹ verificam que acontece também a transição conceitual da extensão na UFV, na medida que:

o impacto na formação dos estudantes e a interação entre ensino, pesquisa e extensão têm o envolvimento claro com as três dimensões acadêmicas. A participação efetiva dos docentes neste processo é uma condição necessária ao direcionamento das ações de extensão consonante com a política nacional de extensão.

Consolida-se a partir desse momento a prática institucional da extensão universitária dialógica na UFV.

¹⁰⁹ Resolução n. 7/2007/CEPE. Disponível em: <<https://www.pec.ufv.br/wp-content/uploads/2016/05/resolu%C3%A7%C3%A3o-07-07.pdf>>. Acesso em 13 fev. 2023.

¹¹⁰ DUTRA, Thales Henrique; GOMES, Ivani Soleira; COELHO, Elaine Maria de Souza; FELIX, Eliane Maria. Op. cit. p. 213.

¹¹¹ Ibidem, p. 218.

1.4. A Semana do Fazendeiro, o Mês Feminino, Feiras e Exposições Agrícolas em Minas

A idealização da “Semana dos Fazendeiros” em 1929, teve origem em uma visita do médico e agricultor Jacintho Soares de Souza Lima, acompanhado por um grupo de agricultores da cidade de Ubá, MG, à ESAV em 1928. A partir de então, a recém-criada escola, além dos cursos regulares, passou a oferecer capacitação técnica ao trabalhador rural, na forma de cursos de curta duração. A figura 2, a seguir, mostra os fundadores.



Figura 2: Fundadores da Semana do Fazendeiro: De pé: Joaquim Fernandes Braga, Jacintho Soares de Souza Lima e José Coelho da Silva. Sentado: João Carlos Bello Lisboa
Fonte: ACH/UFV

A página “Personagens e Pioneiros” do site da UFV¹¹² recorda, dentre outros, os fundadores do evento. Além de Bello Lisboa, já referido anteriormente, Jacintho Soares de Souza Lima era médico e produtor rural, nascido em Tuiutinga, antigo distrito de Visconde do Rio Branco. Foi vereador e Prefeito da cidade de Ubá e liderou diversas caravanas de agricultores que participaram da Semana do Fazendeiro. Joaquim Fernandes Braga, natural da vizinha cidade de Visconde do Rio Branco, depois de aluno, foi também professor da ESAV, onde lecionou durante vários anos as disciplinas de Suinocultura e Nutrição Animal, no Departamento de Zootecnia. Foi ainda o primeiro Reitor, quando a ESAV foi transformada em UREM, em 1948. Especializou-se em Agronomia, nos Estados Unidos, onde frequentou por um ano o Iowa State College, em Ames, e depois, a Universidade de Cornell, em Ithaca. José

¹¹² UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Personagens e Pioneiros**. Disponível em <<http://www.personagens.ufv.br/?area=home>>. Acesso em 4 jan 2023.

Coelho da Silva, assim como Joaquim Fernandes, foi aluno da ESAV. Após a formatura, em 1929, foi contratado como professor da ESAV. É o fundador da Semana do Fazendeiro do qual se tem menos informações.

A despeito dos objetivos difundidos pela instituição em seus registros memoriais, a elite política da época se debatia com uma questão: a necessidade de solucionar os problemas decorrentes do crescimento das cidades, partindo da premissa de que se a população tivesse melhores condições de vida no campo, evitaria o êxodo rural, que constituía uma situação complexa a ser enfrentado no país. Desta forma, a Semana do Fazendeiro, desde o início, desempenha a função de socializar a produção técnica e científica da universidade com os produtores rurais. Segundo Negrão e Cabral¹¹³, o evento “servia aos objetivos das elites brasileiras de levar o conhecimento sistemático aos grandes agricultores, que exerciam enorme poder político no país, sem se afastar do propósito de divulgar ciência e tecnologia relacionada à agropecuária”. A primeira edição do evento contou com a participação de 39 fazendeiros. A Figura 3 apresenta o registro fotográfico dos primeiros participantes, na lateral do Edifício Arthur Bernardes.

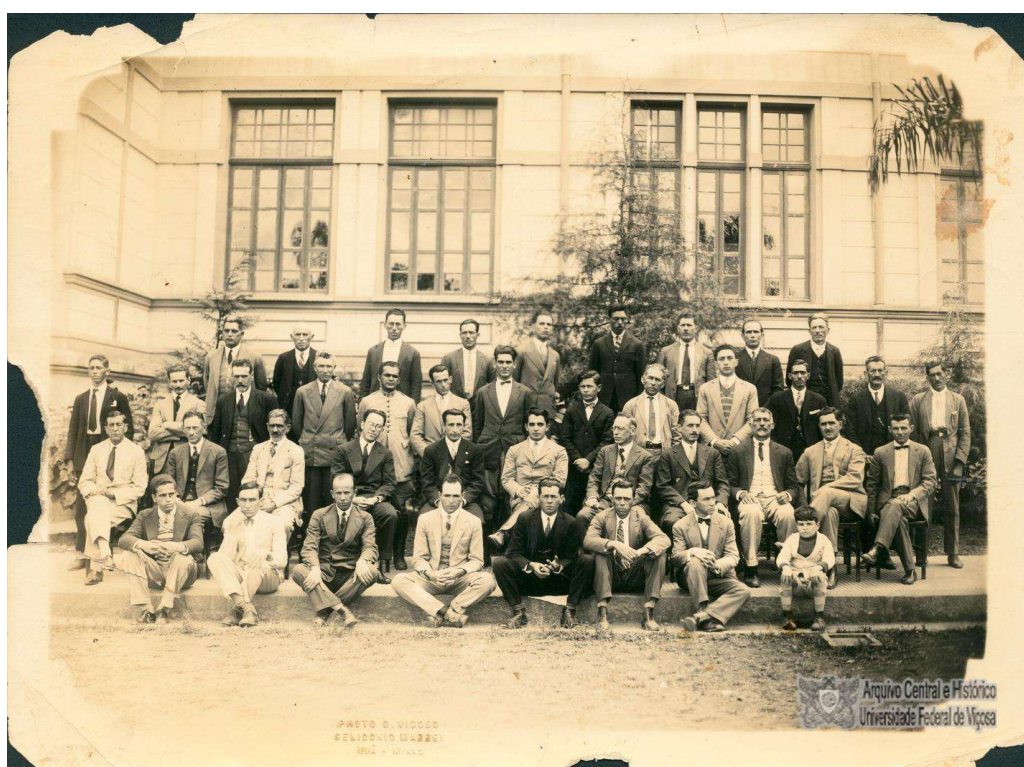


Figura 3: Participantes da 1ª Semana do Fazendeiro - Julho de 1929
Fonte: ACH/UFV

¹¹³ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. A Semana do Fazendeiro: Avanços e Transformações. In: SOUSA, Diogo Tourino et al. (orgs). **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017, p. 173.

Há registros de eventos pontuais, anteriores a “Semana dos Fazendeiros”, organizados na ESAV para atrair os produtores rurais, nos moldes dos que ocorriam nos *Land Grant Colleges*¹¹⁴ dos EUA, como as visitas dos agricultores à Escola, exposições da Semana do Milho, Semana das Flores e Exposição de Citrus. Cursos de curta duração eram ministrados por professores, que também eram responsáveis pela edição de boletins técnicos e por responder cartas com dúvidas dos produtores rurais. Segundo Sabioni, Borges e Magalhães¹¹⁵, os professores respondiam cerca de 100 destas cartas por ano - uma atividade a mais nas tarefas do docente, que atuava concomitantemente como uma espécie de consultor técnico para o produtor rural, rotinas que faziam parte de um pacote de serviços de extensão, nos mesmos moldes oferecidos pelos *Colleges* norte-americanos.

Da mesma forma, o uso do termo “fazendeiro” - oriundo de “farmer”, no inglês - para se referir aos nossos produtores rurais é resultado da importação do modelo de treinamento. Outros termos até hoje muito utilizados nas edições da Semana do Fazendeiro, tais como “dia de campo”, “palestra”, “semana”, “curso” também têm origem nos “*Colleges*” dos EUA. Atualmente, o termo “Fazendeiro” é passível de críticas por representar, no imaginário popular, um segmento da sociedade identificado como latifundiário com recursos financeiros abundantes, o que não representa a realidade dos atuais participantes do evento. No entanto, provavelmente era essa a terminologia mais adequada aos senhores produtores de café que buscavam capacitação a fim de adequar-se à nova realidade que a economia e as relações comerciais internacionais lhes impunham, na primeira metade do século XX. O termo “Fazendeiro” acompanha o evento ao longo de sua trajetória, reforçado pelo caráter de tradição alcançado pela universidade, por sua realização praticamente ininterrupta desde 1929.

No ACH-UFV, encontra-se um acervo de imagens¹¹⁶ referentes às primeiras décadas do evento. Ainda que grande parte desses documentos não contenha nenhum detalhamento, como datas, identificação de pessoas ou locais e outras informações pertinentes, as imagens possibilitam uma experiência ímpar de se navegar nos primórdios do evento registrados em preto e branco. Ainda assim, tais registros iconográficos permitem observar pelo menos três aspectos: o público participante compunha-se majoritariamente de homens; desses homens, a maioria, aparentava tonalidade de pele branca ou clara; e a participação feminina também era

¹¹⁴ Escolas construídas nos EUA, em terrenos concedidos pelo governo, aos estados que se comprometeram com a criação de instituições destinadas ao ensino prático da agricultura para jovens.

¹¹⁵ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 34.

¹¹⁶ Atom é um software livre para descrição e difusão de documentos arquivísticos, criado por iniciativa do Conselho Internacional de Arquivos (CIA). Disponível em <www.atom.ufv.br>. Acesso em 10 mar 2022.

inexpressiva, pois de acordo com Botelho¹¹⁷, era “estritamente proibida” a presença de mulheres nos alojamentos da então ESAV. Na décima edição do evento, em julho de 1940, o Boletim nº 2 registra a presença de mulheres. De acordo com o documento, “Acham-se presentes, frequentando as aulas com grande entusiasmo, 5 fazendeiras”¹¹⁸. Esses boletins eram o veículo de comunicação durante o evento, com divulgação da programação do dia seguinte, destaques sobre as autoridades presentes, os municípios e estados representados, o número de participantes, além de reforçar avisos como pontualidade e locomoção no campus.

A Semana do Fazendeiro sofreu ameaça de ser descontinuada, quando o Governador Benedito Valadares tentou encerrar as atividades da ESAV em Viçosa e transferi-la para Belo Horizonte. Sabioni, Borges e Magalhães registraram que:¹¹⁹

A lei nº 146, de 11 de novembro de 1936, cassou a autonomia da ESAV. Era voz corrente, no tempo da cassação e da transferência da Escola Superior de Veterinária para Belo Horizonte, ser plano do Governo fechar a ESAV e transformar suas instalações em um quartel da polícia. Dizia-se, também, que alguém havia advertido Benedito Valadares de que tal mudança iria desgostar os fazendeiros, pela extinção da Semana do Fazendeiro, e isso teria levado o Governador a desistir da transformação.

Baêta¹²⁰ acrescenta que a criação da Semana do Fazendeiro cooperou para a aproximação e articulação dos proprietários de terras da região de Viçosa, participantes das atividades e treinamentos promovidos pela então ESAV e estes fazendeiros “impediram, em 1935, que o Governador Benedito Valadares transformasse a Escola de Viçosa em Quartel de Cavalaria, em represália aos bernardistas, em particular a Bello Lisboa, que declinara do convite para assumir uma secretaria em seu governo”.

É da lavra de João Carlos Bello Lisboa, então Diretor da ESAV, o ato de criação da Secretaria da Semana do Fazendeiro, até então denominada “Secretaria da Semana dos Fazendeiros”. Era este o setor responsável pelo planejamento e execução do evento, como se tem nos dias atuais, de forma ampliada. O primeiro Secretário responsável pelos trabalhos foi o funcionário José Thomaz Teixeira, tendo por auxiliares Otília de Almeida Gomes e Haydée Andrade Resende. O ato de criação do serviço é datado de 8 de julho de 1935. O documento

¹¹⁷ BOTELHO, Cristiane Roque Pereira. **Assistência estudantil na Universidade Federal de Viçosa: composições e tensões no/com o movimento estudantil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa. Orientador: Eduardo Simonini Lopes. p. 27

¹¹⁸ Secretaria da Semana dos Fazendeiros. Boletim nº 2. 16/7/1940. Fonte Arquivo Histórico da UFLA.

¹¹⁹ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 37.

¹²⁰ BAÊTA, Odemir Vieira. **Estratégias como práticas sociodiscursivas em uma universidade pública: Uma abordagem crítica**. Lavras: UFLA, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras. Orientador: Mozar José de Brito. p. 177.

institui as comissões de “Domicílio”, atual “Comissão de Alojamento”, de “Alimentação” e de “Ensino”, atual “Comissão de Cursos”. A cópia do documento é reproduzida a seguir, na figura 4.

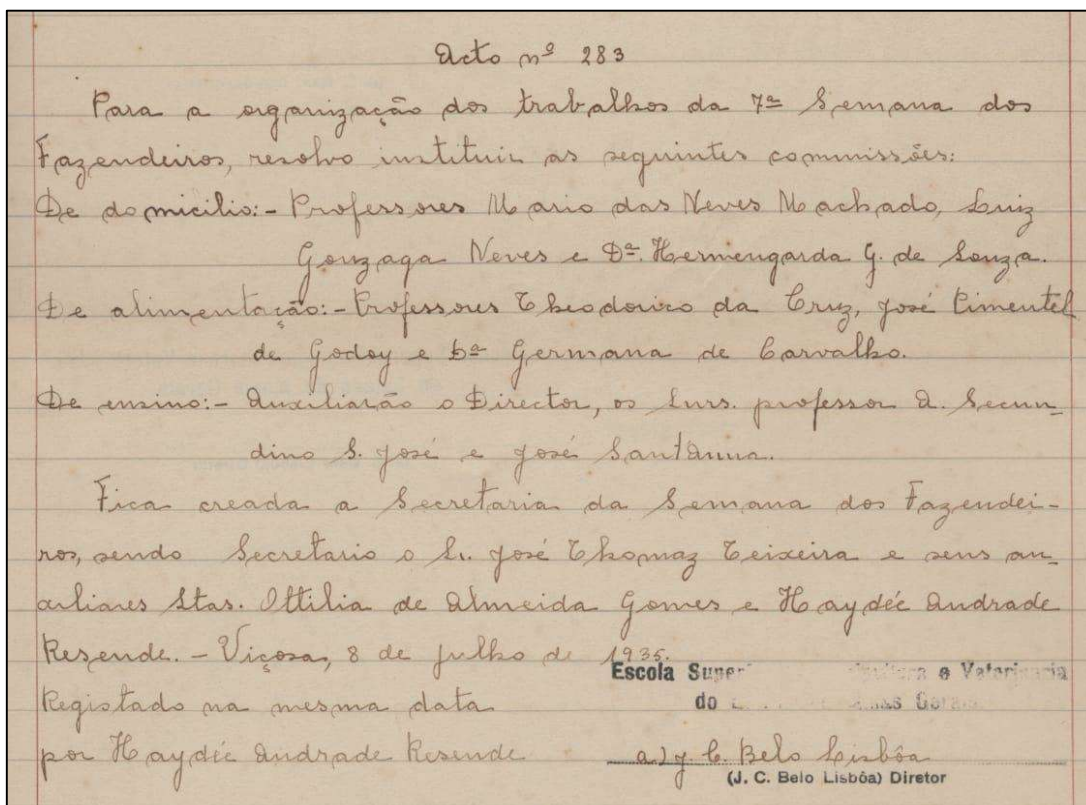


Figura 4: Ato de criação da Secretaria da Semana do Fazendeiro
Fonte: ACH/UFV.

Bello Lisboa organizou em 1935 o primeiro “Mês Feminino”, com ofertas de conteúdos como Puericultura, Horticultura, Preparo de Alimentos, Cunicultura e Apicultura, dentre outros. De acordo com Silva¹²¹, o objetivo do evento era:

... estimular as fazendeiras a uma cooperação mais estreita com os seus maridos nas lidas da fazenda, legitimando-se uma proposta de separação de gêneros e de atividade para os tipos de participantes por sexo e admitindo um repasse de conhecimentos distintos para homens e mulheres. Pretendia-se uma complementaridade, no conjunto de conhecimentos, capaz de atingir a propriedade como uma unidade de produção.

A versão do evento para o público feminino evidencia a forma como a sociedade de então percebia o papel da mulher como filha, futura esposa e mãe dedicada. Desta forma, o

¹²¹ SILVA, Uiara Maria da. Op. cit. p. 123.

evento abria oportunidades de treinamento para sua inserção na cooperação com o núcleo familiar no qual estava inserida.



Figura 5: Participantes do 1º Mês Feminino - 1935
Fonte: ACH/UFV



Figura 6: Participantes do 2º Mês Feminino - 1936
Fonte: ACH/UFV

Desde 1922, após acontecimentos importantes como a Semana de Arte Moderna e a criação da Liga para a Emancipação da Mulher, o movimento feminista ganhou força e a sociedade brasileira se mobilizava na direção de lutar por igualdade de direitos entre homens e mulheres. Somente nas eleições majoritárias de 1933 as mulheres tiveram direito ao voto. Paradoxalmente a ESAV, Instituição agrária situada fora dos circuitos dos grandes centros onde tais movimentos floresciam, destaca-se como vanguarda em 1935, oportunizando uma série de cursos práticos, com duração de quase um mês, especialmente para o público feminino.

Tal iniciativa teve breve duração, com apenas duas edições. No entanto as mulheres retornariam à Escola para eventos como as Semanas Ruralistas Femininas, que aconteceram na década de 1950, iniciativas precursoras da criação de uma escola de formação de mulheres, no contexto da UREMG, a Escola Superior de Ciências Domésticas, modelada nos *Colleges* americanos. A ferramenta de pesquisa digital do ACH-UFV¹²² disponibiliza outras imagens do evento.

A “Semana dos Fazendeiros” propiciou a disseminação do conhecimento científico e tecnológico gerado nas salas de aulas, estações experimentais e laboratórios da ESAV, com cursos de curta duração aos produtores rurais, capatazes e empregados, voltados para o

¹²² Arquivo Histórico da UFV. Disponível em <<https://arquivohistorico.ufv.br/historia/>>. Acesso em 16 Jan. 2022.

desenvolvimento de técnicas agrícolas, como mostra a lista dos 39 cursos oferecidos na terceira edição do evento, em julho de 1931, na Figura 7.

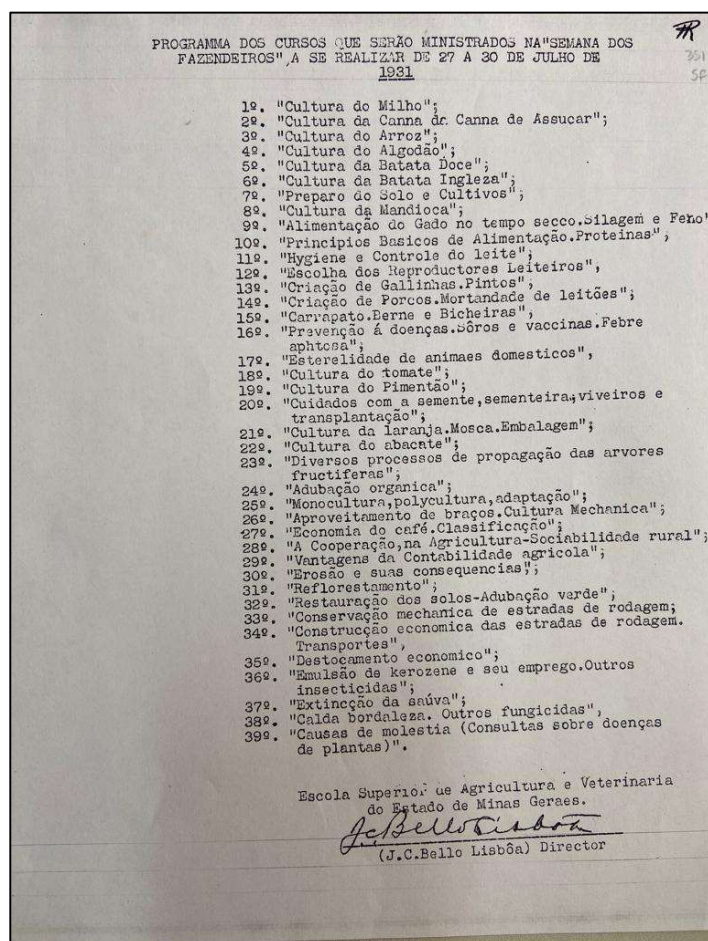


Figura 7: Lista de cursos da Terceira Edição da Semana dos Fazendeiros

Fonte: ACH/UFV

Nas dezenove edições do evento no período da ESAV, entre 1929 e 1947¹²³, sete durante a Segunda Guerra Mundial, a Semana do Fazendeiro registrou 13.557 participantes, com média de mais de 1000 (mil) no período da guerra, de 1939 a 1945. Tal incremento justifica-se pela busca de conhecimentos que resultassem no aumento da produtividade no campo. Após a segunda guerra, a agricultura mundial foi submetida a um ciclo evolutivo denominado “revolução verde”¹²⁴, com a introdução do uso de sementes híbridas, de maquinário e aparato tecnológico para a ampliação da oferta de alimentos.

Durante o período da UREMG, a Semana do Fazendeiro comemorou vinte e cinco anos de organização com a edição de 1953, de 20 a 25 de julho. Agora identificada como “Semana

¹²³ UREMG - Caderno de cursos da 25ª Semana do Fazendeiro, 1953. p. 2. Arquivo Central e Histórico (UFV).

¹²⁴ PENA, Rodolfo F. Alves. **Evolução da agricultura e suas técnicas**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/evolucao-agricultura-suas-tecnicas.htm>>. Acesso em 12 jul 2022.

do Fazendeiro” e não mais “Semana dos Fazendeiros”, o evento trazia no período da UREMG, além dos cursos consolidados nas edições anteriores, oportunidades de treinamento voltadas para mecanização e implementos agrícolas, como os cursos “Preparo, plantio e cultivo mecânico do solo”, “Cultura de arroz com irrigação”, “Tipos de arreios para tração”¹²⁵, atendendo a crescente demanda por mão de obra qualificada para operar os equipamentos introduzidos na prática da agricultura do País, por influência dos EUA.

A literatura consultada e os documentos do ACH-UFV apontam que o evento passou por, ao menos três interrupções, ao contrário do que é divulgado pela Instituição¹²⁶ que por vezes se refere ao evento como de realização ininterrupta conforme reportagem de 2015. A primeira delas ocorreu em 1978, em decorrência do surto de peste suína no estado de Minas Gerais. Por determinação do Ministério da Agricultura, a 50ª Semana do fazendeiro¹²⁷ foi realizada simbolicamente, com os produtores locais da microrregião de Viçosa. Em 1991, ano 63ª edição, o evento foi suspenso, de acordo com Neves¹²⁸, “em face da situação conjuntural vivida pela universidade brasileira, naquele momento, ou seja, uma greve nacional por mais verbas”¹²⁹, sendo realizado em agosto de 1992. A mais recente interrupção ocorreu em 2020, ano em que se realizaria a 91ª edição¹³⁰, devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia do Coronavírus. O ano de 2021 foi marcado pela realização da primeira edição da Semana do Fazendeiro totalmente virtual.

A concepção de que o evento atravessou décadas, desde sua primeira edição, sem interrupção, remete-nos às tradições inventadas de Hobsbawm e Ranger¹³¹, segundo os quais constituem “um processo de formalização e ritualização caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. O termo inclui, portanto, aquelas tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, mas também as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo. Do mesmo modo, Linnekin e Handler¹³² abordam o tema, afirmando que “as tradições são

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ SEMANA DO FAZENDEIRO 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sWh6Z6f1J1I>>. Acesso em 30 nov 2022.

¹²⁷ UFV Informa - edição 538. Ano 10. 21 de julho de 1958. p. 4. ACH/UFV.

¹²⁸ NEVES, L. F. **A extensão universitária como prática institucional**: o caso da Universidade Federal de Viçosa. 1993. 415 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – UFV, Viçosa, 1993. p. 173.

¹²⁹ JORNAL DA UFV - ano 24 - edição 1197 - 22 jul. 1992, p. 4. Fonte: ACH-UFV.

¹³⁰ UFV em Rede. 31.3.2020. Disponível em:

<<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=32339>>. Acesso em 24 jul. 2022.

¹³¹ HOBBSAWM, Eric. 1. Introdução: a invenção das tradições. HOBBSAWM, Eric. J.; RANGER, Terence (Org.). *A invenção da tradição*, v. 2, 1984, p. 12.

¹³² HANDLER, R. & LINNEKIN, J. (1984), "Tradition, Genuine or Spurious". *Journal of American Folklore*, Vol. 97, nº 385: 273-290.

sempre invenções”, o que valida as divulgações institucionais, em que a UFV firma sua narrativa em tradições que podem e devem ser investigadas na busca de trazer à tona fatos para desconstruí-las. Mesmo com as poucas interrupções identificadas, o evento consolida-se como o mais antigo do Brasil, com quase um século de história e uma opção diferenciada de acesso à tecnologia para o setor agrário.

Ainda que ocupe posição de destaque em termos de longevidade, atualmente a Semana do Fazendeiro representa uma das opções do produtor rural na busca de inovação tecnológica e oportunidade de parcerias comerciais, visto que, ao longo dos anos, surgiram Feiras Agropecuárias em outros municípios de Minas Gerais, algumas com vínculo com a ESAV e a Semana do Fazendeiro, como a Festa Nacional do Milho, que acontece em Patos de Minas desde 1959, durante a qual é outorgada pelo Governo de Minas, a Comenda Antônio Secundino de São José¹³³, a personalidades de destaque na prestação de serviços de relevância em prol da pesquisa e do desenvolvimento agropecuário. Secundino¹³⁴, natural de Patos de Minas, foi ex-aluno e Diretor da ESAV de 1947 a 1951. A seguir um quadro com alguns eventos agropecuários em Minas Gerais.

¹³³ CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. Comenda Antônio Secundino de São José e Festival de Pratos Típicos com Milho. Disponível em: <<https://www.camarapatos.mg.gov.br/index.php/post-formats/noticias/320-comenda-antonio-secundino-de-sao-jose-e-festival-de-pratos-tipicos-com-milho>>. Acesso em 18 mar. 2022.

¹³⁴ SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. Op. cit. p. 75.

Quadro 2: Eventos agropecuários em Minas Gerais

Município	Evento	Ano	Parcerias	Atividades durante o evento
Buenópolis	Festa do Fazendeiro ¹³⁵	1985	EMATER-MG, COPASA Prefeitura, Câmara dos Vereadores	Exposição cultural, cavalgadas, apresentações artísticas e culinária-típica da região.
Florestal	Semana do Produtor Rural ¹³⁶	1969	SENAR EMATER-MG	Cursos de curta duração
Juiz de Fora	Semana do Laticinista ¹³⁷	1981	EPAMIG Instituto Cândido Tostes	Concurso de produtos lácteos e cursos de curta duração. Realizou o evento virtualmente em 2012.
Três Pontas	Expocafé ¹³⁸	2021	EPAMIG – UFLA - EMBRAPA CAFÉ Prefeitura	Exposição de máquinas, equipamentos e insumos Degustação de cafês
Uberlândia	FEMEC- Feira do Agronegócio Mineiro ¹³⁹	2012	EMATER-MG	Comercialização de máquinas, equipamentos, implementos e insumos agrícolas do estado, minicursos

Fonte: Elaboração do autor,

Assim como Minas, outros estados organizam eventos da mesma natureza, alguns mais tradicionais e consolidados e outros mais recentes, que combinam a atividade agropecuária com a comercialização de produtos, serviços e entretenimento. O que distingue estes eventos da Semana do Fazendeiro reside no caráter formador e na ênfase deste evento em disseminar a tecnologia desenvolvida na Universidade, por meio de atividades como cursos, palestras, dias de campo e workshops, que demandam maior investimento em planejamento, interação com ministrantes e com o participante.

Neste contexto, a Semana do Fazendeiro exerce importante papel no desenvolvimento da agricultura tanto em Minas como posteriormente no País, assim como faz parte das memórias de todos os seus públicos. Nesse sentido, a pesquisa documental realizada no ACH e na Secretaria Permanente revelou fragmentos da memória do evento que são apresentados a seguir. Foram separados alguns dos cartazes produzidos nos primeiros anos que, como fragmentos que são, constituem parte da memória do evento.

¹³⁵ BUENÓPOLIS (MG) - FESTA DO FAZENDEIRO 2022 - Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=m2TALzNLalk>>. Acesso em 12 dez. 2022.

¹³⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. 52ª Semana do Produtor Rural. Disponível em <<https://www.spr.caf.ufv.br/>>. Acesso em 18 mar. 2022.

¹³⁷ AGRICULTURA. MG. Disponível em <<http://www.agricultura.mg.gov.br/index.php/ajuda/story/4650-epamig-divulga-datas-do-minas-lactea-2022>>. Acesso em 18 mar. 2022.

¹³⁸ Portal UFLA - Segunda Expocafé. Disponível em <<https://ufla.br/noticias/extensao/15137-segunda-edicao-da-expocafe-mulheres-sera-destaque-da-expocafe-2022>>. Acesso em 18 mai 2022.

¹³⁹ CANAL RURAL. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/calendario-de-feiras-brasil-2022/>>. Acesso em 18 mar. 2022.

Dos documentos encontrados, fez-se uma seleção das três edições de capas dos cadernos, nas três fases da instituição, de 1940, enquanto ESAV com o título “Semana dos Fazendeiros”, impressos em tipografia e numerados; de 1953, do período da UREMG, ano que o evento completou 25 anos; e de 1975, após a federalização, como UFV, produzido pelo Conselho de Extensão.



Figura 8: Capas dos cadernos de cursos: ESAV - 1940, UREMG - 1953, UFV - 1975
Fonte: ACH/UFV

Um pequeno número deles foi localizado no ACH-UFV e alguns exemplares encontram-se guardados na Secretaria Permanente do evento. Por ocasião da comemoração dos 90 anos, esse material foi organizado em uma exposição no Hall da Biblioteca Central (BBT)¹⁴⁰. Inicialmente desenhados à mão e em preto e branco, possuíam traços simples. Mais tarde tornaram-se coloridos, mas ainda com a produção artesanal, em apenas duas cores, até a chegada dos primeiros softwares gráficos à universidade. Tais artefatos são símbolos da memória do evento despertando as “memórias individuais e coletivas” dos participantes, conforme pontua Halbwachs¹⁴¹. Uma das reportagens¹⁴² gravadas durante esta exposição fala dos episódios de comemoração dos participantes que tiraram fotos ao lado de determinados cartazes que trouxeram à memória as muitas Semanas do Fazendeiro das quais participaram.



Figura 9: Cartaz da 40ª edição - UFV - julho de 1968
Fonte: ACH/UFV

¹⁴⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Exposição Comemorativa Semana do Fazendeiro. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tYdmlilp5g&t=65s>> Acesso em 12 jul. 2022.

¹⁴¹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990. p. 51.

¹⁴² FRATEVI. Especial Semana do Fazendeiro. Disponível em <<https://fratevi.org.br/>>. Acesso em 12 jul 2022.



Figura 10: Cartazes: 41ª edição - 1969, 42ª edição - 1970 e 45ª edição - 1973
 Fonte: ACH/UFV

Note-se que até aqui as capas não obedeciam a um padrão gráfico como se verifica nos dias atuais. Não havia ainda um tema para cada edição, o que só aconteceria a partir do ano de 2003, por ocasião da realização da 74ª edição¹⁴³. As ilustrações, de traços simples, sempre remetem à rotina da vida no campo. Estas artes eram enviadas aos participantes e aos sindicatos rurais por meio dos Correios. Não foi possível identificar junto à Editora da UFV a data a partir da qual passou-se a produzir tais peças em policromia. Os registros destas informações constavam em mídia impressa e foram descartados com o passar dos anos. As peças que foram emolduradas estão arquivadas na Secretaria Permanente do evento.

Neste primeiro capítulo buscou-se compreender a memória da UFV, a gênese da extensão no mundo e a sua prática no País, desde a criação da ESAV até a UFV. Buscou-se entender o momento histórico, político e social no qual a instituição foi fundada, bem como a sua relação desde o início com a prática da extensão rural, na qual a Semana do Fazendeiro, sua mais conhecida vertente extensionista, exerce o papel de difusora de conhecimentos. Analisou-se brevemente a versão feminina do evento. Destacou-se ainda os principais instrumentos regulatórios da extensão universitária, do seu início até a atualidade, concluindo com um compilado das feiras e exposições agrícolas do Estado de Minas Gerais na atualidade. Conclui-se aqui que a UFV, assim como outras escolas de ensino agrícola de Minas e de outros estados, foi criada para solucionar o problema da baixa produtividade na agricultura daquele contexto do encerramento do ciclo do ouro. Nascida na década de 20 sob a sombra do pós Primeira Guerra, a então ESAV e posteriormente UREMG cumpriu seu papel em prol das elites agrárias mineiras e a seguir beneficiou-se dos recursos do capital estrangeiro, alavancando-se como

¹⁴³ Fonte: Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro.

instituição de ensino, pesquisa e extensão, especialmente a partir dos anos 50, em razão dos vários convênios firmados com organizações internacionais sediadas nos EUA, principal interessado na modernização da agricultura brasileira, como país periférico consumidor dos seus insumos e importador de alimentos. Neste contexto, a Semana do Fazendeiro exerceu importante papel no desenvolvimento da agricultura tanto em Minas como posteriormente no País.

O fato de a ESAV ser subordinada ao Ministério da Agricultura e não ao da Educação¹⁴⁴ revela a intencionalidade de sua criação. Segundo Castro, as Universidades Rurais passaram a ser regulamentadas pelo Ministério da Educação a partir de 1967. Da mesma forma, a maneira pela qual a instituição respondeu ao chamado da elite agrária permite entender “o ensino, a pesquisa e a extensão desta instituição, na qual o ensino teórico-prático, a pesquisa utilitária e a prática extensionista consolidam uma estrutura eficiente de ação em prol da modernização do campo”¹⁴⁵. Ao longo da trajetória da instituição, a Semana do Fazendeiro desempenhou seu papel de prestadora de serviços de extensão rural, na forma de cursos e dias de campo. O capítulo dois aborda o atual processo de organização do evento articulado entre as Pró-Reitorias da UFV, a memória que os documentos evocam e finaliza abordando a mudança de perfil dos participantes dos cursos.

¹⁴⁴ CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 14.

¹⁴⁵ Ibidem. p. 15.

CAPÍTULO 2 - A Semana do Fazendeiro: processo de organização, memória e transformações

2.1. Semana do Fazendeiro: organização, transformações e memórias

A atual estrutura da Semana do Fazendeiro, as recentes parcerias, a dinâmica do evento e o processo de organização e realização do evento serão descritos neste tópico. A memória do evento a partir dos documentos produzidos e selecionados para arquivo, oferta de conteúdos pelos parceiros do evento, patrimônio cultural de ciência e tecnologia, relações de poder e demais temas entrelaçados serão discorridos enquanto se descreve “como se concretiza uma Semana do Fazendeiro”.

Tal como ocorreu no contexto nacional, a extensão praticada na Semana do Fazendeiro também passou por três fases distintas, sintetizadas por Negrão e Cabral¹⁴⁶, sendo:

1ª - Fase de Transmissão de Conhecimentos ou Devolução, uma vez que teve como concepção inicial o objetivo de “estender” o conhecimento, influenciando os contextos históricos, sociais e econômicos do país, concentrando-se em definir conteúdos que poderiam ser imediatamente aplicáveis e que deveriam, por isso, ser difundidos; 2ª - Fase do Assistencialismo, pois a sua principal função era a prestação de serviços sob a forma de cursos práticos, serviços técnicos, assistenciais e conferências; e 3ª - Fase da Reflexão da Universidade (dialógica) já que sua concepção vem se alterando ao longo do tempo, bem como a própria concepção de conhecimento das universidades.

Ressalta-se que a extensão praticada no âmbito do evento, de acordo com a natureza da atividade, pode transitar entre as três fases. Dutra, Gomes, Coelho e Félix¹⁴⁷ afirmam que a forma de extensão rural, de caráter difusionista, é predominante na Semana do Fazendeiro. Na etapa mais recente, o desenvolvimento do modelo do agronegócio alterou o perfil do público participante, visto que os produtores de maior poder aquisitivo passaram a buscar outras formas de acesso à ciência e à tecnologia, impactando no modo da Semana do Fazendeiro fazer extensão. A inclusão de novos espaços e atores na programação da Semana do Fazendeiro sinaliza, na visão dos autores, “uma convivência entre abordagens diferenciadas de envolvimento da universidade com a sociedade”¹⁴⁸, evidenciando não haver o rompimento de

¹⁴⁶ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. Op. cit. p. 175.

¹⁴⁷ DUTRA, Thales Henrique; GOMES, Ivani Soleira; COELHO, Elaine Maria de Souza; FÉLIX, Eliane Maria. op. cit., p. 203.

¹⁴⁸ Idem, ibidem. p. 204.

um processo metodológico em função da adoção de outro, mas “o convívio de abordagens distintas mostrando a coexistência de diferentes concepções e práticas de extensão na instituição”¹⁴⁹.

A estrutura da programação da Semana do Fazendeiro permaneceu sem alterações significativas, por muitos anos, com a oferta de cursos, leilões, exposições e dias de campo, como verifica-se nos documentos impressos¹⁵⁰, disponíveis no ACH-UFV, os quais detalham a estrutura básica de organização dos cursos, salas e materiais didáticos, além dos serviços de alojamento e alimentação ao participante.

De acordo com Candau¹⁵¹, “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. (...) Ela é mais um enquadramento do que um conteúdo, vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dela”. É uma tarefa a ser efetuada com critério, uma vez que, participando da construção da memória, o historiador, de acordo com o mesmo autor, encontra-se “enredado, embora deva, por princípio de ofício, permanecer vigilante contra ela¹⁵²”. Nesta perspectiva, será apresentado um levantamento da operacionalização da Semana do Fazendeiro, no período de 2009 a 2019, com base em documentos, visando registrar a memória do evento, ciente de que tal construção poderá ser acrescida ou suprimida por futuros estudiosos do tema.

No ano em que completou 80 anos, o evento se norteou pelo tema “80 anos de diálogo com o campo”, incorporou outros públicos à sua dinâmica, em parceria com a EMATER-MG, com a primeira edição da Semana da Juventude Rural¹⁵³, destinado aos filhos de agricultores familiares¹⁵⁴ procedentes da Zona da Mata mineira, atendidos pela entidade de extensão de Minas. O intuito do evento, segundo os organizadores, é promover o contato com o ensino e a tecnologia, visando o despertar para promover o empreendedorismo e melhorar a produtividade de suas propriedades, o que possibilita sua permanência no campo.

Neste mesmo ano, a Semana do Fazendeiro firmou parceria entre o Programa TEIA¹⁵⁵, a Assessoria de Movimentos Sociais (AMS) e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura,

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ DOCUMENTOS IMPRESSOS: cadernos de curso, cartazes, programação, cartas.

¹⁵¹ CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9.

¹⁵² Ibidem. p. 33.

¹⁵³ Os participantes da Juventude Rural, oriundos da Zona da Mata mineira, são selecionados pelo Projeto Transformar, que tem como objetivo a formação de jovens rurais, filhos de agricultores familiares atendidos pela EMATER-MG.

¹⁵⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Caderno de Cursos - 87ª Semana do Fazendeiro. Julho de 2017 - p. 8.

¹⁵⁵ CARDOSO, Irene Maria; MUGGLER, Cristine Carole; SILVA, Kim Sá da; BARBOSA, Willer Araújo; ZANELLI, Fabrício Vassalli; LOPES, Leandro de Souza; CRUZ, Nina Abigail Caligiorne; CONTE, Guilherme Menezes; MOREIRA, Fábio de Oliveira; OLIVEIRA, Leonardo Abud Dantas de. Programa TEIA: Trocando

incorporando às suas atividades, a Troca de Saberes, cuja proposta era “criar ambientes de interação relativos à realidade da agricultura familiar da Zona da Mata Mineira”, de acordo com Miranda, Silva, Zanelli e Bhering¹⁵⁶. O evento “objetiva possibilitar uma ecologia de saberes através da ressignificação e reelaboração dos conhecimentos produzidos entre a universidade e a dimensão popular da sociedade”¹⁵⁷. As atividades têm como eixo a socialização de pesquisas acadêmicas e populares, conhecimentos e experiências, entre os participantes organizados por temas ou grupos.

A implementação de medidas de neutralização das emissões de carbono gerados pela Semana do Fazendeiro, a partir de 2010, com o programa Carbono Zero¹⁵⁸, foi viabilizada pela parceria entre a PEC e o Grupo de Estudos em Economia Ambiental e Manejo Florestal (GEEA) do Departamento de Engenharia Florestal. Esta iniciativa, aliada ao projeto Lixo Zero, instituído a partir da 90ª edição, em 2019, fazem parte do compromisso assumido pelo evento no sentido de cooperar para o cumprimento de algumas das diretrizes da Agenda 2030 da ONU¹⁵⁹.

A Semana da Mulher Rural foi inserida na programação da Semana do Fazendeiro a partir de 2013, nos mesmos moldes da Semana da Juventude Rural. O objetivo é oferecer um dia com palestras, visitas técnicas e entretenimento às mulheres do meio rural da Zona da Mata mineira, atendidas pela EMATER-MG em programas de conscientização do seu papel na transformação da sociedade a partir da família rural¹⁶⁰.

Entre 2011 e 2016 a Semana do Fazendeiro inseriu em sua programação, a Mini Fazenda, um espaço que possibilitava o contato do público infantil com pequenos animais. A partir da 88ª edição, em 2017, essa atividade foi remodelada, com a contribuição de professores, técnico-administrativos, alunos dos departamentos de Medicina Veterinária, Zootecnia,

saberes e tecendo a teia da agroecologia. *In*: SOUSA, Diogo Tourino de et al. (orgs). **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária**: a experiência da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017, p. 276.

¹⁵⁶ MIRANDA, E. L.; SILVA, L.H.; ZANELLI, F. V.; BHERING, M. S. TROCA DE SABERES: Novos Enfoques Metodológicos na Construção do Conhecimento Agroecológico na Zona da Mata Mineira. *In*: I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS, 2012, Pelotas- RS. **Anais do I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS**, 2012. v. 1.

¹⁵⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019. p. 10.

¹⁵⁸ CARBONO ZERO. Disponível em <https://www.carbonozero.ufv.br/?page_id=167>. Acesso em 08 jun. 2022

¹⁵⁹ A ONU e seus parceiros no Brasil estão trabalhando para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. São 17 objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo. NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 30 jan 2023.

¹⁶⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro. Julho de 2019. p. 12

Agronomia e da parceria com a Polícia Militar Ambiental, apropriando-se do aspecto de veículo de popularização da ciência. O visitante, criança, adulto ou grupos de estudantes da educação básica da região, tem “contato com uma fazendinha de verdade, com porteira e tudo o mais¹⁶¹”, destaca o texto Mini Fazenda¹⁶², cuja proposta é levar ciência ao público infantil e permitir contato com animais, em instalações de tamanho reduzido, que exploram “aspectos e tecnológicos dentro deste circuito, tornando a ciência mais acessível ao público de todas as idades”¹⁶³.

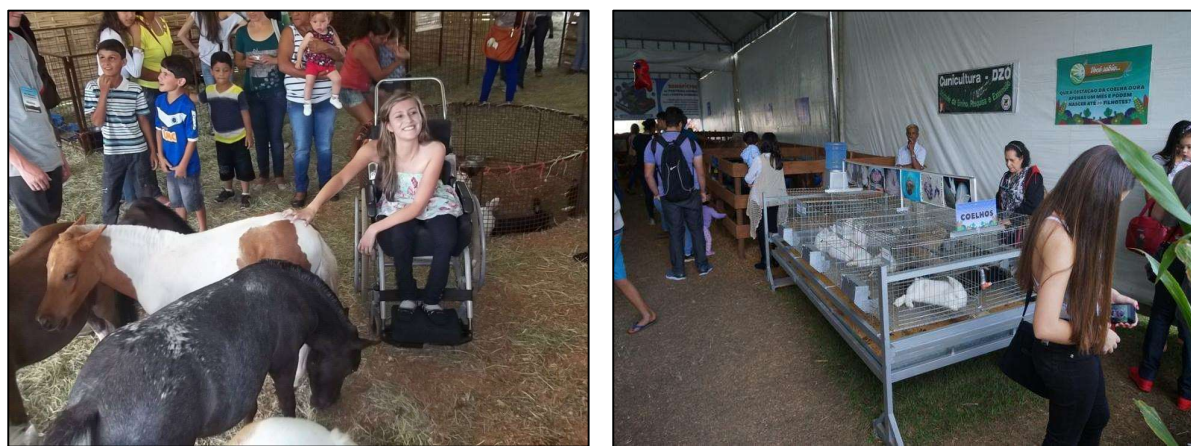


Figura 11: Mini Fazenda – Edições de 2013 e 2019

Outra atividade incorporada à Semana do Fazendeiro desde 2013¹⁶⁴, a Exposição de Antigomobilismo, sob a coordenação da Associação Viçosense de Antigomobilismo, fundada por servidores ativos e aposentados da UFV, congrega entusiastas e colecionadores de veículos antigos apresentando-se como espaço de entretenimento que recebe público diversificado e integra os eventos culturais que celebram memória, uma vez que o colecionismo, de acordo com Silveira¹⁶⁵ :

promove um resgate da história desses objetos, sua trajetória até os dias atuais, e mostra como, neste percurso, a história do automóvel se entrelaça com momentos importantes da história geral, já que ela se conecta fortemente às revoluções tecnológicas, à ideia de progresso e à de status social.

¹⁶¹ Idem. p. 10.

¹⁶² UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Caderno de cursos da 88ª Semana do Fazendeiro. Julho de 2017. p. 10.

¹⁶³ UFV - Ibidem, pág. 10.

¹⁶⁴ SILVEIRA, Victor de Souza. Patrimônio sobre rodas: antigomobilismo, memórias e distinção social. Viçosa, 2021, p. 75.

¹⁶⁵ SILVEIRA, Op. cit. p. 17.

Neste mesmo ano, as visitas aos museus e espaços de ciência da UFV¹⁶⁶, passaram a compor a agenda da Semana do Fazendeiro. A universidade conta com doze museus e espaços de ciência, abertos à visitação pública, proporcionando à comunidade o contato com várias temáticas e tipos de acervos, e integrados, a partir de 2019, com a criação da SEMEC - Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV¹⁶⁷, que propicia a difusão cultural e científica e organiza um roteiro especial para os participantes do evento.

Quadro 3: Museus e Espaços de ciências na UFV¹⁶⁸

Espaços de ciências da UFV	Localização
Casa Arthur Bernardes	Praça Silviano Brandão - Centro
Herbário VIC	Av. Purdue, s/nº (início)
Horto Botânico	Av. Purdue, s/nº
Mata da Biologia	Recanto das Cigarras - UFV
Mata do Paraíso	Rodovia Viçosa-Paula Cândido (MG 280, Km 06)
Museu da Comunicação	Vila Giannetti, casa 39
Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef	Vila Giannetti, casa 31
Museu de Zoologia João Moojen	Vila Giannetti, casa 32
Museu Histórico e Pinacoteca	Campus UFV - ao lado da Caixa Federal
Parque Interativo de Botânica	Vila Giannetti, casa 54
Sala Mendeleev	Edifício das Licenciaturas - 2º andar

Fonte: elaboração do autor

A inserção de parceiros, novos públicos e atividades em novos formatos evidenciam a mudança de paradigma na estrutura da Semana do Fazendeiro a partir do ano de 2009, movendo-se do modelo de difusão para configuração de facilitadora da produção de conhecimento, trajetória descrita por Negrão e Cabral¹⁶⁹ que agrega:

saberes acadêmicos e populares com a compreensão de que é essencial que a comunidade atendida participe efetivamente de todo o processo, iniciando o

¹⁶⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 84ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2013, 96p.

¹⁶⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Resolução 03/2019/CONSU. Disponível em: <<https://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/03-2019-CONSU-SEMEC.pdf>>. Acesso em 30 jan 2023.

¹⁶⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Guia de Museus. Disponível em: <<https://semec.ufv.br/guia-de-museus/>>. Acesso em 30 jan 2023.

¹⁶⁹ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. Op. cit. p. 196.

abandono do entendimento equivocado da extensão como conjunto de ações paternalistas e assistencialistas.

O processo de transição deflagrado, embora evidencie avanços no campo do modo de fazer extensão, permite considerar a necessidade de criação de outras atividades a fim de que o participante original do evento seja considerado parte da produção do conhecimento.

Embora, inicialmente esta pesquisa, planejada no final de 2019, tivesse o plano de abordar o período de 2009 a 2019, no início de 2020, o mundo foi surpreendido com a pandemia da COVID-19. As transformações pelas quais a Semana do Fazendeiro passou durante o recorte temporal escolhido, ganharam um capítulo durante o estudo, sendo pertinente registrar esse momento praticamente em tempo real. Entende-se que tais transformações pelas quais a sociedade brasileira e o mundo passaram, serão alvo de muitos trabalhos que registrarão as angústias e o aprendizado dos que vivenciaram o “agora sem fim” de Hartog¹⁷⁰, enquanto escrevemos a história deste tão presente tempo, a ser validada ou reinterpretada no futuro.

Em março de 2020, a programação da Semana do Fazendeiro foi suspensa devido à condição sanitária que o mundo atravessava, com a necessidade de isolamento social, a alta taxa de contaminação e óbitos pelo Coronavírus, e ainda a remota possibilidade de termos uma vacina eficaz. No período reservado para o evento, em meio ao aprendizado para a comunicação personalizada a distância, a coordenação do evento organizou o conteúdo da 90ª edição (2019) e disponibilizou uma programação online com palestras e reportagens gravadas pela TV Viçosa¹⁷¹, emissora de televisão criada pela UFV e atualmente administrada pela Fundação Rádio e TV Educativa de Viçosa - FRATEVI. A “Semana do Fazendeiro *Live*”, que ocorreu de 15 a 17 de julho de 2020, apresentou três preleções conduzidas por ministrantes de cursos da Semana do Fazendeiro que mediaram a participação do público, pela rede social Instagram, e a reexibição de matérias produzidas no ano anterior pela FRATEVI. A figura 12 a seguir mostra o material de divulgação do evento na rede social da Semana do Fazendeiro, que substituiu o convencional cartaz impresso.

¹⁷⁰ HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 138.

¹⁷¹ FRATEVI. Especial Semana do Fazendeiro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CmbBD0Myr8w&list=PLKG_Ig1MwT4gSI77k421BhaJI9xXkuVXR&index=6>. Acesso em 12 jul 2022.

Desde o início da crise sanitária, a UFV buscou desenvolver habilidades e difundir tecnologias para a virtualização do ensino, como alternativa à continuidade das atividades acadêmicas, do mesmo modo que os organizadores de eventos científicos, de entretenimento, de negócios, dentre outros, adotaram as plataformas digitais, popularizando as *lives* como forma de comunicação em tempo real.

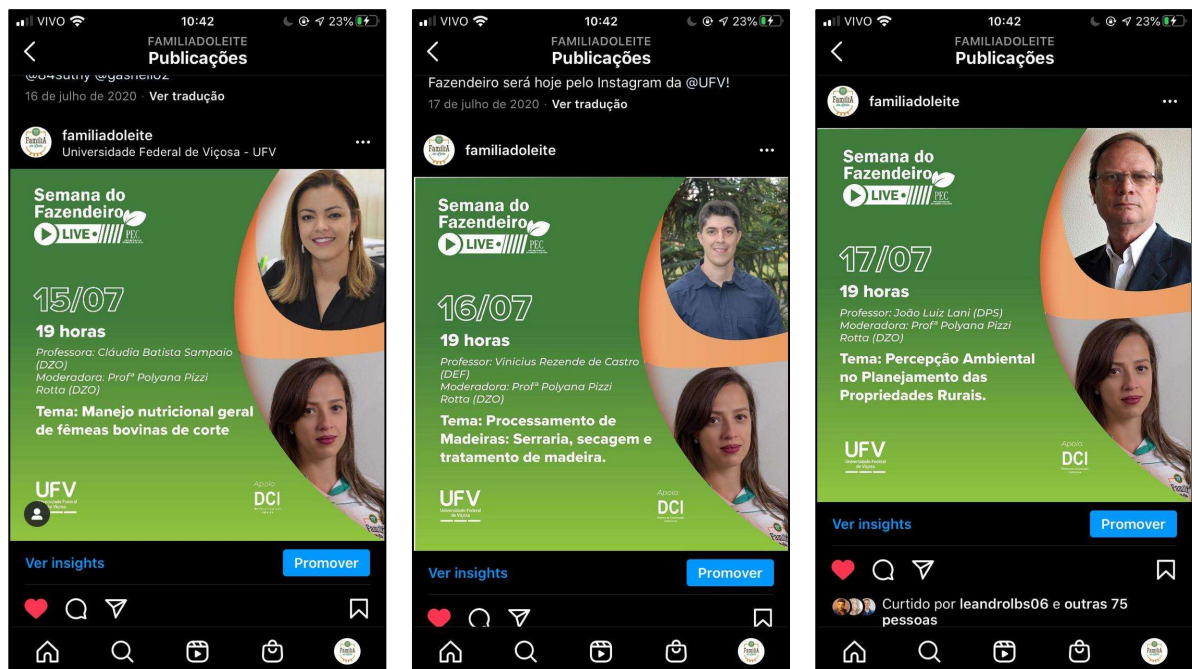


Figura 12: Programação das *Lives* realizadas no ano de 2020
Fonte: Rede Social da Semana do Fazendeiro

Em 2021, com a consolidação da nova forma de realizar eventos de grande dimensão, a Semana do Fazendeiro organizou-se para oferecer sua programação totalmente a distância. Conforme registro da Divisão de Comunicação Institucional da UFV, a 91ª edição, realizada de

maneira completamente virtual¹⁷², teve 1.129 participantes. A pandemia da COVID-19 tornou a Semana do Fazendeiro um evento internacional, com participantes de 11 países da América Latina. Esta edição, organizada em parâmetros muito distintos das anteriores, especialmente no que se refere à capacitação dos instrutores, da equipe de apoio, orientação aos participantes, evidenciou as oportunidades trazidas pela pandemia no que tange à mudança de paradigma e transposição para a era digital. Tal mudança representou a possibilidade de virtualização do evento, acesso de novos públicos, redimensionamento dos custos e o desafio de avaliar quais dessas transformações serão absorvidas pelo evento em seu formato presencial, de fidelizar os participantes da edição virtual e de dar continuidade à internacionalização.

Os documentos e os monumentos constituem a matéria prima do historiador para a produção da história. Para Le Goff¹⁷³ os materiais da memória apresentam-se principalmente, sob duas formas, sendo a primeira “os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”.

A partir dos documentos encontrados na Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro e no ACV-UFV, buscou-se registrar tanto o que está explícito nestes acervos, como também compreender as lacunas e propósito das escolhas de determinados documentos. Este acervo analisado conta com documentos em formato físico e digital. Buscou-se trazer a lume, além do que tais documentos revelam, aquilo que podem sugerir ou mesmo ocultar ou invisibilizar, que mostrem incoerências entre o dito e o verificado. De acordo com Le Goff¹⁷⁴, o historiador deve “questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos.”

Por meio do levantamento e análise dos relatórios, dados, textos e imagens que compõem o acervo foi possível descrever a dinâmica organizacional do evento, cujo planejamento envolve a participação dos corpos docente, discente e técnico-administrativos da UFV. A Secretaria que inicialmente funcionava a partir de nomeações dos diretores, como exemplificado pelo documento de Bello Lisboa, depositado no ACH-UFV, assumiu o caráter de Secretaria Permanente, na gestão do Pró-Reitor Luciano Baião Vieira, a partir do ano de 2007, com o objetivo de dispor de forma perene de um setor destinado à organização, coordenação e execução do evento.

¹⁷² UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Em versão virtual, a 91ª Semana do Fazendeiro termina ampliando horizontes e preservando sua tradição. Disponível em <<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=35569>>. Acesso em 12 jul.2022.

¹⁷³ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 526.

¹⁷⁴ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 90.

A Comissão Organizadora do evento, composta pelo Pró-Reitor de Extensão e Cultura, pelos assessores da PEC, os chefes das Divisões de Assuntos Culturais, da Divisão de Eventos e do Secretário da Semana do Fazendeiro, inicia no mês de novembro do ano anterior a cada edição, as reuniões com vistas ao levantamento de sugestões do tema eixo e elaboração de um cronograma de atividades, baseado no calendário acadêmico da UFV. Esta etapa envolve reserva do período do evento, pesquisa sobre assuntos atuais e relevantes do universo agropecuário e disponibilização de um instrumento editável de gestão de projetos, acessível a toda equipe.

Na segunda etapa, a PEC emite os atos de nomeação de servidores que compõem as Comissões da Semana do Fazendeiro, que podem ter pequenas variações entre as edições, mas seguem uma estrutura consolidada.

Os trabalhos têm segmento no mês de janeiro do ano seguinte, com o envolvimento dos docentes e técnico-administrativos lotados nas Pró-Reitorias de Administração, Assuntos Comunitários, Extensão e Cultura e Planejamento e Orçamento, da UFV, divididos em comissões de trabalho, além de alunos de graduação e pós-graduação e instrutores das instituições parceiras, conforme afirma o Assessor Especial da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura Diogo Tourino de Sousa¹⁷⁵, durante a 86ª edição, em 2015, realizar a Semana do Fazendeiro “só é possível num trabalho coordenado de todas as Pró-Reitorias da universidade”.

O registro dos participantes dos cursos é efetuado em um sistema desenvolvido pela Diretoria de Tecnologia da Informação - DTI, a partir do ano de 2008, que controla e gerencia as informações relativas ao evento¹⁷⁶, o quantitativo de cursos oferecidos (como área temática, carga horária, órgão promotor, ministrante, local de realização, conteúdo programático e recursos didáticos necessários); os dados cadastrais dos ministrantes e dos participantes (identificação, cidade de origem, situação como produtor rural) assim como outras informações que auxiliam a Secretaria Permanente no planejamento de hospedagem, alimentação, transporte.

¹⁷⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Semana do Fazendeiro 2015 - 16.7.2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sWh6Z6f1J1I&t=210s>> Acesso em 12 jul 2022.

¹⁷⁶ Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro. Disponível em <https://www2.dti.ufv.br/semana_fazendeiro/scripts/index1.php> Acesso em 8 jun 2022.

SemFAZ
Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro

CADASTROS RELACIONAMENTOS AJUSTES INSCRIÇÃO ALOJAMENTO RELATÓRIOS RECIBO ARQUIVOS SAIR

Dados Referentes ao Alojamento	Masculino	Feminino	Total
Total de vagas ocupadas:	0	0	0
Total de vagas restantes:	377	176	553
Total de vagas disponibilizadas:	377	176	553

Dados Referentes aos Cursos	Total
Participantes do sexo masculino com cursos inscritos:	0
Participantes do sexo feminino com cursos inscritos:	0
Total de participantes:	0
Participantes inscritos que não efetuaram pagamento:	1

CPD / UFV - Universidade Federal de Viçosa

Figura 13: Tela inicial do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro

Para o controle dos eventos destinados aos jovens e às mulheres, há os Sistemas da Semana da Juventude Rural e Semana da Mulher Rural, igualmente desenvolvido pela DTI, armazenam dados básicos dos participantes destas atividades, para posterior emissão do certificado de participação.



Figura 14: Telas iniciais dos Sistemas de Gerenciamento da Semana da Juventude e da Mulher Rural

Ambos os sistemas são alimentados por colaboradores da EMATER, empresa parceira da Semana do Fazendeiro responsável pela realização destes eventos. Busca-se a integração dos três sistemas a fim de agrupar as informações dos diferentes públicos e gerar relatórios mais completos que subsidiem as tomadas de decisão.

As atividades como a Troca de Saberes, a exposição de Antigomobilismo, a Mini Fazenda e o Torneio Leiteiro acontecem paralelamente e têm seus procedimentos de controle, independentes da Semana do Fazendeiro. Durante estas atividades, os participantes respondem a um questionário, aplicado por amostragem, que subsidiam os relatórios.

Estabelecidas as comissões de trabalho, o cronograma é acompanhado quinzenalmente pela comissão coordenadora, por meio de encontros e atualização do instrumento interno de gestão de projetos.

Quadro 4: Comissões da Semana do Fazendeiro e suas atribuições

Comissão	Composição	Atribuições ou Detalhamento das atividades
Coordenação Geral	O responsável máximo pelo evento é o Pró-Reitor de Extensão e Cultura.	relacionamento com autoridades e meios de comunicação (rádio, TV e jornais) captação de recursos financeiros, controle de despesas e prestação de contas.
Coordenação Adjunta	Presidente: Pró-Reitor de Extensão e Cultura Assessores da PEC Chefe da Divisão de Extensão Chefe da Divisão de Assuntos Culturais Chefe da Divisão de Eventos	coordenar os trabalhos das demais comissões, assessorar o Coordenador Geral, sugerir programação, temas de palestras e palestrantes, cursos e patrocinadores, preparar instrumentos de avaliação, selecionar estagiários, elaborar e apresentar o relatório final do evento.
Secretaria	Servidores da Secretaria Permanente do evento, e dois estagiários	organização e acompanhamento do processo de coleta de informações para cursos na Semana do Fazendeiro, pelo contato com departamentos e coordenadores, cadastro dos cursos, elaboração do caderno de cursos, preparar correspondências, impressão de folders, cartazes e apostilas dos cursos, processar e confirmar inscrições, providenciar materiais de escritório, definir o local e a estrutura da secretaria a ser montada durante o evento, preparar lista de compra de materiais diversos, prestar informações técnicas aos participantes. Reservar e organizar os locais de cursos e atividades, controlar recursos audiovisuais.
Assuntos Comunitários	Servidores das Divisões de Alojamento, Alimentação e de Saúde da PCD.	receber e encaminhar os participantes e caravanas, ministrantes, artistas e convidados para os alojamentos ou para o hotel do CEE; controlar portarias, elaborar plano de atendimento de enfermagem e encaminhamentos hospitalares, manutenção do estande de atendimento.

Quadro 4: cont...

Comissão	Composição	Atribuições ou Detalhamento das atividades
Estandes e infraestrutura	Comissão Coordenadora, DGI - Divisão de Governança Institucional da PPO; Fundações de apoio à UFV	elaborar o projeto estrutural do evento, revisão do termo de referência para seleção da empresa responsável pela montagem dos estandes e tendas do evento, correspondências, convites às empresas, mapeamento das áreas a serem locadas e/ou cedidas, definir valores de comercialização dos espaços destinados de stands, controlar pagamento e credenciamento dos expositores, acompanhar a montagem e desmontagem dos estandes, remoção de móveis e equipamentos. Elaborar os mapas de montagem de palanques, postes de sonorização e iluminação; fiscalizar os plantões das áreas de elétrica, hidráulica, pintura e carpintaria.
Informática	Servidores da Secretaria Permanente do evento, Servidores da DTI - desenvolvedores do Sistema de Controle da Semana do Fazendeiro. Servidores da DTI - encarregados dos serviços de telefonia e de apoio de rede	Manter e efetuar melhorias no sistema de Gerenciamento do evento e oferecer suporte à montagem da estrutura de rede de computadores da Secretaria Permanente, manutenção de impressoras, instalação de pontos de telefone e provimento de sinal de internet. Prestar suporte técnico junto ao Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro, manutenções em equipamentos de informática e infraestrutura de rede durante o evento.
Lixo Zero	Servidores da Pró-Reitoria de Administração.	Controlar a limpeza de áreas internas e externas, banheiros, secretaria do evento. Contratar pessoal para limpeza, materiais e escalas de trabalho, planejar a demanda de água.
Organização dos Leilões	Professores e técnicos dos Departamentos de Zootecnia e Medicina Veterinária da UFV.	elaborar a estrutura para o leilão, definir data, local e horário, separar e tratar dos animais, fazer a divulgação dos leilões e enviar para a Secretaria Permanente do evento a relação e características de animais a serem leiloados.
Programação Cultural	Servidores da Divisão de Assuntos Culturais e da Divisão de Eventos/PEC.	definir/executar/contratar a programação de shows, exposições, teatro, coral, cinema, minifazenda, museus, providenciar transporte e sonorização necessários.
Comunicação	Servidores da Divisão de Comunicação Institucional/Reitoria	apoiar o planejamento e execução de todo o material gráfico do evento. Divulgar em mídias sociais, filmar, fotografar, elaborar material de divulgação, agendar eventos.
Segurança Patrimonial	Servidores da Divisão de Segurança Patrimonial e Comunitária/PAD	preparar o esquema de vigilância (24 horas) das instalações do evento. Vigilância do campus, plantão, parcerias com a PM, auxílio na contratação de seguranças.

Quadro 4: cont..

Comissão	Composição	Atribuições ou Detalhamento das atividades
Distribuição de Cursos	Servidores da Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro, Servidores do Serviço de Estágio/PEC e estagiários.	preparar os envelopes de cada curso, inserir os formulários de controle de presença. Providenciar as estacas para o setor de distribuição destes cursos, demandar veículos, orientar e acompanhar os participantes aos locais de cursos, treinar colaboradores do setor.
Sonorização	Servidores da Divisão de Eventos/PEC.	providenciar o equipamento de som necessário para cada atividade da Semana do Fazendeiro: (shows, auditórios, salas de aula, áreas externas, etc.).
Transporte	Servidores da Divisão de Transportes/PAD	elaborar o mapa de transporte; o controle de veículos para transporte dos participantes aos locais de cursos mais distantes e para os leilões; manter a limpeza de veículos; acompanhar a escala dos motoristas; transportar móveis e equipamentos da Secretaria para local onde funcionará a secretaria durante o evento.
Materiais para aulas práticas	Servidores da PEC e estagiários.	aquisição e distribuição do material para as aulas práticas do evento.
Parceria Emater-MG/UFV	um Assessor da PEC. Servidores da Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro e técnicos da EMATER, sob a presidência de	planejar e executar os eventos Semana da Juventude Rural e Semana da Mulher Rural, efetuar a divulgação e recepção dos participantes. Requisitar transporte.
Troca de Saberes	Professores da UFV ligados ao movimento agroecológico e estagiários.	planejar e executar o evento Troca de Saberes, que inclui calendário de atividades, transporte, inscrição dos participantes, alojamento, alimentação, cursos.
Carbono Zero	Equipe do Carbono Zero, presidida pelo coordenador do Projeto.	prestar orientação aos participantes, incentivar o reflorestamento, socializar questões ambientais, estabelecer parcerias ambientais e florestais. Quantificar e neutralizar as emissões de gases do efeito estufa geradas pelo evento. Plantar as mudas destinadas à compensação dessas emissões e manter a área de plantio.
Torneio Leiteiro	Professores e técnicos dos Departamentos de Zootecnia e de Medicina Veterinária da UFV e estagiários.	elaborar/atualizar o regulamento do torneio, convite aos produtores, contato com patrocinadores, prestar orientação aos participantes, apresentar os resultados e premiação.
Educação e Popularização da Ciência	Professores e técnicos dos Departamentos de Zootecnia e de Medicina Veterinária da UFV e estagiários	apoiar e planejar e realização da Mini-Fazenda.

Fonte: elaboração do autor.

A partir de 2003, em sua 74ª edição, os organizadores da Semana do Fazendeiro passaram a adotar um tema articulado aos debates do momento, conforme registram Negrão e Cabral:¹⁷⁷

A escolha dos temas é feita a partir da necessidade de atender às demandas sociais e, nesse sentido, entre os muitos cursos oferecidos na Semana, há os que abrangem temas relacionados ao agronegócio, ao leite e à cafeicultura numa perspectiva prática, buscando capacitação e atualização.

O rol dos temas reflete uma sintonia da organização do evento com as preocupações do meio agropecuário no decorrer do período em estudo: meio ambiente, sustentabilidade, mudanças climáticas, escassez hídrica e inovação tecnológica, remetem a atenção aos debates nacionais e globais no entorno da produção de alimentos assim como às possibilidades de oportunidades para este setor.

Quadro 5: Temas e datas das últimas edições do evento. Fonte: Secretaria Permanente

TEMAS DA SEMANA DO FAZENDEIRO			
EDIÇÃO	ANO	REALIZAÇÃO	TEMA
91ª	2021	12 a 16 de julho	Novos tempos: reconstruindo Saberes e Ações
90ª	2019	13 a 19 de julho	Nove Décadas de Extensão Universitária: história e horizontes
89ª	2018	14 a 20 de julho	Água: uso e conservação
88ª	2017	16 a 22 de julho	Produção Rural e Desenvolvimento: diversidade de pessoas, técnicas e resultados
87ª	2016	17 a 23 de julho	Desenvolvimento em tempos de crise: participação, cooperação e solidariedade
86ª	2015	12 a 18 de julho	Campo e Cidade: diálogo para um futuro sustentável
85ª	2014	26 de julho a 1º de agosto	Agricultura, Clima e Meio Ambiente
84ª	2013	14 a 20 de setembro	Família Rural: a perspectiva da vida no campo
83ª	2012	7 a 13 de julho	Inovação e Desenvolvimento Social no Campo
82ª	2011	9 a 15 de julho	A Pesquisa Científica em Diálogo com o Conhecimento Popular
81ª	2010	11 a 16 de julho	Extensão Rural: Sustentabilidade e Cidadania
80ª	2009	12 a 17 de julho	80 Anos de Diálogo com o Campo

¹⁷⁷ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. Op. cit. p. 180.

Quadro 5: cont...

TEMAS DA SEMANA DO FAZENDEIRO			
EDIÇÃO	ANO	REALIZAÇÃO	TEMA
79 ^a	2008	13 a 18 de julho	Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável
78 ^a	2007	29 de julho a 3 de agosto	Fruticultura: Sistemas de Produção e Impactos Socioambientais
77 ^a	2006	16 a 21 de julho	Água, Agricultura e Meio Ambiente: Desafios e Perspectivas
76 ^a	2005	17 a 22 de julho	Organização dos Agricultores - Cooperativas e Associações
75 ^a	2004	11 a 17 de julho	Agricultura Familiar no Agronegócio: Renda, Tecnologias e Perspectivas
74 ^a	2003	20 a 25 de julho	Agricultura e Meio Ambiente

Fonte: elaboração do autor.

Nota: Temas em cinza estão fora do recorte da pesquisa

Revisitar a seleção de temas, permite-nos inferir que, a partir da 80^a edição, em 2009, observa-se um direcionamento da extensão para a atuação dialógica e inclusiva, distanciando-se do modelo difusionista, evidenciado pela integração de novos públicos e por expressões contidas nos temas do evento, como o emprego do verbete “diálogo”, presente em 03 (três) temas entre 2009 e 2021 ou de termos como “participação” “diversidade” “solidariedade” “família”, que sugerem a disposição em conversar, trocar experiências, conhecimentos e incluir novos públicos. Outros documentos destas edições, igualmente registram a inclusão de novos públicos e a criação de espaços diferenciados das costumeiras salas de aula, como anuncia uma brochura de atividades, de que foi “organizado um outro espaço de formação para os participantes, onde o conhecimento será compartilhado de outra forma, diferente dos cursos¹⁷⁸”, referindo-se à primeira edição da Troca de Saberes, na qual os participantes tinham a oportunidade de contar experiências e compartilhar conhecimentos, numa dinâmica inédita até aquele momento, em que não há mestre e discípulo, mas, conforme assevera Freire¹⁷⁹, estabelece-se uma relação de comunicação, em vez de extensão, pois “na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo”. Na mesma edição, a Semana da Juventude Rural incorporou ao espaço do evento os

¹⁷⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Caderno de cursos da 80^a Semana do Fazendeiro - julho de 2009. p. 8.

¹⁷⁹ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 13. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006, p. 67.

jovens filhos de agricultores da Zona da Mata mineira, e em 2013, ampliou-se a diversificação do público, com a primeira edição da Semana da Mulher Rural.

Neste movimento de transformação, ainda se observa a convivência da forma de extensão de difusão de conhecimentos como a tônica de boa parte dos conteúdos oferecidos durante a Semana do Fazendeiro. No entanto, a seleção dos temas aponta para uma aproximação da Semana do Fazendeiro com as preocupações do cotidiano do agricultor familiar, ao mesmo tempo que contempla assuntos afeitos à agricultura brasileira no geral. O tema da edição presencial mais recente, “Nove décadas de extensão universitária: história e horizontes”, propõe uma avaliação concomitante a uma discussão de rumos. Paralelamente, outra publicação desta edição remete a uma extensão universitária como “espaço ampliado de sala de aula”¹⁸⁰ que se propõe a “estabelecer um diálogo formativo com a sociedade como um todo”¹⁸¹. Durante todo o período analisado, verifica-se a continuidade e consolidação das atividades, conferindo ao evento a noção de organicidade na qual há oportunidades tanto de aprendizado como de ensino e compartilhamento de experiências, balizado pelo pensamento de Freire, de que sempre aprendemos algo e sempre se pode ensinar alguma coisa a alguém, pois “todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. É por isso que aprendemos juntos”¹⁸².

Ansara e Dantas¹⁸³ afirmam que “a memória cumpre uma função relacionada à identidade do grupo social, ou seja, o grupo é condição necessária para a memória da mesma maneira que a memória é condição indispensável à existência do grupo”, e que “os diversos grupos funcionam como suporte da memória coletiva”. Cada novo evento que aderiu à proposta inicial da Semana do Fazendeiro, tem no evento a partir de então, seu espaço de memória. Nesta vertente, uma reportagem veiculada durante a 90ª edição da Semana do Fazendeiro, em 2019, salientou que “a Semana do Fazendeiro é um lugar de encontros”¹⁸⁴, encontros estes fonte de memórias em todos os segmentos de participantes do evento. A matéria vai além, com uma provocação de retórica: “quantos encontros um mesmo evento é capaz de promover?” Encontros com a instrução; com o conhecimento; com amigos; com a comunidade, de que vende com quem compra, da criança com a ciência; com família, como o caso do depoimento de um produtor rural de Nova Friburgo, RJ, de 82 anos, que na referida edição, completou 60

¹⁸⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019. p. 1.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. p. 78.

¹⁸³ ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Aspectos ideológicos presentes na construção da memória coletiva. **Athenea digital: revista de pensamento e investigación social**, v. 15, n. 1, p. 210.

¹⁸⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xKhqsaI-jmY&t=84s>>. Acesso em 22 nov 2022.

anos de participação no evento, havendo também trazido durante este tempo, filho e neto. A figura 15 a seguir mostra o entrevistado, Gilson Knust, cuja família, que reside em cidades diferentes, costuma fazer de Viçosa um dos seus lugares de encontro durante a Semana do Fazendeiro.



Figura 15: Entrevista com participante da 90ª Semana do Fazendeiro
Fonte: YouTube UFV

O produtor conta que havia antigamente onde hoje é o bar do DCE, um alto falante no qual alguém na madrugada advertia: “Senhores fazendeiros! Os senhores vieram aqui para dormir ou para assistir aula?”. Rica em imagens, a matéria exhibe uma visão panorâmica da feira de artesanato, da Mini Fazenda, da feira de máquinas e implementos agrícolas, o stand com os encontros com as equipes do Carbono Zero e Lixo Zero, ilustrando o encontro da produtividade com a preservação. Com a participação de mais de 1300 inscritos de 25¹⁸⁵ estados brasileiros, registrou ainda o encontro dos sotaques e culturas envolvidos no encontro de aromas e sabores nos estandes dos cursos de processamento de alimentos. Encontros em sala de aula e ao ar livre e com os vários ambientes nos cursos teóricos ou práticos. Encontros nas trocas de experiências vivenciadas pelo homem do campo compartilhadas com os pesquisadores que compõem a

¹⁸⁵ Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro

Troca de Saberes e o de gerações com os participantes da Juventude e da Mulher Rural. Acrescenta-se a todos esses, o encontro da cultura, com entretenimento e com os moradores do Município, acolhidos durante todo o evento. Essa memória dos encontros pode ser uma das explicações para o percentual de 13% dos participantes que retornam à Semana do Fazendeiro há pelo menos 30 anos, de acordo com o relatório de avaliação¹⁸⁶ da edição de 2019.

A memória evocada pelos encontros, também pode ser observada em materiais produzidos pela organização do evento, como os cartazes de divulgação e os cadernos de programação, documentos enviados anualmente aos participantes de edições anteriores, aos parceiros do evento, às Prefeituras e aos Sindicatos Rurais. Em Documento e Monumento, Le Goff¹⁸⁷ aborda o “alargamento” do conceito do termo documento, acrescentando o termo monumento, estendendo sua utilização para além do documento escrito para outras formas de representação da história, o que levou à revolução documental a partir dos anos 1960. Lefebvre, acrescenta que “a história é feita com documentos escritos, mas também pode ser feita sem eles, quando não existem”. À guisa de complementação, serão analisadas algumas informações sobre a Semana do Fazendeiro a partir de dois desses documentos. Além da memória a que os cartazes e os cadernos remetem, indaga-se o que “dizem” a respeito do evento, dos organizadores e, ainda mais, da expectativa dos participantes, ou quais expectativas se deseja despertar nos participantes.

Os cartazes e cadernos de cursos produzidos a partir de 2009 encontram-se no arquivo da Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro. A partir da edição de 2018, esses materiais foram disponibilizados tanto em mídia impressa quanto no formato digital. Apresentam, em primeiro plano, o nome do evento, seguido do tema da edição e data de realização. Na peça central é estampada uma arte gráfica alusiva ao tema, seguida da programação e do rol de instituições e empresas parceiras e patrocinadoras. A mesma arte é replicada nos cadernos de cursos, brochuras que detalham a programação do evento, fornecem instruções para inscrição e elencam todos os cursos oferecidos em cada edição. As logomarcas estampadas nas peças a partir de 2016 dão a dimensão do esforço de cooperação empreendido para a materialização do evento a cada ano.

¹⁸⁶ SECRETARIA PERMANENTE DA SEMANA DO FAZENDEIRO. Relatório de Avaliação da 90ª Semana do Fazendeiro. 2019. 73p.

¹⁸⁷ LE GOFF, J. Op. cit. p. 531.

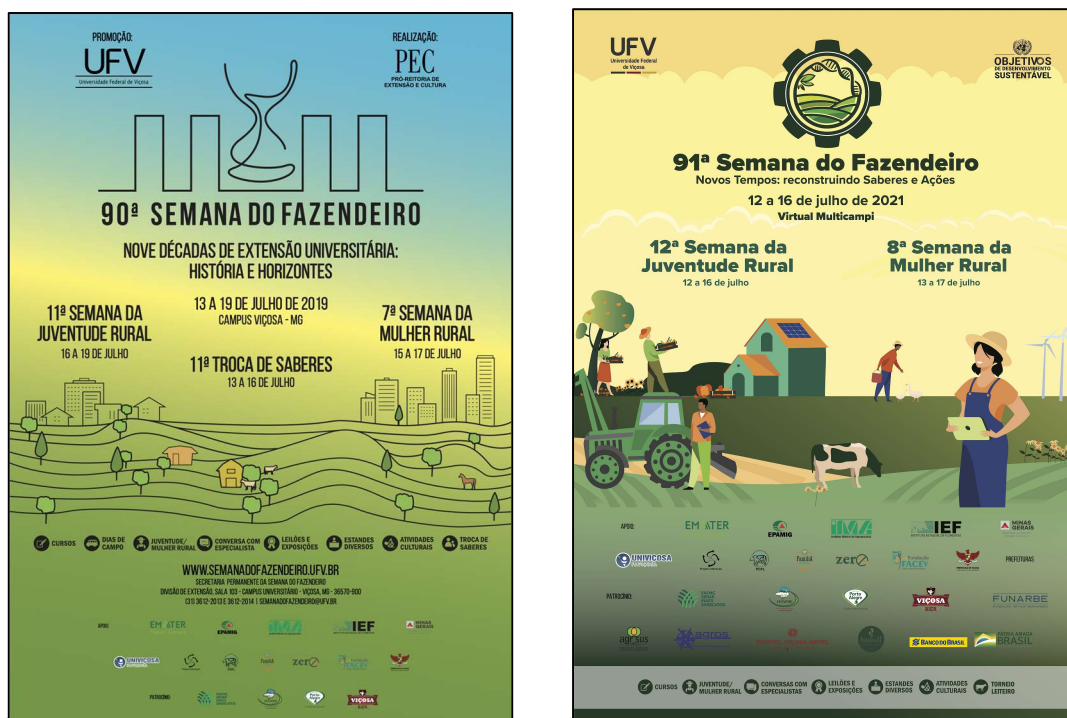


Figura 16: Cartazes da 90ª e 91ª edição da Semana do Fazendeiro
Fonte: Secretaria Permanente

As imagens da Figura 16 reproduzem os cartazes das edições de 2019 e 2021. A ilustração de 2019 remete ao tema da temporalidade do evento, perpassando pelo símbolo da UFV, as quatro pilastras, e a transformação gradativa da paisagem agrária para a urbana. Destaca-se na publicidade da edição de 2021, a expressão “Virtual e multicampi” integrando as três unidades da Instituição, e elementos que remetem à atualização tecnológica do produtor rural e ao uso de novas tecnologias e fontes de energia limpa. O tema “Novos tempos: reconstruindo saberes e ações” reforça a relevância de agregar novos conhecimentos para solução de problemas, situação vivenciada no período em que esta edição foi realizada, a pandemia da Covid-19. Totalmente virtual, esta edição alcançou participantes do Brasil e de alguns países da América Latina.

A partir da análise desses documentos verificou-se que, embora a Semana do Fazendeiro busque atender a legislação referente à extensão conjugada com as normas internas da UFV, as peças da Figura 17 deixaram à margem o que determina a Resolução 12/2011 do CONSU - Conselho Universitário, que em seu art. 6º proíbe:

Vincular o nome da UFV, ou de qualquer unidade sua, na promoção e ou divulgação de qualquer evento que tenha apoio ou patrocínio de entidade(s) ou empresa (s) associada(s) ou relacionada(s) com bebidas alcoólicas, quaisquer que sejam os seus teores, inclusive em locais fora das dependências da Instituição.



Figura 17: Recorte do cartaz da 90ª edição. Destaque para a logomarca de um produto vedado pela Resolução 12/2011

Fonte: Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro

Esta resolução permite a comercialização de bebidas alcoólicas somente em quatro situações, a saber: bailes e churrascos de formaturas e titulação, reunião anual dos ex-alunos, venda no Supermercado Escola para consumo fora da instituição e a Semana do Fazendeiro. Somente avaliando as fontes e interrogando-as como as “testemunhas oculares” da história, “da mesma forma que os advogados interrogam testemunhas”, conforme Burke¹⁸⁸, consegue-se descobrir determinadas transgressões que podem passar despercebidas num primeiro olhar. Esta primeira seção tratou do processo de organização e das transformações ocorridas na Semana do Fazendeiro neste recorte. Seguem as mudanças em relação à participação dos públicos e as memórias do evento.

2.2. Semana do Fazendeiro: público, parcerias e relações de poder

Por mais de nove décadas a Semana do Fazendeiro proporciona capacitação e atualização ao homem do campo e durante esse longo período ocorreram mudanças tanto no formato do evento, registradas acima, quanto no perfil do seu público. Sendo assim, identificar os participantes, demarcando as mudanças no perfil deste público auxilia a organização do

¹⁸⁸ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. SciELO-Editora UNESP, 2017.

evento na tomada de decisão de possíveis adaptações. Silva¹⁸⁹ registra que os primeiros participantes da Semana do Fazendeiro eram:

Parte de uma elite agrária que, estimulada pelos incentivos do governo de Minas Gerais, buscava satisfazer algumas de suas necessidades, por meio de conhecimentos que os levassem a atingir o nível de desenvolvimento daquele momento histórico. Além disso, o “fazendeiro” era considerado como um agente multiplicador dos conhecimentos adquiridos na Semana do Fazendeiro, uma espécie de cúmplice do projeto governamental de cada época, que se consolidaria por seu intermédio enquanto produtor rural.

Na análise do público da 86ª edição, Dutra, Gomes e Félix,¹⁹⁰ pontuam:

Se originalmente o evento procurou atrair agricultores para seus cursos, a avaliação do evento de 2015 aponta que o participante, em sua maioria, reside na zona urbana, cuja fonte de renda principal é declarada como não rural e as atividades laborativas desenvolvidas na agricultura são declaradas como fonte secundária.

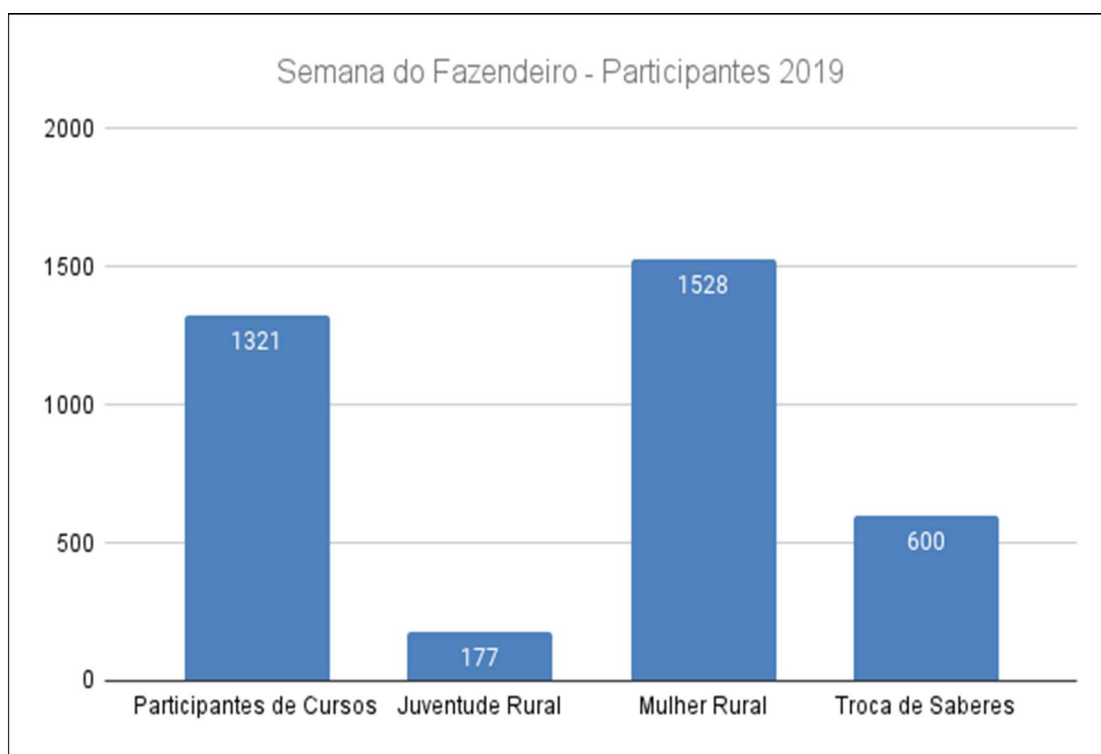
A fim de conhecer mais a fundo o perfil dos participantes das edições mais recentes, buscou-se informações da ficha de inscrição e do questionário aplicado em média a 10% dos participantes durante o evento. Um obstáculo encontrado foi a ausência de frequência e de uniformidade dos dados disponíveis, visto que os questionários de cada edição diferiam em estrutura e metodologia, inviabilizando a possibilidade de comparação. A partir de 2019 estabeleceu-se uma metodologia e uma estrutura para este instrumento a fim de viabilizar a compilação de informações, como principal atividade econômica, composição da renda familiar, cor/raça, além de agrupar o público por tipo: participante de curso, Juventude Rural ou Mulher Rural.

O primeiro gráfico apresenta o total de participantes na 90ª edição, divididos por atividade. Os dados foram extraídos da ficha de Inscrição. Os demais gráficos representam uma amostragem do público total, construídos com base nos dados dos questionários aplicados durante o evento.

¹⁸⁹ SILVA, Uíara Maria da. Op. cit. p. 129.

¹⁹⁰ DUTRA, GOMES, COELHO e FÉLIX. Op. cit. p. 203.

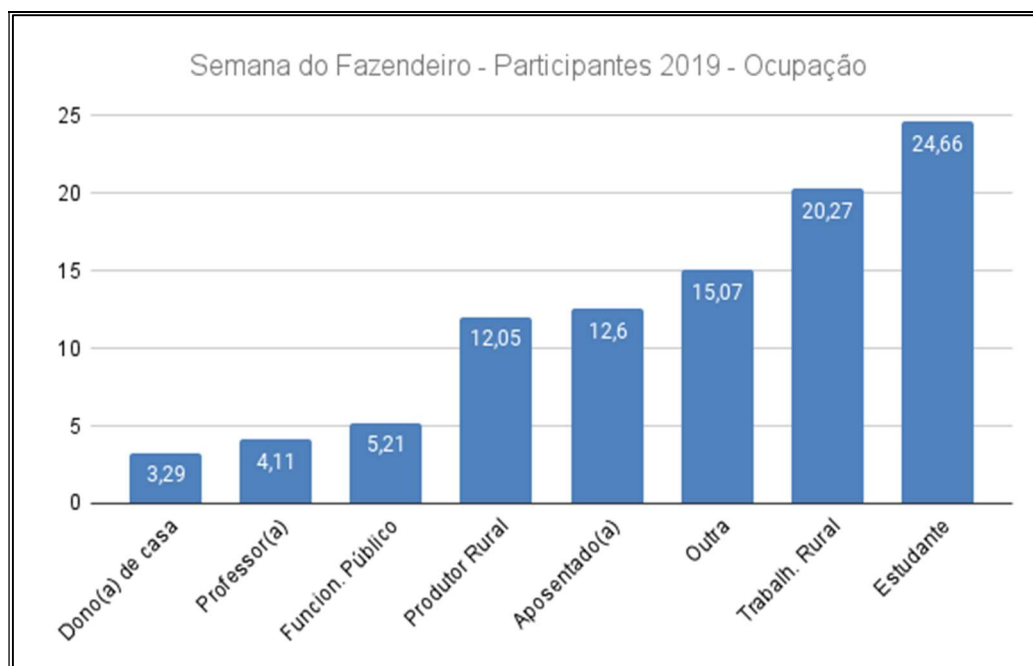
Gráfico 1: Participantes da 90ª edição por tipo de evento.



Fonte: Ficha de inscrição dos participantes, elaboração do autor.

Dos totais, o número de participantes das atividades para a “Mulher Rural” ultrapassa o de participantes de cursos. Isso explica-se visto que o evento destinado às mulheres recebe cerca de 800 participantes diferentes por dia, num evento que dura 3 dias.

Gráfico 2: Composição do público participante dos cursos - 90ª edição - julho de 2019

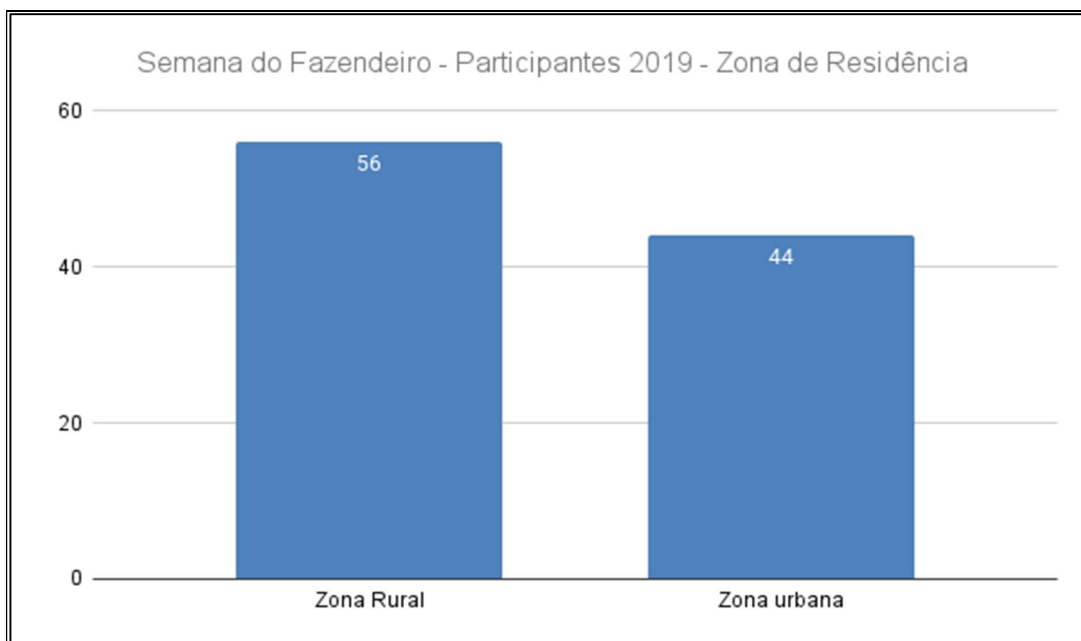


Fonte: Questionário aplicado aos participantes - 90ª Semana do Fazendeiro

O gráfico 2 categoriza as ocupações dos participantes do evento, que engloba participantes dos cursos, Juventude Rural e Mulher Rural, com a predominância da presença de estudantes (24,66%) em contraste com o percentual de produtores rurais (12,05%). Uma lacuna do instrumento de coleta de dados é diferenciar “produtor rural” de trabalhador rural”, visto que possivelmente essas duas categorias poderiam ser agrupadas e figurar o maior percentual de presentes no evento (32,32%), dependendo do tamanho da propriedade declarada, pois em ambas as categorias, pode-se tratar de agricultores familiares, nos termos da lei 11.326/2006¹⁹¹.

¹⁹¹ BRASIL. Lei 11.326/2006 - Lei da Agricultura Familiar. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm>. Acesso em 4 fev 2023.

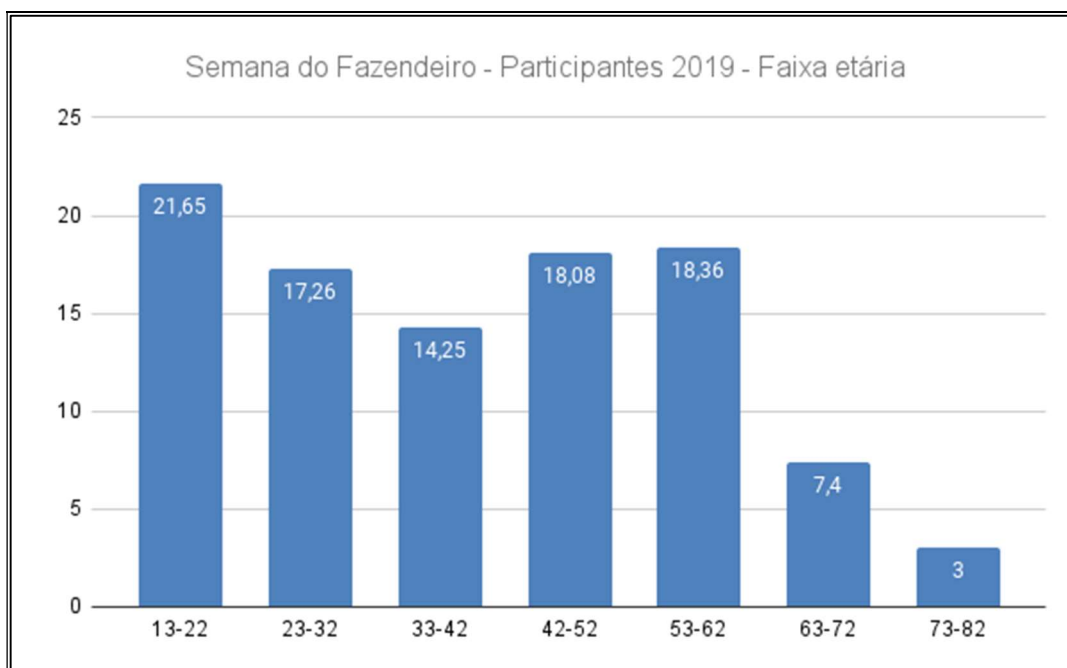
Gráfico 3 – Domicílio dos participantes - 90ª edição



Fonte: Questionário aplicado aos participantes - 90ª Semana do Fazendeiro

Verificou-se ainda que a maior parte do público da última edição presencial reside na zona rural. Infere-se que o evento recebe um grande afluxo de produtores da Agricultura Familiar, identificados no gráfico anterior como “trabalhadores rurais”.

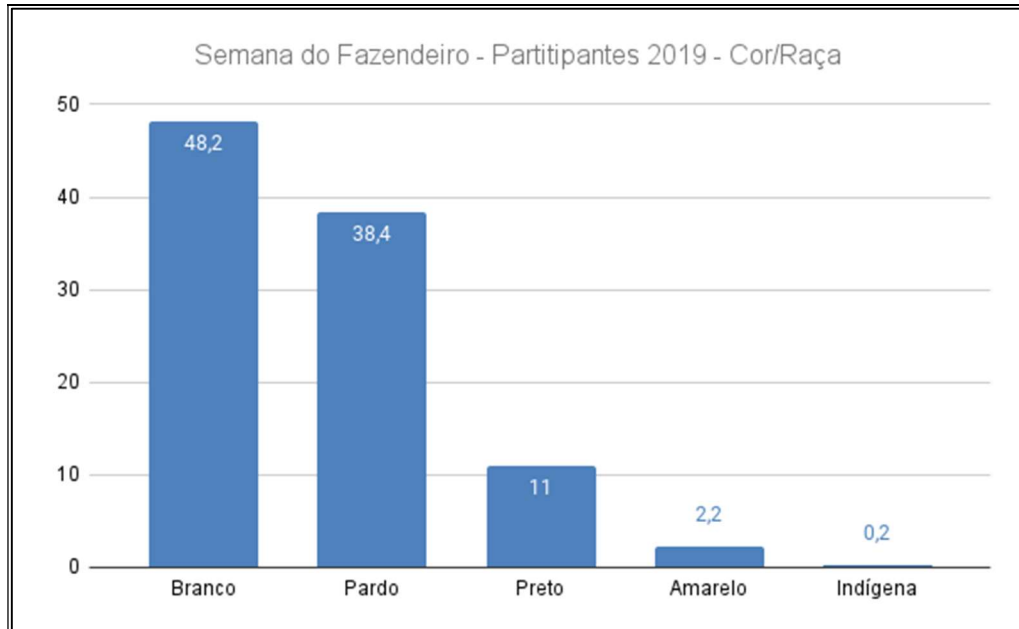
Gráfico 4 - Faixa etária dos participantes - 90ª edição



Fonte: Questionário aplicado aos participantes - 90ª Semana do Fazendeiro

Uma característica das últimas edições é a presença de jovens, compondo mais de 30% do público em geral.

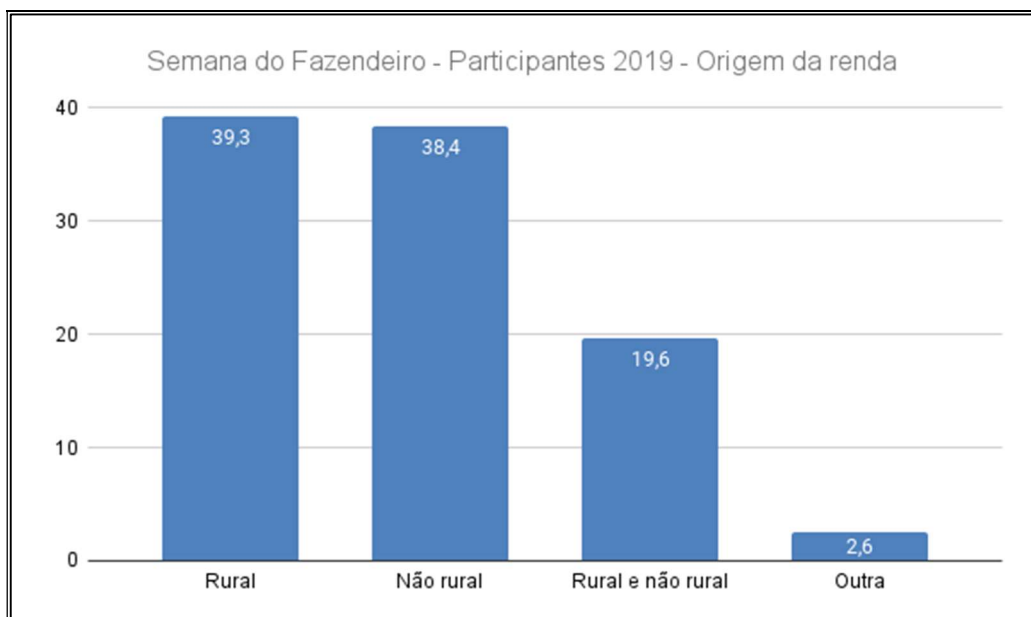
Gráfico 5 - Cor/raça dos participantes - 90ª edição



Fonte: Questionário aplicado aos participantes - 90ª Semana do Fazendeiro

O levantamento da cor/raça dos participantes permite salientar que o número de participantes que se autodeclararam pardos ou pretos equipara-se ao dos que se autodeclararam brancos, com pequena participação de amarelos e indígenas.

Gráfico 6 – Origem da principal renda dos participantes.



Fonte: Questionário aplicado aos participantes - 90ª edição. Elaboração do autor

A amostra sugere que a maioria dos participantes têm na atividade rural sua principal fonte de renda. Infere-se assim, que este público ainda busca no evento atualização e informações para melhoria da qualidade de vida no campo e maior produtividade, aliadas a conceitos como a sustentabilidade, temas encontrados nos cursos oferecidos.

Os cursos da Semana do Fazendeiro são organizados e ministrados por três grupos distintos de trabalho: os Centros de Ciência da UFV, os parceiros internos da Universidade ligados aos departamentos, e os parceiros externos. Os Centros de Ciências são órgãos que administram o exercício simultâneo das atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFV e, de acordo com Negrão e Cabral¹⁹², tais unidades, “respeitam as normas legais, estatutárias, regimentais e as resoluções dos órgãos colegiados”, sendo eles: O Centro de Ciências Agrárias (CCA), o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE), o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB) e o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH). Os parceiros internos, são órgãos da UFV subordinados aos departamentos, como o PDPL, vinculado aos Departamentos Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia da UFV, o Grupo Entre Folhas, do Departamento de Fitotecnia e o Programa Carbono Zero, vinculado ao Departamento de Engenharia Florestal. Os parceiros externos são entidades públicas ou privadas que prestam assistência técnica ao produtor rural na região de Viçosa, como o SENAR, a EMATER-MG, o IMA, a EPAMIG e o IEF.

As parcerias estabelecidas entre Semana do Fazendeiro e as organizações internas e externas permitiram a ampliação dos conteúdos oferecidos, especialmente ao pequeno produtor rural, que tem na agricultura familiar sua principal fonte de renda, com destaque para os cursos de processamento de alimentos e produção artesanal.

O quantitativo de cursos a cada edição é crescente, e graças às parcerias, a multiplicidade de oportunidades de treinamento, agregada à proposta inicial de cursos oferecidos pelos centros de ciências, totalizam quase três mil cursos no período analisado.

¹⁹² NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. Op. cit. p. 181.

Tabela 1: Cursos oferecidos pelos Centros de Ciência, parceiros internos e externos – 2009 a 2019.

CENTROS DE CIÊNCIAS X PARCEIROS - 2009-2019													
Período/Frequência													
ANO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL	%
Centros de Ciência	96	129	139	151	140	161	152	144	155	154	186	1607	56,0
Órgãos Internos	9	28	7	9	74	76	75	64	110	55	51	558	19,0
Parceiros Externos	39	34	48	48	43	60	71	69	87	97	128	724	25,0
TOTAL	144	191	194	208	257	297	298	277	352	306	365	2889	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro. Elaboração do autor.

Os centros de ciência são responsáveis pelo maior número de cursos, por sua vez, os parceiros internos, que registraram crescimento de oferta de cursos, nas últimas edições ofereceram menos da metade dos cursos na edição de 2017, essa queda expressiva deve-se ao encerramento da parceria com a UFV-TEC no oferecimento das Oficinas Tecnológicas, que passaram a ser responsabilidade da Divisão de Extensão da PEC, sob a denominação de Conversas com o Especialista. Por outro lado, a parceria estabelecida com a UNIVIÇOSA, a partir de 2017, ao lado do incremento no número de cursos de parceiros como EMATER, SENAR e IMA refletiu no aumento expressivo de cursos oferecidos por esse segmento. Ainda assim, os centros de ciência respondem por mais da metade dos cursos, os parceiros internos respondem por cerca de 20% da oferta, cabendo aos parceiros externos um quarto deste total.

O processo de registro de cursos oferecidos a cada edição da Semana do Fazendeiro é efetuado por meio do Sistema de Gerenciamento¹⁹³ do evento, nas seguintes etapas: 1. parceiros internos e externos encaminham suas propostas de cursos, 2. Departamentos vinculados aos centros de ciências da UFV registram as propostas de cursos, 3. A organização do evento registra os coordenadores das Conversas com Especialistas e 4. O sistema compila as informações e gera a primeira versão do caderno de cursos, com número de vagas disponíveis.

¹⁹³ Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro. Disponível em <https://www2.dti.ufv.br/semana_fazendeiro/scripts/index1.php> Acesso em 8 jun. 2022.

Tabela 2: Vagas oferecidas x vagas ocupadas - Cursos da Semana do Fazendeiro – 2009 a 2019

	TOTAL VAGAS DISPONIBILIZADAS X VAGAS OCUPADAS EM CURSOS (UFV-PARCEIROS INTERNOS E EXTERNOS)											
	Período/Frequência											
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	% méd
TOT VAGAS	4644	6264	6340	7346	7140	8353	8637	7511	8882	8461	8846	
OCUPADAS	3522	4771	5416	6149	5464	5382	7072	6796	7042	6176	6580	
RESTANTES	1122	1493	924	1197	1676	2971	1565	715	1840	2285	2266	
% REST	0,24	0,24	0,15	0,16	0,23	0,36	0,18	0,10	0,21	0,27	0,26	0,22

Fonte: elaboração do autor com dados do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro

A tabela 2 apresenta o número de vagas em cursos oferecidos entre 2009 e 2019, com os quantitativos de vagas ocupadas e não preenchidas. No ano de 2016 registrou-se a melhor relação vagas oferecidas x ocupadas, com 10% de desocupação, mas essa marca chegou a 37% em 2018. A média de desocupação no período estudado foi de 22%. A organização do evento busca minimizar tal situação, disponibilizando essas vagas a alunos regulares da UFV. Um fator que contribuiu para o aumento de vagas não ocupadas a cada edição foi o aumento do número de cursos oferecidos, enquanto que o de participantes não aumentou na mesma proporção. A tabela 3 mostra o número de inscritos nos cursos no período em análise.

Tabela 3: Participantes inscritos nos cursos – 2009 a 2019.

ANO	PARTICIPANTES INSCRITOS NOS CURSOS - 2009-2019												
	Período/Frequência												
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019		
Edição	80 ^a	81 ^a	82 ^a	83 ^a	84 ^a	85 ^a	86 ^a	87 ^a	88 ^a	89 ^a	90 ^a	TOTAL	MÉDIA
Nº Particip.	870	1000	1096	1100	1302	1284	1427	1535	1340	1220	1321	13495	1227

Fonte: elaboração do autor com dados do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro

Caso o número de participantes houvesse aumentado em relação ao número de vagas disponibilizadas, ainda se teria o problema do espaço para recebê-los, visto que não houve o correspondente acréscimo no número de possibilidades de hospedagens dentro do campus no período, o que dificulta a participação do público. Além de econômicas, as instalações dos alojamentos trazem praticidade ao participante, que não precisam se deslocar da cidade para a UFV todas as manhãs, para participar dos cursos.

A página eletrônica da UFV¹⁹⁴ informa que “a extensão universitária é atividade acadêmica que articula o ensino e a pesquisa e viabiliza a relação entre universidade e

¹⁹⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Programas e Projetos. Disponível em <<https://www.ufv.br/programas-e-projetos/>>. Acesso em 8 jul 2022.

sociedade”, entretanto, em eventos de relevância como a Semana do Fazendeiro, que mobiliza desde atores da alta administração até o aluno da UFV, a escolha de determinados rumos em detrimento de outros pode percorrer um trajeto dispar entre todos os envolvidos.

Para Foucault *apud* Dreyfus¹⁹⁵, “uma sociedade sem relações de poder somente pode ser uma abstração”. Assim, enquanto participantes de uma vida em sociedade, vivemos e nos relacionamos, em qualquer tempo, envolvidos nestas relações. Nessa perspectiva, a UFV, vivencia de igual modo, a disputa por espaço, projeção e reconhecimento entre os diferentes atores, em especial em projetos de grande visibilidade como a Semana do Fazendeiro. Embora desde sua fundação, a trilogia ensino-pesquisa-extensão seja aclamada como o alicerce da Instituição, o reconhecimento destes três pilares, em celebrações da Universidade deu-se de forma desequilibrada. Em 1988 foi instituída a Medalha do Mérito em Pesquisa, entregue anualmente a um docente com destaque nesta área. Somente no ano seguinte honraria semelhante passou a contemplar a área de Extensão e Gontijo¹⁹⁶ registra que a Medalha do Mérito em Ensino só seria instituída no ano 2000.

Da posição de pesquisador e participante do processo de organização do evento e estabelecendo a distância que Ginzburg¹⁹⁷ julga importante manter para observar esta realidade de maneira objetiva, observa-se que em um evento com a visibilidade da Semana do Fazendeiro, é comum no processo de planejamento e execução que as relações de poder latentes se deixem aflorar em decisões aparentemente corriqueiras, desde a “corrida” entre os centros de ciências para a oferta de cursos, negociação para aquisição de materiais, concessão de alimentação aos ministrantes de cursos, reserva de vagas em estacionamento, distribuição de brindes ou qualquer outra atividade que emule privilégio ou desperte o acirramento da competitividade entre os atores e setores envolvidos, mas que podem pressionar os custos financeiros do evento. Em outras situações, a própria equipe coordenadora pode situar-se antagonicamente aos dirigentes da UFV, pela pressão em cumprir o cronograma de atividades. A autonomia da Secretaria Permanente é baixa e muitas decisões precisam da aprovação do gestor de extensão e/ou sua assessoria, o que pode acarretar atrasos no cronograma interno, gerando correrias de última hora. A realização das reuniões da Comissão Organizadora no Edifício Arthur Bernardes carrega o simbolismo de demarcação de território entre as Pró-Reitorias envolvidas no evento e reforça a centralização das decisões. Outra fragilidade é a prerrogativa dos gestores de definir

¹⁹⁵ DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. The subject and power. Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics, 1982, p. 222.

¹⁹⁶ CASTRO, Maria Gontijo. Op. cit. p. 64-71.

¹⁹⁷ GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 191.

rumos sobre a memória da Semana do Fazendeiro, quando escolhem o que conservar ou descartar dos documentos e artefatos produzidos a cada edição, que impactarão na herança que uma edição deixa para a próxima.

A expressão patrimônio cultural aglutina um substantivo e um adjetivo. Em linguagem contábil, a palavra patrimônio refere-se a um conjunto de bens, direitos e obrigações, passíveis de avaliação pecuniária. Traduz, portanto, a noção de riqueza, aliada à de conjunto, denotando ser composto de mais de um elemento. Mendes¹⁹⁸ afirma que “patrimônio era aquilo que se herdava”; implica, por conseguinte, a ideia de herança. E esta ideia de herança - que carrega os nexos de continuidade, de entrega e recebimento, de tradição... ação de passar algo às mãos de alguém”, nos permite compreender a ideia do que seja patrimônio cultural. A fim de ampliar esse conceito, o autor relaciona a expressão “patrimônio cultural” com o verbete “*heritage*” emprestado da língua inglesa, no intuito de evidenciar que essa herança cultural traz a afirmação de que somos, antes de tudo, herdeiros, quer queiramos ou não. Quando chegamos a este mundo, de acordo com esta visão, herdamos as conquistas daqueles que nos precederam, “do pretérito atrás de nós acumulado¹⁹⁹” e conclui que “todos somos herdeiros” e que “o patrimônio cultural é a nossa herança cultural²⁰⁰”.

Handfas, Granato e Lourenço²⁰¹, estendem o conceito de patrimônio cultural, introduzindo ao tema, o patrimônio produzido pela área da ciência e tecnologia, definido como “tudo o que se preserva para gerações futuras originado da produção de conhecimento científico e tecnológico relacionado à aventura do homem para desvelar o desconhecido em sua busca incessante por novas interpretações e representações científicas do mundo e da vida.”

Fonseca²⁰² registra que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, retrata como patrimônio cultural brasileiro, dentre outros, “as criações científicas, artísticas e tecnológicas”, incluídas a partir de então no conjunto dos bens de natureza material e imaterial considerados como patrimônio cultural do País.

Apesar de ser incluído na Carta Magna, o conceito de patrimônio cultural de ciência e tecnologia é desconhecido tanto no Brasil quanto no exterior, de acordo com Granato e Lourenço.²⁰³

¹⁹⁸ MENDES, António Rosa. **O que é património cultural**. Lisboa. 2012. p. 11.

¹⁹⁹ Ibidem. p. 13.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ HANDFAS, Ethel Rosemberg; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Martha Catarino. O patrimônio cultural universitário de ciência e tecnologia. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**. v. 9, n. 2, 2016. p.

²⁰² FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit. p. 59-61.

²⁰³ GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Martha. Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 86 dez. 2010 / mar. 2011.

Desde 1992, a UNESCO manifestou preocupação em relação ao patrimônio cultural de ciência e tecnologia a partir do objetivo de promover a conscientização da comunidade internacional de que os documentos históricos e científicos são elementos integrantes e edificadores da cultura, devendo assim ser tratados como patrimônio. De acordo com Grimaldi²⁰⁴, a partir de então, foi desenvolvido em 1993 o programa *Memory of the world*, com o objetivo de “preservar tais elementos culturais e proporcionar o acesso irrestrito da sociedade aos itens patrimoniais”.

As informações, quando elevadas à categoria de patrimônio, exigem práticas de preservação e acesso mais amplas e eficazes, pois estão envolvidas em uma categoria que engloba uma sociedade ou grupo social, deixando de ser individual e passando a ser coletivo.

Grimaldi buscou evidenciar a importância de estudos destinados à salvaguarda da memória social do país relacionada ao tema da Ciência e Tecnologia. A iniciativa da UNESCO, de acordo com a autora, foi adotada no Brasil a partir de 2004 com o programa *Memória do Mundo* que iniciou ações de preservação “em coleções de grandes nomes públicos, estudiosos e órgãos do poder”. Ainda segundo a autora, após alguns anos notou-se a necessidade da preservação dos dados resultantes das pesquisas que estavam sendo produzidas e disseminadas, pois o que era produzido acabava se perdendo devido às ações proteção das informações, deixando, portanto, de fazer parte dos anais da memória da Ciência e Tecnologia do país. A solução para esse impasse, segundo Grimaldi²⁰⁵, deu-se na elaboração pelo CNPq do relatório da Política Nacional de Memória da Ciência e da Tecnologia, com o intuito de estabelecer parâmetros de curadoria para este tipo de patrimônio cultural, sugerindo ainda a criação de uma política nacional para a memória científica. A publicação do referido relatório despertou a atenção dos museógrafos para a “necessidade da preservação dos artefatos da Ciência e da Tecnologia para o futuro da história da ciência,” no entanto, Kunzler, Novaes, Machado e Ponciano²⁰⁶ apontam que:

O patrimônio cultural de ciência e tecnologia no Brasil possivelmente apresenta como principal problema de seu desconhecimento a combinação entre dois fatores: a baixa atividade efetiva de preservação da memória científica e tecnológica brasileira, no âmbito das políticas públicas de Ciência,

²⁰⁴ GRIMALDI, Stephanie Sá Leitão. **Memória da ciência e da tecnologia: preservação do patrimônio cultural brasileiro**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. p. 20.

²⁰⁵ Idem. p. 24.

²⁰⁶ KUNZLER, NOVAES, MACHADO e PONCIANO. Coleções paleontológicas como proteção do patrimônio científico brasileiro. **III Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C&T**, 2014. p. 385.

Tecnologia e Inovação, e a dificuldade da área de cultura de considerá-lo como produto cultural. Este último fato está presente mesmo entre os pesquisadores que utilizam os suportes de pesquisa cotidianamente, provocando uma perda imensurável de bens patrimoniais de ciência, devido ao descarte de instrumentos científicos e diversos tipos de documentos, além da constituição de coleções mal documentadas e precariamente conservadas.

De acordo com Granato²⁰⁷, patrimônio de ciência e tecnologia engloba o:

Conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além de todos aqueles objetos (inclusive documentos em suporte de papel), coleções arqueológicas, etnográficas e espécimes das coleções biológicas que são testemunhos dos processos científicos e do desenvolvimento tecnológico. Também se incluem nesse grande conjunto as construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos.

Por ser um campo pouco difundido no Brasil, patrimônio cultural de ciência e tecnologia há poucas pessoas preocupadas em preservar os vestígios da história do nosso desenvolvimento científico, segundo Granato. Ainda que a legislação faça referência ao termo desde a Constituição Federal de 1988²⁰⁸, é precária a consciência do tema do patrimônio cultural de ciência e tecnologia por parte dos agentes patrimoniais de nossas instituições.

Em 2016, por iniciativa dos participantes do IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Cultural de Ciência e Tecnologia²⁰⁹, foi publicada a Carta do Rio de Janeiro sobre Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia, disponível na página eletrônica do MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins²¹⁰, este documento que tem por objetivo contribuir para a preservação do patrimônio brasileiro em Ciência e Tecnologia e retirar a área do patrimônio cultural do estado de invisibilidade em que se encontram os bens patrimoniais desta natureza, espalhados pelo país afora. Para tanto, estabelece doze diretrizes segundo as quais nossas instituições podem alcançar não só a conscientização, mas também a efetiva preservação deste tipo de patrimônio.

Na UFV essa realidade também se reconhece, ainda que tal consciência esteja sendo despertada através de alguns dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos por egressos do programa

²⁰⁷ GRANATO, M. Panorama sobre o patrimônio de Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C&T. In: GRANATO, Marcus RANGEL, Marcio F. **Cultura material e patrimônio de ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 79.

²⁰⁸ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

²⁰⁹ IV Seminário Internacional de Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia. Disponível em <https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=945>. Acesso em 09 mai. 2022.

²¹⁰ CARTA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <http://http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRANATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_02_WEB_2017.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2022.

de Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, em especial os servidores técnico-administrativos da Instituição. Ao produzir material técnico impresso e em outras mídias, como boletins de extensão, apostilas e manuais técnicos, a Semana do Fazendeiro incrementa o acervo da memória e integra o Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia da instituição, uma vez que este campo do patrimônio cultural é vasto e inclui documentos, saberes e práticas, dentre outras expressões culturais que passam inclusive pelas edificações.

Em face desta inquietação, registra-se a sugestão ao Departamento de História da UFV de formatar um curso de extensão de curta duração em parceria com a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, para capacitação aos servidores ocupantes de cargos de chefia, a fim de gerar um corpo de multiplicadores e auxiliar na consolidação da consciência a respeito do tema, de grande importância para a preservação do patrimônio científico da local, além de embasar o trabalho dos agentes patrimoniais, como registra Chagas:

sem a identificação de um valor qualquer, seja este mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo, a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição”, pois “um povo só preserva aquilo que ama. Um povo só ama aquilo que conhece.

CAPÍTULO 3 - Da sala de aula ao campo: a percepção da extensão na Semana do Fazendeiro - ministrantes de cursos e gestores

As transformações experimentadas pela Semana do Fazendeiro, tanto em seu formato quanto no perfil dos participantes, são verificadas por meio dos registros nos capítulos anteriores. Entretanto, tornar um evento uma realidade, agregando em seu entorno um público cativo por décadas, evidencia o comprometimento de personagens que inserem em toda a engrenagem, a amálgama fundamental para o êxito de um empreendimento. Os gestores da extensão universitária da UFV e os ministrantes de cursos são os “ingredientes” que precisam ser inseridos ao panorama do evento “Semana do Fazendeiro” a fim de que se amplie a dimensão da importância deste evento, para além dos documentos históricos até aqui apresentados e para o entendimento da percepção destes sobre o fazer extensionista.

Com o intuito de investigar qual a percepção destes atores sobre extensão universitária, foram elaborados dois questionários, em formato de formulário eletrônico da plataforma Google Workspace, para serem aplicados aos dois grupos, a saber, os ministrantes de cursos e os Pró-reitores de extensão e cultura.

O primeiro formulário, destinado aos ministrantes de cursos, foi organizado em dois blocos, sendo o primeiro com dados pessoais e o segundo com 6 quesitos referentes à sua atuação, motivação e sua perspectiva sobre o trabalho realizado.

O segundo formulário foi direcionado aos Pró-Reitores de extensão e cultura que estiveram à frente da gestão institucional da Semana do Fazendeiro no período em foco para esta pesquisa, também dividido em dois blocos, com a identificação e período de ocupação do cargo. O segundo bloco, com 4 quesitos, destinou-se a levantar as conquistas e os desafios em cada gestão e relacioná-los com as transformações ocorridas no evento nos últimos anos.

A adoção do questionário eletrônico deu-se em função da exiguidade de tempo dos respondentes em agendar encontros com o pesquisador. Atribui-se essa preferência à disseminação da possibilidade de uso desta tecnologia com mais segurança durante o período de pandemia da COVID-19.

Cada grupo de respondentes foi identificado por um número precedido de um código, sendo MIN, se ministrantes de cursos na Semana do Fazendeiro, e GST, se gestores de extensão.

3.1. Ministrantes: Concordâncias e discordâncias na prática extensionista na Semana do Fazendeiro

O grupo de ministrantes dos cursos na Semana do Fazendeiro é composto por professores da UFV e técnicos das instituições parceiras. Optou-se por realizar a pesquisa apenas com os professores da UFV, que ministraram cursos entre 2009 e 2019, devido à regularidade destes, pelo tempo de envolvimento com o evento e pela possibilidade de verificar, a partir de sua visão, em que medida a extensão praticada na UFV está alinhada com a concepção do modelo de extensão rural, baseada na prestação de serviços, com a dimensão assistencialista ou com as mudanças de paradigma da extensão implementadas a partir do FORPROEX. As consultas ao banco de dados do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro resultaram em 12 (doze) pessoas que ministraram cursos ininterruptamente no período em tela. No intuito de se ampliar esta amostra, arbitrou-se ampliar o filtro de pesquisa, inserindo os ministrantes que ofereceram cursos em 5 (cinco) ou mais edições do evento, chegando-se a um total de 69 (sessenta e nove). Destes, foram separados os ministrantes aposentados e instituidores de pensão e chegou-se a 44 ministrantes, com vínculo ativo com a UFV que, entre 2009 e 2019, ministraram cursos em 5 ou mais edições da Semana do Fazendeiro. Após verificação da fidelidade dos dados junto à DTI, foi encaminhada uma mensagem eletrônica a esse grupo, com o convite para participar da pesquisa, o link do questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, para ser assinado pelos respondentes e devolvido ao autor desta pesquisa.

Quadro 6: Número de questionários encaminhados por setor da UFV

CENTRO/ÓRGÃO	Nº questionários enviados	Nº questionários respondidos	% de respostas
CCA	21	13	61
CCB	12	6	50
CCE	7	5	71
CCH	3	2	66
PEC	1	1	100
TOTAIS	44	27	61,36%

Fonte: Elaboração do autor

O índice de retorno foi de 61,36%, com um total de 27 questionários devolvidos, sendo considerado satisfatório o TA (tamanho da amostra). O cálculo foi efetuado pela plataforma Survey Monkey (<https://www.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>), com os valores do quadro a seguir.

Quadro 7: Tamanho da amostra

Público	Tamanho da População (N)	Desvio padrão (p)	Grau de confiança (e)	Tamanho da Amostra (TA)
Ministrantes	44	10%	90	27

Fonte: Elaboração do autor

Apresenta-se, a seguir, distribuição destes por Centro de Ciências e órgãos da UFV.

Quadro 8: Número de Questionários respondidos por Setor

Centro	Departamento	Questionários respondidos	Totais
CCA	DAA	1	13
	DER	2	
	DEA	2	
	DEF	5	
	DPS	1	
	DZO	2	
CCB	DBA	3	6
	DBB	1	
	DDE	1	
	DVT	1	
CCE	DEC	1	5
	DMA	1	
	DEQ	1	
	DTA	2	
CCH	DED	2	2
PEC	DEX	1	1
Total			27

Fonte: Elaboração do autor

O CCA, que oferece mais de 50% do total de cursos da Semana do Fazendeiro, retornou 13 (treze) questionários (48%), o que corresponde ao maior quantitativo de respostas. Dos 7 (sete) departamentos que compõem este Centro, apenas um não registrou a participação nesta pesquisa. Dos 10 (dez) departamentos que compõem o CCB, quatro encaminharam um total de 6 questionários respondidos, representando 22% da amostra total. Este Centro contribui com cerca de 25% do total de cursos oferecidos no evento. O mesmo padrão é observado no CCE, com 10 (dez) departamentos, 5 (cinco) questionários foram respondidos por professores de 4 (quatro) desses departamentos, representando 19% da amostra total.

O CCH e a PEC encaminharam 2 e 1 questionários, respectivamente, representando, 7% e 4% da amostra total. Observa-se que o número de respostas está diretamente proporcional ao percentual de cursos ofertados por cada Centro/Órgão. Do universo de 27 ministrantes, apenas 1 é técnico-administrativo, extensionista lotado na Divisão de Extensão da PEC, que supervisiona estágios de alunos do Curso de Agronomia junto a propriedades cafeeiras da região.

Tratando-se de um evento tipicamente agrário, a predominância de ministrantes de cursos é do sexo masculino. Entretanto, 40,7% dos questionários foram respondidos por mulheres.

Quadro 9: Número de Questionários respondidos por gênero

CENTRO/ÓRGÃO	Questionários respondidos	Homens	Mulheres
CCA	13	10	3
CCB	6	4	2
CCE	5	1	4
CCH	2	-	2
PEC	1	1	-
TOTAIS	27	16	11
Porcentagem	100%	59,3%	40,7%

Fonte: Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, elaboração do autor.

Segundo dados da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, os servidores do *campus* Viçosa (docentes e técnico-administrativos), estão agrupados entre 63,6% do sexo masculino e 36,3% do sexo feminino, permitindo-nos registrar que a participação feminina entre os ministrantes dos cursos no evento é superior à representação deste gênero na UFV.

Verificando-se o tempo que os ministrantes estão comprometidos com o evento, apurou-se que todos dedicam-se ao evento há mais de 8 anos.

Quadro 10: Ministrantes dos cursos por tempo de atividade junto à Semana do Fazendeiro

CENTRO/ ÓRGÃO	Até 10 anos	11 a 20 anos	+ de 20 anos	Total
CCA	5	4	4	13
CCB	1	3	2	6
CCE	3	2	-	5
CCH	-	1	1	2
PEC	-	-	1	1
TOTAIS	9	10	8	27

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro, elaboração do autor

O maior percentual de ministrantes encontra-se na faixa intermediária de tempo de dedicação ao evento (entre 11 e 20 anos), 37%. O total de ministrantes do CCA está distribuído equilibradamente entre as três faixas, com o maior número na faixa entre 5 e 10 anos. O CCA e o CCB figuram nas três faixas, inferindo-se que os novos docentes dão continuidade ao comprometimento com este evento.

A segunda parte do questionário, com 6 quesitos, buscou apreender a forma de atuação, a motivação e a perspectiva sobre a atividade de ministrante. Será apresentada uma síntese desses conceitos, com pequenas transcrições dos questionários.

Sobre a motivação para ministrar cursos (Quesito 2), na maioria das respostas identificou-se expressões relativas à extensão difusionista, como “transmissão de conhecimento”, “ajudar os produtores”, “repassar conhecimento”, “levar conhecimento”, e “difusão do conhecimento”, presentes nos ministrantes que atuam no evento há mais de 10 anos, porém, com maior concentração nos que atuam por mais de 20 anos como ministrantes. Esta categoria reforçou ainda a ideia de que fazer extensão é uma “obrigação” da universidade, oportunidade de “transferir conhecimento”, “transferir tecnologia”, “devolver à população” e denotou uma percepção de dívida para com a sociedade. “Ajudar os produtores rurais a se

desenvolverem melhor em suas atividades de modo a melhorarem sua produção e, conseqüentemente, sua vida no campo. MIN-11

Algumas respostas expressam que:

É papel da UFV fazer esta transferência. Este é um dos seus objetivos institucionais. Mas acho que faz pouco perto de sua potencialidade. Cada vez menos professores da UFV estão se envolvendo na Semana do Fazendeiro. Não há uma valorização interna para isso. MIN-24.

A constatação ao final da manifestação do MIN-24 (Quesito 3), embora registrada em apenas 1 resposta, corrobora as informações do Quadro 9 - Distribuição dos ministrantes por tempo de atividade junto à Semana do Fazendeiro, em que se verifica que apenas o CCA e o CCB têm ministrantes de cursos que se envolveram com o evento mais recentemente, entre 5 e 10 anos.

Do total de respostas, apenas duas utilizaram termos alinhados à noção de extensão como troca de saberes, sugerindo a “troca de experiências” como razão de seu envolvimento como ministrante. Ilustra esta posição a resposta destacada a seguir:

Há uma troca entre o saber teórico/acadêmico do ministrante e o saber empírico/prático dos produtores rurais participantes dos cursos. Esta troca sinérgica é fundamental em qualquer processo de ensino/aprendizagem, pois permite o avançar da fronteira do conhecimento. MIN-17

A percepção do ministrante quanto à importância do evento para o trabalhador rural (Quesito 4) converge-se em expressões como “aproximar a ciência dos trabalhadores rurais”, “difusão de tecnologia ao pequeno e médio produtor”, “contato com novas tecnologias”, denotando a visão difusionista. “O trabalhador do campo tem oportunidade de conhecer novas tecnologias, adquirir novos conhecimentos para aplicar em seu ambiente rural”. MIN-26.

Evento no qual é possível apresentar e compartilhar com a sociedade o conhecimento gerado na universidade em resposta às demandas do trabalhador do campo. A Semana do Fazendeiro torna o conhecimento mais acessível, ao abrir as portas da universidade à sociedade. MIN-27.

Todos os ministrantes reconhecem que há troca de informações na dinâmica de ministração dos cursos (Quesito 5). Embora as respostas anteriores apontem para a visão difusionista, verifica-se como esta interação ocorre:

Normalmente os participantes têm muito conhecimento prático, que quando aliado ao conhecimento teórico traz muitas vantagens a ambas as partes. É o que chamamos, troca de saberes, cada um com sua importância na formação de um cidadão. MIN-15.

Outro entrevistado registra:

“Há uma troca entre o saber teórico/acadêmico do ministrante e o saber empírico/prático dos produtores rurais participantes dos cursos. Esta troca sinérgica é fundamental em qualquer processo de ensino/aprendizagem, pois permite o avançar da fronteira do conhecimento.” MIN-17.

O último quesito buscou a manifestação livre de cada ministrante, oportunizando um espaço para sugestões, críticas, acréscimo de ideias e conclusões que podem alcançar os atuais gestores e alimentar a dinâmica de transformação que o evento tem experimentado.

Ressalta-se a recorrência de alguns tópicos e fragmentos de respostas:

- Criar mecanismos para permitir aos professores e alunos saírem mais do campus:

[...] Ficamos em um mundo universitário muito distante do "mundo real" lá fora. São acadêmicos e professores que acham que vão resolver todos os problemas da sociedade em sala de aula, sem conhecer as principais demandas dela. Um exemplo claro é a bacia do São Bartolomeu, que está no quintal da UFV. Quantas pesquisas já foram realizadas na bacia e cada vez ela tem mais problemas ambientais, sociais e econômicos. MIN-5

- Os participantes dos cursos sugerirem temas de novos cursos:

Que fosse enviado aos participantes das SF quais cursos gostariam de serem oferecidos/Críticas e sugestões aos nossos ensinamentos; Facilitar a vinda e a participação dos carentes financeiramente; divulgar mais, em especial, nas comunidades de menor acesso às informações. [...] é preciso que a UFV atue mais efetivamente na transformação da nossa região - a agropecuária na nossa região está fossilizada. Desenvolver a agricultura de MONTANHA. MIN-14

- Valorização do trabalho do ministrante dos cursos:

Às vezes acho falta de um simples "muito obrigada" da UFV para nós que paramos para estar presentes de "corpo e alma" neste evento. Não sei se consegui me expressar bem nesta minha resposta. Acredito que os organizadores, coordenadores de cursos e ministrantes deveriam ser de alguma forma agradecidos. Não falo em dinheiro, mas reconhecimento [...] gosto muito da semana do fazendeiro. MIN-15

Eu acho que a UFV precisa de valorizar mais o ministrante desses cursos, pq o trabalho não é só na semana do fazendeiro, aquele de preparar e ministrar o curso, o ano inteiro tem pessoas no nosso e-mail, perguntando, questionando, tirando dúvidas, querendo fazer visitas ao laboratório e a UFV nem sequer o material da semana disponibiliza (uma garrafinha sequer) ao professor. Prefiro fazer a minha extensão de outras formas, menos cansativa... Ahhh eu cansei, envelheci, já passei a bola e to deixando essa missão para os mais jovens. MIN-3

- Dividir os conteúdos de acordo com os públicos de produtores rurais e estudantes de nível médio e graduação:

...venho solicitando aos organizadores que a semana do fazendeiro, pelo menos as partes de cursos, seja direcionado para produtores, proprietários e pessoas do meio rural, como era a uns 10 anos atrás. Tenho percebido que hoje o público dos cursos é composto em sua maioria por estudantes de nível médio e de graduandos. Seria importante separar, pois os cursos são preparados com muito carinho e respeito para o produtor. Não que os estudantes não mereçam, não se trata disso. Mas acredito que se pode até criar um espaço apropriado para isso, voltado para estudantes. MIN-25

- Lembrança saudosista do Programa Gilberto Melo: “As atividades de extensão exercidas pelo professor deveriam ser mais valorizadas aqui na UFV e o Programa "Gilberto Melo" jamais deveria ser extinto.” MIN-22

- Semana do Fazendeiro como espaço de acolhimento:

A Semana do Fazendeiro, além de um rico momento de troca de informações e conhecimento promovido pela UFV, é também um espaço de humanização. Nas atividades, cursos e palestras todos os participantes têm a oportunidade de trocar conhecimentos: Professores, estudantes, extensionistas, produtores e jovens. Todos contribuem com a construção do saber e aproximam a academia da sociedade. MIN-7

Os registros até aqui elencados evidenciam o que Dutra, Gomes, Ribeiro e Félix²¹¹ apontaram, quando afirmam haver uma convivência entre abordagens distintas de prática extensionista, mostrando a coexistência de diferentes concepções e práticas de extensão no âmbito da Semana do Fazendeiro. Outro aspecto observado é que a extensão como transferência de conhecimento permeia a maioria das respostas, independente do tempo como ministrante de cursos no evento. A alusão ao Programa Gilberto Melo, extinto no início dos anos 2000, mostra que este programa constitui para este entrevistado um “lugar de memória” conforme descrito

²¹¹ Dutra, Gomes, Ribeiro e Félix. Op. Cit. P. 201.

por Nora²¹² que assumem significados importantes para estes, por fazerem parte da construção da memória coletiva e da identidade social de um grupo.

²¹² NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 9, dez. 1993. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC.

3.2. Gestores: Desafios, oportunidades e memórias da extensão na Semana do Fazendeiro

Foram enviados questionários, estruturados em dois blocos, a saber, dados pessoais e quesitos abertos, aos 8 docentes ocupantes do cargo de Pró-Reitor de Extensão e Cultura, visando registrar os avanços e os desafios de cada gestão, assim como as perspectivas para a extensão universitária no momento atual.

O trabalho registrou as contribuições dos 3 gestores de extensão que ocuparam o cargo durante o recorte temporal de 2009 a 2019, e dos que ocuparam este cargo desde a estruturação da PEC em 1996, totalizando 8 questionários respondidos por docentes, com média de 34 anos de vínculo com a instituição, de acordo com dados fornecidos pela PGP/UFV.

Dentre os desafios elencados, a escassez de recursos; o apoio/entrosamento das demais Pró-Reitorias envolvidas e o encerramento do Programa Gilberto Melo, com oferta de suporte técnico ao evento, figuraram nos registros de mais de cinco gestores.

A ausência de uma tabela de pontuação das atividades de extensão como requisito para progressão na carreira, foi apontada como um obstáculo para o envolvimento dos docentes. No entanto, esse entrave foi resolvido visto que desde 1999, o RADOC²¹³ registra e compila tais dados.

O principal desafio foi a inexistência de um orçamento com a finalidade de programar, organizar e executar as atividades da semana do fazendeiro. Inexistência na época de uma tabela de pontuação para os docentes utilizarem na promoção acadêmica, gerando baixo interesse no preparo de cursos a serem ofertados. Estava em curso um esgotamento continuado do modelo dos cursos que eram oferecidos, isto é, a oferta de cursos partia da proposição do docente e nunca por demanda social. O apoio para a organização da semana do fazendeiro era realizado com os técnicos do programa Gilberto Melo e os demais apoios ficavam na dependência de uma portaria do Reitor para atribuir funções específicas como transporte para os cursos, alimentação, controle financeiro e vigilância. Por fim, o local a ser utilizado para organizar os estandes ficavam na dependência da Pró-Reitoria de Administração, onde o melhor espaço físico nem sempre foi disponibilizado. GST-3

Cada gestor elencou, segundo sua perspectiva, os avanços implementados em sua gestão, sendo a inserção de parceiros internos e externos ao evento, o diferencial citado por todos.

Conseguimos promover uma grande ampliação da Semana do Fazendeiro [...] Especialmente conseguimos torná-la mais inclusiva com a criação de novos eventos paralelos à SEMFAZ, que são: a "Semana da Juventude Rural", a

²¹³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - F.A.Q. do Radoc. Disponível em <<https://www.dti.ufv.br/radocnew/faq.htm>>. Acesso em 12 fev 2023.

"Semana da Mulher Rural" e a "Troca de Saberes". Criação do Projeto Carbono Zero. GST-4.

Embora a ausência de um orçamento para o evento seja minimizado pela Feira de exposição e comercialização, cujos recursos revertem-se para custear o evento, há controvérsias entre os gestores sobre a permanência deste espaço: [...] ao invés de um caráter mais "**festivo**" que notávamos nas edições anteriores. GST-1 (Grifo nosso). Ponto negativo: o **comércio de produtos que não estão relacionados com a demanda do agricultor** GST-5 (Grifo nosso).

Outra aparente contradição refere-se à possibilidade de melhorias, em que é elencada a sugestão da UFV reduzir sua participação no custeio do evento. O incremento da participação dos departamentos, ampliação dos temas das Conversas com Especialistas e de cursos voltados à conservação ambiental e promoção de educação continuada na modalidade EaD. Mesmo com sugestões inovadoras, os registros denotam apego às características históricas do evento:

Retornar com um projeto de Semana do Fazendeiro (Semfaz) que valorizasse a Extensão como ferramenta de capacitação e a participação familiar ao diminuir ainda mais as despesas diretas da UFV com a Semana do Fazendeiro, mesmo entendendo que é um projeto importantíssimo para sua visibilidade. **Acredito que poderíamos fazer quase tudo com patrocínio externo.** GST-1 (Grifo nosso).

Destacam-se ainda, o aumento da interação do participante com o ministrante e a busca de conteúdos ligados aos temas da conservação do meio ambiente: “Ampliaria ainda mais a troca de conhecimentos, tornaria mais participativa.” GST-4. “Foco em cursos e atividades mais direcionadas à produção agropecuária e conservação ambiental).” GST-6

Dentre as sugestões de melhorias para o evento, a controvérsia quanto à Feira reaparece:

Maior valorização do mais importante da semana: os cursos. **Menos comércio e shows.** Ampliação de mostra de equipamentos de pequeno porte para uso na propriedade, aumento de mini-cursos em mecânica de equipamentos/acessórios. Enfim, uma semana com mais oferta de temas para capacitação do pequeno agricultor fazendo com que ele possa preencher completamente a semana com diferentes cursos. GST-5 (Grifo nosso).

Temas como financiamento, capacidade de hospedagem da UFV, destinação de resíduos gerados no evento foram abordados no quesito que buscou a percepção dos gestores quanto a seu período na coordenação geral. Este quesito trouxe novamente a discussão sobre a Feira.

Como ponto positivo, destaco a longevidade e a credibilidade do evento, o que atrai o interesse das empresas privadas com experiência na organização de Grandes Feiras e eventos de Extensão. Ponto negativo: a estrutura da SF é a mesma desde 1929 [...] Os tempos são outros. **A SF deve ser atraente para um público mais abrangente e não majoritariamente com a participação do público regional.** GST-7 (Grifo nosso).

Como Positivo foi fazer a Semfaz utilizando o mínimo possível de recursos públicos; **negativo é a expectativa da "cidade" de Viçosa e região que encara a Semfaz mais como uma festa no estilo Exposições Agropecuárias** de cidades do interior do que como um projeto de extensão. GST-1 (Grifo nosso).

Ponto positivo: evento familiar, seguro e com grande pauta de atividades extensionistas e culturais. Negativo: mesmo com todo o esforço do Programa Lixo Zero a **geração de resíduos sólidos** é muito grande. GST-6. (Grifo nosso).

Com a mesma abordagem aos ministrantes, um quesito propiciou aos gestores o registro de manifestação livre sobre o evento. Neste ponto verificam-se fragmentos de um discurso ufanista, característico de eventos de comemoração e celebrações, mas também como elemento “constituente do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” conforme referido por Pollak²¹⁴. As expressões “maior evento de extensão” e “maior manifestação de extensão” são recorrentes, além de sugestões de novas atividades durante o evento e a controvérsia da Feira, presente em todos os quesitos desta pesquisa.

É um evento de integração da universidade com as comunidades, tanto pelo elemento da extensão e do conhecimento quanto do lazer, da cultura e do mercado. A universidade cumpre seu papel de acolher, de diferentes formas, todos os que nos visitam durante o evento. GEST-6. (Grifo nosso).

“Sem dúvida, é a **maior manifestação de Extensão** realizada no Brasil.” GEST-8. (Grifo nosso).

“Até **tentei alterar a estrutura da SF** e fui **acusado de tentar acabar** com o "maior evento de extensão rural do país." GEST-7 (Grifo nosso).

As expressões mais recorrentes podem ser visualizadas na nuvem de palavras, técnica que organiza graficamente as palavras de um corpus, propiciando uma rápida identificação das palavras-chave, por meio da frequência com que ocorrem, tornando-se uma opção de análise gráfica do conteúdo.

²¹⁴ POLLAK, M. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10,1992. p. 204.

e que segundo Pollak, “deve ser entendida, também, ou sobretudo, como fenômeno coletivo e social²¹⁵”.

Desta pesquisa,

Acho que o evento está muito voltado para **objetivos fora da transferência de tecnologia**. Como exemplo **exposição de carros, parque de diversão, barracas ocupam grande demanda da organização** sem nenhum efeito para o objetivo maior da semana. [...] ações de entretenimento são iniciativas que trazem um grande público da comunidade de Viçosa para o local do evento causando prejuízo para a finalidade da Semana do Fazendeiro. GEST-3. (Grifo nosso).

Vale **ressaltar a importância econômica da Semfaz para os comerciantes que patrocinam grande parte do evento**. Sendo assim, afirmo que é um evento que merece todo o apoio da administração e que tem potencial para auxiliar na melhora da vida de seus participantes em todos os sentidos. GEST-1 (Grifo nosso).

Das contribuições dos gestores, conclui-se que mesmo sendo um evento consolidado em décadas de realização, a Semana do Fazendeiro comporta fragilidades de ordem financeira e administrativa ao mesmo tempo em que se sagrou como uma atividade essencialmente de extensão rural, de caráter difusionista, de transferência de tecnologia do especialista para o produtor rural.

Espera-se que este estudo contribua para a UFV caminhar rumo ao desafio proposto por Freire, quando aborda o tema na obra “Extensão ou Comunicação?”:

No processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende.

Para tanto, torna-se necessário abrir mão da prática assistencialista de extensão e avançar a partir do diálogo, dando espaço para o verdadeiro espírito libertador do conhecer, como afirma Arruda:

...não pode ter o intuito de fazer com que os indivíduos, público-alvo da ação, substituam os seus conhecimentos pelos que deverão ser transmitidos, mas que ambos, tanto sujeito alvo quanto o promotor da ação, possam dialogar de

²¹⁵ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, 1992. p. 201.

forma empoderada, no intuito de ampliar os conhecimentos de todas as partes nesta relação.

A extensão, portanto, só terá efeito transformador, num ambiente de troca de saberes, de liberdade e de comunicação, ainda que determinados conteúdos sejam transmitidos dentro do enfoque da extensão rural, até mesmo pela natureza do trabalho desenvolvido pelos parceiros do evento até o momento.

3.3. Conclusão

Dentre outros aspectos, a pesquisa revela que a dificuldade com recursos financeiros é recorrente na história da Semana do Fazendeiro no período em tela. A solução deste problema passa por uma antecipação nas providências de levantamento de patrocínio, dado que as empresas e órgãos financiadores definem o orçamento para ações de divulgação no ano anterior ao evento. Ações de comunicação junto às Prefeituras, Sindicatos Rurais e órgãos parceiros precisam ser intensificadas. O envio antecipado de cartazes para os estabelecimentos de comercialização de insumos agrícolas pode auxiliar no planejamento do público-alvo do evento.

As ações dos programas Carbono Zero e Lixo Zero podem atuar como eventos certificadores do compromisso ambiental da Semana do Fazendeiro, como forma de atração de investimentos verdes. Por outro lado, torna-se necessária a ampliação da disponibilização de mais moradias estudantis, em articulação com a PCD, a fim de ampliar a capacidade de hospedagem do participante. Destaca-se ainda a necessidade de diversificar as atividades culturais, valorizando os artistas da região, sem deixar de incluir os artistas com projeção nacional.

Outro aspecto que salta aos olhos na presente pesquisa é que desde o ano de 2013 o evento não apresenta mudanças significativas, com exceção da recente edição de 2021, realizada de maneira completamente online, que ainda assim repetiu os cursos, eventos, leilões, exposições e atividades culturais já consagradas ao longo dos anos. A Semana do Fazendeiro tem se tornado mais do mesmo por quase uma década, fazendo-se necessária uma reflexão por parte de todos os setores da UFV envolvidos na sua materialização, a fim de descobrir em quais áreas o evento pode receber modificações, ganhar mais visibilidade, promover o acesso de mais cursistas e inclusive medir a efetividade de iniciativas que já completaram ou estão para completar dez anos de realização, como é o caso dos eventos Mulher Rural, Juventude Rural e

Troca de Saberes, lacuna de pesquisa a ser contemplada por trabalhos futuros, que poderiam avaliar inclusive a efetividade dos torneios leiteiros para o desenvolvimento da atividade na região.

Nota-se no processo de organização da Semana do Fazendeiro, a presença da cidade de Viçosa como expectadora das atividades culturais, como fornecedora de insumos para os cursos oferecidos durante o evento e consumidora dos produtos comercializados na feira, numa participação tão restrita que leva parte deste público a enxergar apenas o aspecto de festa, de feira, de entretenimento, sem ter noção da complexidade de sua organização, nem do alcance nacional que a Semana do Fazendeiro protagonizou no oferecimento de seus cursos.

Finalmente, a agilidade na tomada de decisão da equipe da Secretaria Permanente do evento passa pela concessão de maior autonomia nas decisões puramente técnicas, liberando os gestores para aquelas de natureza mais complexas que demandem inclusive negociações de natureza política. E a preservação da memória do evento perpassa o entendimento gestores, equipe e demais envolvidos, da importância da história da Semana do Fazendeiro para a universidade, para a cidade e para o país, como patrimônio cultural de ciência e tecnologia que o evento representa.

Parte 2

CAPÍTULO 4 - Semana do Fazendeiro: patrimônio cultural reconhecido e acessível

O esforço empreendido até aqui fortalece a premissa de que a Semana do Fazendeiro se constitui patrimônio cultural de ciência e tecnologia da UFV que, além de reconhecimento, carece ter garantida sua salvaguarda. A compilação de materiais ora depositados em locais diversos assim como sua conservação, o despertamento para a destinação de futuras produções deste evento e a possibilidade de tornar tais documentos acessíveis podem configurar-se a principal contribuição deste estudo.

Propõe-se, a partir dessas constatações, compilar a história da Semana do Fazendeiro, a massa documental produzida entre 2009 e 2019, assim como os dados levantados nesta pesquisa e disponibilizá-los em uma publicação em formato de brochura, com a seguinte organização:

4.1. Proposta do produto

A idealização da “Semana dos Fazendeiros” em 1929, teve origem em uma visita do médico e agricultor Jacintho Soares de Souza Lima, acompanhado por um grupo de agricultores da cidade de Ubá, MG, à ESAV em 1928, na qual foi sugerida a criação de uma semana intensiva de treinamento para os agricultores, aproveitando a estrutura de que a escola dispunha. A partir de então, a recém criada escola, além dos cursos regulares, passou a oferecer capacitação técnica ao trabalhador rural, na forma de cursos de curta duração. Falar brevemente sobre os fundadores. A figura 19 a seguir mostra os fundadores.



Figura 19: Fundadores da Semana do Fazendeiro: José Coelho da Silva, João Carlos Bello Lisboa, Joaquim Fernandes Braga e Jacintho Soares de Souza Lima.
Fonte: ACH/UFV

A página “Personagens e Pioneiros” do site da UFV²¹⁶ recorda, dentre outros personagens de sua história, os fundadores do evento. Além de Bello Lisboa, já referido anteriormente, Jacintho Soares de Souza Lima era médico e produtor rural, nascido em Tuiutinga, antigo distrito de Visconde do Rio Branco. Foi vereador e Prefeito da cidade de Ubá e liderou diversas caravanas de agricultores que participaram da Semana do Fazendeiro. Joaquim Fernandes Braga, natural da vizinha cidade de Visconde do Rio Branco, depois de aluno, foi também professor da ESAV, onde lecionou durante vários anos as disciplinas de Suinocultura e Nutrição Animal, no Departamento de Zootecnia. Foi ainda o primeiro Reitor, quando a ESAV foi transformada em UREMG, em 1948. Especializou-se em Agronomia, nos Estados Unidos, onde frequentou por um ano o Iowa State College, em Ames, e depois, a Universidade de Cornell, em Ithaca. José Coelho da Silva, assim como Joaquim Fernandes, foi aluno da ESAV. Após a formatura, em 1929, foi contratado como professor da ESAV.

Somados aos objetivos difundidos pela instituição em seus registros memoriais, a elite política da época se debatia com uma questão: a necessidade de solucionar os problemas decorrentes do crescimento das cidades, partindo da premissa de que se a população tivesse melhores condições de vida no campo, evitaria o êxodo rural, que constituía uma situação complexa a ser enfrentada no país. Desta forma, a Semana do Fazendeiro, desde o início, tem

²¹⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Personagens e Pioneiros. Disponível em <<http://www.personagens.ufv.br/?area=home>>. Acesso em 4 jan 2023.

como objetivo desempenha a função de socializar a produção técnica e científica da universidade com os produtores rurais. Segundo Negrão e Cabral²¹⁷, o evento “servia aos objetivos das elites brasileiras de levar o conhecimento sistemático aos grandes agricultores, que exerciam enorme poder político no país, sem se afastar do propósito de divulgar ciência e tecnologia relacionada à agropecuária”. A primeira edição do evento contou com a participação de 39 fazendeiros. A Figura 20 apresenta o registro fotográfico dos primeiros participantes, na lateral do Edifício Arthur Bernardes.

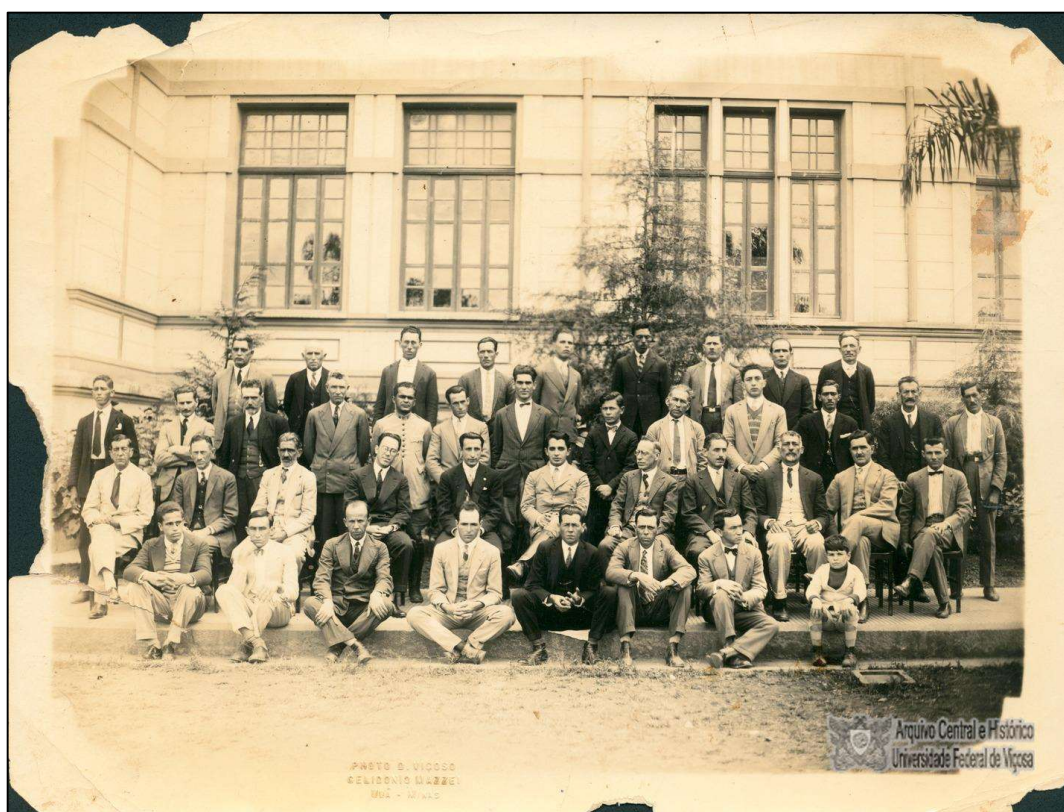


Figura 20: Participantes da 1ª Semana do Fazendeiro - Julho de 1929
Fonte: ACH/UFV

Há registros de eventos pontuais, anteriores a “Semana dos Fazendeiros”, organizados na ESAV para atrair os produtores rurais, nos moldes dos que ocorriam nos *Land Grant Colleges*²¹⁸ dos EUA, como as visitas dos agricultores à Escola, exposições da Semana do Milho, Semana das Flores e Exposição de Citrus. Cursos de curta duração eram ministrados por professores, que também eram responsáveis pela edição de boletins técnicos e por responder

²¹⁷ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. A Semana do Fazendeiro: Avanços e Transformações. In: SOUSA, Diogo Tourino et al. (orgs). **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017, p. 173.

²¹⁸ Escolas construídas nos EUA, em terrenos concedidos pelo governo, aos estados que se comprometeram com a criação de instituições destinadas ao ensino prático da agricultura para jovens.

cartas com dúvidas dos produtores rurais. Segundo Sabioni, Borges e Magalhães²¹⁹, os professores respondiam cerca de 100 destas cartas por ano - uma atividade a mais nas tarefas do docente, que atuava concomitantemente como uma espécie de consultor técnico para o produtor rural, rotinas que faziam parte de um pacote de serviços de extensão, nos mesmos moldes oferecidos pelos *Colleges* norte-americanos.

A importação desse modelo de treinamento resultou na incorporação de termos e expressões utilizadas até os dias atuais. O uso do termo “fazendeiro” - oriundo do termo “farmer”, no inglês - para se referir aos nossos produtores rurais é resultado desta importação assim como as expressões “dia de campo”, “palestra”, “semana”, “curso”. Atualmente, o termo “Fazendeiro” mostra-se um tanto desgastado por representar, no imaginário popular, um segmento da sociedade identificado como latifundiário com recursos financeiros abundantes, o que não coaduna com a realidade dos atuais participantes do evento. No entanto, provavelmente era essa a expressão mais adequada aos senhores produtores de café que buscavam capacitação para si e seus funcionários, a fim de adequar-se à nova realidade que a economia e as relações comerciais internacionais lhes impunham, na primeira metade do século XX. O termo “Fazendeiro” acompanha o evento ao longo de sua trajetória, reforçado pelo caráter de tradição alcançado pela universidade, por sua realização praticamente ininterrupta desde 1929.

No ACH-UFV, encontra-se um acervo de imagens²²⁰ referentes às primeiras décadas do evento. Ainda que grande parte delas não contenha nenhum detalhamento, como datas, identificação de pessoas ou locais e outras informações pertinentes, possibilitam uma experiência ímpar de se navegar nos primórdios do evento registrados em preto e branco.

²¹⁹ SABIONI, BORGES e MAGALHÃES, Op. cit. p. 34.

²²⁰ Atom é um software livre para descrição e difusão de documentos arquivísticos, criado por iniciativa do Conselho Internacional de Arquivos (CIA). Disponível em <www.atom.ufv.br>. Acesso em 10 mar 2022.



Bello Lisboa discursa aos participantes da primeira edição - 1929



Participantes da segunda edição - 1930



Peter Rolfs discursa aos participantes da terceira edição - 1931



Participantes da quarta edição - 1932



Aula prática - Engorda de Suínos - 1934



Aula prática - Apicultura - 1936



Aula prática - Vivência do Café - 1937



Cultura do Tomate - 1938

Figura 21: Participantes das primeiras edições da Semana do Fazendeiro
Fonte: ACH-UFV

Ainda assim, tais registos iconográficos permitem observar ao menos três aspectos: o público participante compunha-se majoritariamente de homens; desses homens, a maioria, aparentava tonalidade de pele branca ou clara; e a participação feminina também era inexpressiva, pois, de acordo com Botelho²²¹, era “estritamente proibida” a presença de mulheres nos alojamentos da então ESAV. Na décima edição do evento, em julho de 1940, o Boletim nº 2 registra a presença de mulheres. De acordo com o documento, “Acham-se presentes, frequentando as aulas com grande entusiasmo, 5 fazendeiras”²²². Esses boletins eram o veículo de comunicação durante o evento, com divulgação da programação do dia seguinte, destaques sobre as autoridades presentes, os municípios e estados representados, o número de participantes, além de reforçar avisos como pontualidade e locomoção no campus.

A Semana do Fazendeiro, teve ameaça de ser descontinuada, quando o Governador Benedito Valadares intentou encerrar as atividades da ESAV em Viçosa e transferi-la para Belo Horizonte. Sabioni, Borges e Magalhães²²³ registram que:

A lei nº 146, de 11 de novembro de 1936, cassou a autonomia da ESAV. Era voz corrente, no tempo da cassação e da transferência da Escola Superior de Veterinária para Belo Horizonte, ser plano do Governo fechar a ESAV e transformar suas instalações em um quartel da polícia. Dizia-se, também, que alguém havia advertido Benedito Valadares de que tal mudança iria desgostar os fazendeiros, pela extinção da Semana do Fazendeiro, e isso teria levado o Governador a desistir da transformação.

Baeta²²⁴ acrescenta que a criação da Semana do Fazendeiro cooperou para a aproximação e articulação dos proprietários de terras da região de Viçosa, participantes das atividades e treinamentos promovidos pela então ESAV e estes fazendeiros “impediram, em 1935, que o Governador Benedito Valadares transformasse a Escola de Viçosa em Quartel de Cavalaria, em represália aos bernardistas²²⁵, em particular a Bello Lisboa, que declinara do convite para assumir uma secretaria em seu governo”.

É da lavra de João Carlos Bello Lisboa, então Diretor da ESAV, o ato de criação da Secretaria da Semana do Fazendeiro, até então denominada “Secretaria da Semana dos Fazendeiros”. Era este o setor responsável pelo planejamento e execução do evento, como se

²²¹ BOTELHO, Cristiane Roque Pereira; LOPES, Eduardo Simonini. **Assistência estudantil na Universidade Federal de Viçosa: composições e tensões no/com o movimento estudantil**. Viçosa, MG, 2016, pág. 27.

²²² Secretaria da Semana dos Fazendeiros. Boletim nº 2. 16/7/1940. Fonte Arquivo Histórico da UFV.

²²³ SABIONI, BORGES e MAGALHÃES, Op. cit. p. 37.

²²⁴ BAÊTA, O. V. **Estratégias como práticas sociodiscursivas em uma universidade pública: Uma abordagem crítica**. Lavras: UFLA, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras. Orientador: Mozar José de Brito. p. 177.

²²⁵ Bernardistas: Partidários de Arthur da Silva Bernardes na política.

tem nos dias atuais, de forma ampliada. O primeiro Secretário responsável pelos trabalhos foi o funcionário José Thomaz Teixeira, tendo por auxiliares Otília de Almeida Gomes e Haydée Andrade Resende. O ato de criação do serviço é datado de 8 de julho de 1935. O documento institui as comissões de “Ensino”, atual “Comissão de Cursos”, de “Domicílio”, atual “Comissão de Alojamento” e de “Alimentação”.

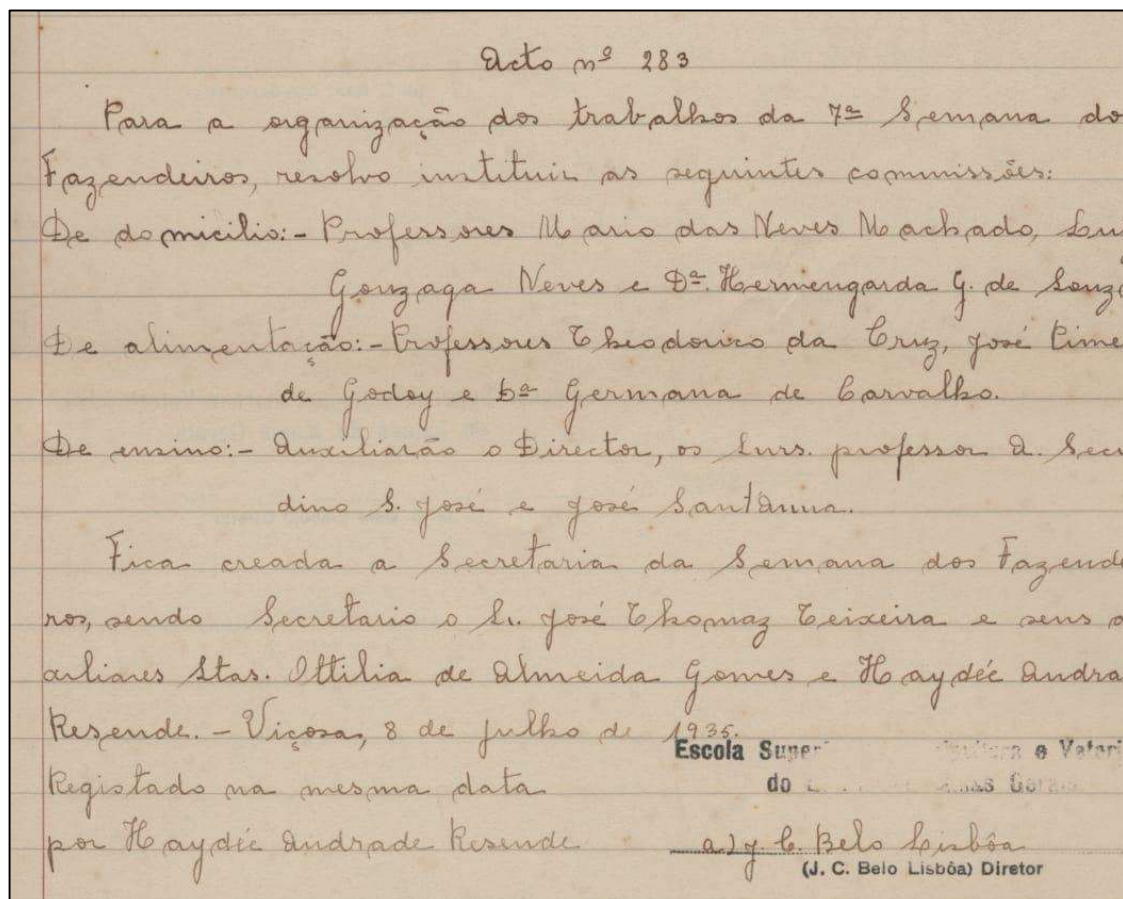


Figura 22: Ato de criação da Secretaria da Semana do Fazendeiro

Fonte: ACH/UFV.

A “Semana dos Fazendeiros” propiciou a disseminação do conhecimento científico e tecnológico gerado nas salas de aulas, estações experimentais e laboratórios da ESAV, com cursos de curta duração aos produtores rurais, capatazes e empregados, direcionados para o desenvolvimento de técnicas agrícolas, como mostra a lista dos 39 cursos oferecidos na terceira edição do evento, conforme figura 23.

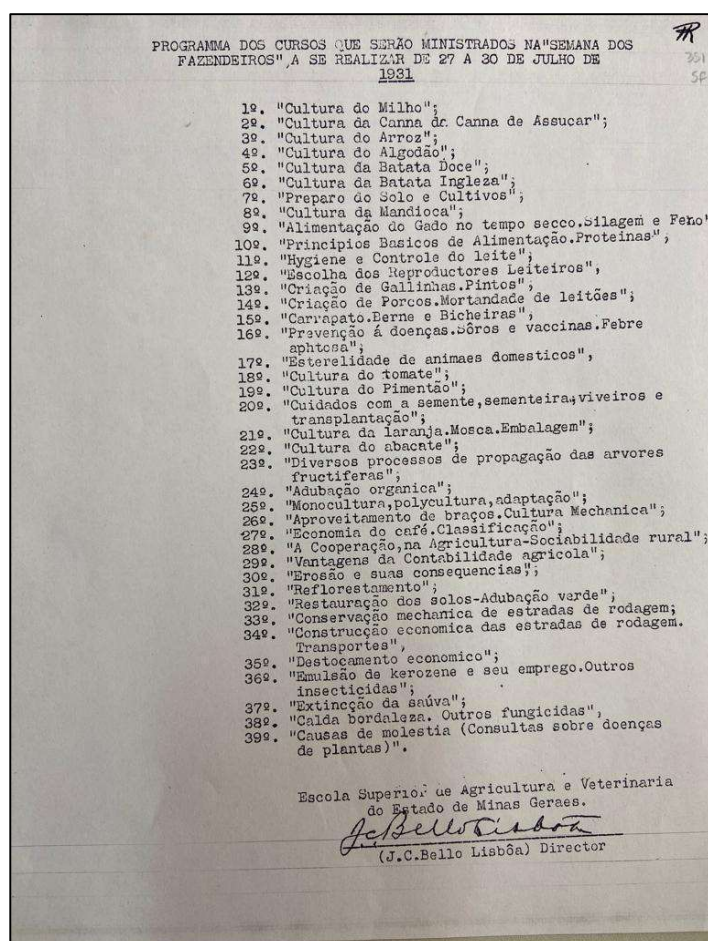


Figura 23: Lista de cursos da 3ª Edição da Semana dos Fazendeiros.
 Fonte: ACH/UFV

Nas dezenove edições do evento no período da ESAV, entre 1929 e 1947²²⁶, sete durante a Segunda Guerra Mundial, a Semana do Fazendeiro registrou 13.557 participantes, com média de mais de 1000 (mil) no período da guerra, de 1939 a 1945. Tal incremento justifica-se pela busca de conhecimentos que resultassem no aumento da produtividade no campo. Após a segunda guerra, a agricultura mundial foi submetida a um ciclo evolutivo denominado “revolução verde²²⁷”, com a introdução do uso de sementes híbridas, de maquinário e aparato tecnológico com vistas à ampliação da oferta de alimentos.

Durante o período da UREMG (1948 a 1969), a Semana do Fazendeiro comemorou vinte e cinco anos de organização com a edição de 1953, de 20 a 25 de julho. Agora identificada como “Semana do Fazendeiro” e não mais “Semana dos Fazendeiros”, o evento trazia, além dos cursos consolidados nas edições anteriores, oportunidades de treinamento voltado para

²²⁶ UREMG - Caderno de cursos da 25ª Semana do Fazendeiro, 1953. p. 2. ACH/UFV.

²²⁷ PENA, Rodolfo F. Alves. **Evolução da agricultura e suas técnicas**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/evolucao-agricultura-suas-tecnicas.htm>>. Acesso em 12 jul 2022.

mecanização e implementos agrícolas, como os cursos “Preparo, plantio e cultivo mecânico do solo”, “Cultura de arroz com irrigação”, “Tipos de arreios para tração”²²⁸, atendendo a crescente demanda por mão de obra qualificada para operar os equipamentos introduzidos na prática da agricultura do País, por influência dos EUA.

A literatura e os documentos do ACH-UFV apontam que o evento passou por, ao menos três interrupções, embora a UFV refira-se a ele como de realização ininterrupta²²⁹ que por vezes se refere ao evento como de realização ininterrupta, conforme reportagem veiculada em 2015. A primeira delas ocorreu em 1978, em decorrência do surto de peste suína no estado de Minas Gerais, por determinação do Ministério da Agricultura, a 50ª Semana do fazendeiro²³⁰ foi realizada simbolicamente, com os produtores locais da microrregião de Viçosa. Em 1991, ano 63ª edição, o evento foi suspenso, de acordo com Neves²³¹, “em face da situação conjuntural vivida pela universidade brasileira, naquele momento, ou seja, uma greve nacional por mais verbas”, sendo realizado em agosto de 1992²³². A mais recente interrupção ocorreu em 2020, ano em que se realizaria a 91ª edição²³³, devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia do Coronavírus. O ano de 2021 foi marcado pela realização da primeira edição da Semana do Fazendeiro totalmente virtual.

A concepção de que o evento atravessou décadas, desde sua primeira edição, sem interrupção, remete-nos às tradições inventadas de Hobsbawm e Ranger²³⁴, segundo os quais constituem “um processo de formalização e ritualização caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. O termo inclui, portanto, aquelas tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, mas também as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo. Do mesmo modo, Linnekin e Handler²³⁵ abordam o tema, afirmando que “as tradições são sempre invenções”, o que valida as divulgações institucionais, em que a UFV firma sua narrativa em tradições que podem e devem ser investigadas na busca de trazer à tona fatos para

²²⁸ Idem.

²²⁹ SEMANA DO FAZENDEIRO 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sWh6Z6f1J1I>>. Acesso em 30 nov 2022.

²³⁰ UFV Informa - edição 538. Ano 10. 21 de julho de 1958. p. 4. ACH/UFV.

²³¹ NEVES, L. F. **A extensão universitária como prática institucional: o caso da Universidade Federal de Viçosa**. 1993. 415 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – UFV, Viçosa, 1993. p. 173

²³² JORNAL DA UFV - ano 24 - edição 1197 - 22 jul. 1992, p. 4. Fonte: ACH-UFV.

²³³ UFV em Rede. 31.3.2020. Disponível em:

<<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=32339>>. Acesso em 24 jul. 2022.

²³⁴ HOBBSAWM, Eric. 1. Introdução: a invenção das tradições. HOBBSAWM, Eric. J.; RANGER, Terence (Org.). *A invenção da tradição*, v. 2, 1984, p. 12.

²³⁵ HANDLER, R. & LINNEKIN, J. (1984), "Tradition, Genuine or Spurious". *Journal of American Folklore*, Vol. 97, nº 385: 273-290.

desconstruí-las. Mesmo com as poucas interrupções identificadas, o evento consolida-se como o mais antigo do Brasil, com quase um século de história e uma opção diferenciada de acesso à tecnologia para o setor agrário.

Desenvolvida por meio dos cursos, palestras e dias de campo, a prática extensionista da Semana do Fazendeiro vivenciou três fases distintas, sintetizadas por Negrão e Cabral²³⁶, sendo:

1ª - Fase de Transmissão de Conhecimentos ou Devolução, uma vez que teve como concepção inicial o objetivo de “estender” o conhecimento, influenciando os contextos históricos, sociais e econômicos do país, concentrando-se em definir conteúdos que poderiam ser imediatamente aplicáveis e que deveriam, por isso, ser difundidos; 2ª - Fase do Assistencialismo, pois a sua principal função era a prestação de serviços sob a forma de cursos práticos, serviços técnicos, assistenciais e conferências; e 3ª - Fase da Reflexão da Universidade (dialógica) já que sua concepção vem se alterando ao longo do tempo, bem como a própria concepção de conhecimento das universidades.

Ressalta-se que a extensão praticada no âmbito do evento, de acordo com a natureza da atividade, pode transitar entre as três fases. Dutra, Gomes, Coelho e Félix²³⁷ afirmam que a forma de extensão rural, de caráter difusionista, é predominante na Semana do Fazendeiro. Entretanto, na etapa mais recente, o desenvolvimento do modelo do agronegócio alterou o perfil do público participante, visto que os produtores de maior poder aquisitivo passaram a buscar outras formas de acesso à ciência e à tecnologia, impactando no modo da Semana do Fazendeiro fazer extensão. A inclusão de novos espaços e atores na programação da Semana do Fazendeiro sinaliza, na visão dos autores, “uma convivência entre abordagens diferenciadas de envolvimento da universidade com a sociedade²³⁸”, evidenciando não haver o rompimento de um processo metodológico em função da adoção de outro, mas “o convívio de abordagens distintas mostrando a coexistência de diferentes concepções e práticas de extensão na instituição²³⁹”.

²³⁶ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. Op. cit. p. 175.

²³⁷ DUTRA, Thales Henrique; GOMES, Ivani Soleira; COELHO, Elaine Maria de Souza; FELIX, Eliane Maria. Op. cit., p. 203

²³⁸ Idem, p. 204

²³⁹ Idem, p. 204

4.2. Estrutura do evento

A estrutura da programação da Semana do Fazendeiro permaneceu sem alterações significativas, por muitos anos, com a oferta de cursos, leilões, exposições e dias de campo, como verifica-se nos documentos impressos²⁴⁰, disponíveis no ACH-UFV, os quais detalham a estrutura básica de organização dos cursos, salas e materiais didáticos, além dos serviços de alojamento e alimentação ao participante.

De acordo com Candau²⁴¹, “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. (...) Ela é mais um enquadramento do que um conteúdo, vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dela”. Nesta perspectiva, será apresentado um levantamento da operacionalização da Semana do Fazendeiro, no período de 2009 a 2019, visando registrar a memória do evento, ciente de que tal construção poderá ser acrescida ou suprimida por futuros estudiosos do tema.

No ano em que completou 80 anos, o evento se norteou pelo tema “80 anos de diálogo com o campo”, incorporando outros públicos à sua dinâmica, em parceria com a EMATER-MG, viabilizando a primeira edição da Semana da Juventude Rural²⁴², destinada aos filhos de produtores rurais²⁴³ procedentes da Zona da Mata mineira, atendidos pela entidade de extensão, cujo objetivo foi possibilitar o contato com o ensino e a tecnologia, visando o despertar para promover o empreendedorismo e melhorar a produtividade de suas propriedades, o que possibilita sua permanência no campo.

Neste mesmo ano, a Semana do Fazendeiro firmou parceria, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, com o Programa TEIA²⁴⁴ e a Assessoria de Movimentos Sociais (AMS), incorporando às suas atividades, a Troca de Saberes, cuja proposta era “criar ambientes de interação relativos à realidade da agricultura familiar da Zona da Mata Mineira”, de acordo com Miranda et al²⁴⁵. A Troca de Saberes “objetiva possibilitar uma ecologia de saberes através da

²⁴⁰ DOCUMENTOS IMPRESSOS: cadernos de curso, cartazes, programação, cartas.

²⁴¹ CANDAU, Joël. Memória e identidade. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9.

²⁴² Os participantes da Juventude Rural, oriundos da Zona da Mata mineira, são selecionados pelo Projeto Transformar, que tem como objetivo a formação de jovens rurais, filhos de agricultores familiares atendidos pela EMATER-MG.

²⁴³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Caderno de Cursos - 87ª Semana do Fazendeiro - julho de 2017 - p. 8.

²⁴⁴ CARDOSO, MUGGLER, SILVA, BARBOSA, ZANELLI, LOPES, CRUZ, CONTE, MOREIRA, SILVA e OLIVEIRA. Programa TEIA: Trocando saberes e tecendo a teia da agroecologia. In: SOUSA, Diogo Tourino de et al. (orgs). Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017, p. 276.

²⁴⁵ MIRANDA, E. L.; SILVA, L.H.; ZANELLI, F. V.; BHERING, M. S. TROCA DE SABERES: Novos Enfoques Metodológicos na Construção do Conhecimento Agroecológico na Zona da Mata Mineira. In: I

ressignificação e reelaboração dos conhecimentos produzidos entre a universidade e a dimensão popular da sociedade²⁴⁶”. As atividades têm como eixo a socialização de pesquisas acadêmicas e populares, conhecimentos e experiências, entre os participantes organizados por temas ou grupos.

A implementação de medidas de neutralização das emissões de carbono gerados pela Semana do Fazendeiro, a partir de 2010, com o programa Carbono Zero²⁴⁷, foi viabilizada pela parceria entre a PEC e o Grupo de Estudos em Economia Ambiental e Manejo Florestal (GEEA) do Departamento de Engenharia Florestal. Esta iniciativa, aliada ao projeto Lixo Zero, instituído a partir da 90ª edição, em 2019, fazem parte do compromisso assumido pelo evento no sentido de cooperar para o cumprimento de algumas das diretrizes da Agenda 2030 da ONU²⁴⁸.

A Semana da Mulher Rural, foi inserida na programação da Semana do Fazendeiro a partir de 2013, nos mesmos moldes da Semana da Juventude Rural, com o objetivo de oferecer um dia com palestras, visitas técnicas e entretenimento às mulheres do meio rural da Zona da Mata mineira, atendidas pela EMATER-MG em programas de conscientização do seu papel na transformação da sociedade a partir da família rural²⁴⁹.

Entre 2011 e 2016, a Semana do Fazendeiro inseriu em sua programação, as atividades da Mini Fazenda, um espaço que possibilitava o contato do público infantil com pequenos animais. A partir da 88ª edição, em 2017, essa atividade foi remodelada, com a contribuição de professores, técnico-administrativos, alunos dos departamentos de Medicina Veterinária, Zootecnia, Agronomia e da parceria com a Polícia Militar Ambiental, apropriando-se do aspecto de veículo de popularização da ciência. O visitante, criança, adulto ou grupos de estudantes da educação básica da região, tem “contato com uma fazendinha de verdade, com porteira e tudo o mais²⁵⁰”, destaca o reclame da Mini Fazenda²⁵¹, cuja proposta é levar ciência ao público infantil e permitir contato com animais, em instalações de tamanho reduzido, que

Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS, 2012, Pelotas- RS. **Anais do I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS**, 2012. v. 1.

²⁴⁶ UFV - Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019 - pág. 10

²⁴⁷ CARBONO ZERO. Disponível em <https://www.carbonozero.ufv.br/?page_id=167>. Acesso em 08 jun. 2022

²⁴⁸ A ONU e seus parceiros no Brasil estão trabalhando para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. São 17 objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo. NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 30 jan 2023.

²⁴⁹ UFV - Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019 - pág. 12.

²⁵⁰ UFV - Idem, pág. 10.

²⁵¹ UFV - Caderno de cursos da 88ª Semana do Fazendeiro - julho de 2017 - pág. 10.

exploram “aspectos e tecnológicos dentro deste circuito, tornando a ciência mais acessível ao público de todas as idades²⁵²”.



Mini fazenda (2013)



Mini fazenda (2019)

Figura 24: As duas versões da Mini Fazenda
Fonte: Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro

Outra atividade incorporada à Semana do Fazendeiro desde 2013²⁵³, a Exposição de Antigomobilismo, sob a coordenação da Associação Viçosense de Antigomobilismo, fundada por servidores ativos e aposentados da UFV, congrega entusiastas e colecionadores de veículos antigos, apresenta-se como um espaço de entretenimento que recebe público diversificado e configura-se como parte dos eventos culturais que celebram a memória, uma vez que o colecionismo, de acordo com Silveira:²⁵⁴

²⁵² UFV - Ibidem, pág. 10.

²⁵³ SILVEIRA, Victor de Souza. Patrimônio sobre rodas: antigomobilismo, memórias e distinção social. Viçosa, 2021, p. 75.

²⁵⁴ SILVEIRA, Op. cit. p. 17.

Promove um resgate da história desses objetos, sua trajetória até os dias atuais, e mostra como, neste percurso, a história do automóvel se entrelaça com momentos importantes da história geral, já que ela se conecta fortemente às revoluções tecnológicas, à ideia de progresso e à de status social.

Neste mesmo ano, as visitas aos museus e espaços de ciência da UFV²⁵⁵ passaram a compor a agenda da Semana do Fazendeiro. A universidade conta com doze museus e espaços de ciência, abertos à visitação pública, proporcionando à comunidade o contato com várias temáticas e tipos de acervos, e integrados, a partir de 2019, com a criação da SEMEC - Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV²⁵⁶, que propicia a difusão cultural e científica e é responsável por um roteiro especial para os participantes do evento.

Quadro 11: Museus e Espaços de ciências na UFV.

Espaços de ciências da UFV	Localização
Casa Arthur Bernardes	Praça Silviano Brandão - Centro
Herbário VIC	Av. Purdue, s/nº (início)
Horto Botânico	Av. Purdue, s/nº
Mata da Biologia	Recanto das Cigarras - UFV
Mata do Paraíso	Rodovia Viçosa-Paula Cândido (MG 280, Km 06)
Museu da Comunicação	Vila Giannetti, casa 39
Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef	Vila Giannetti, casa 31
Museu de Zoologia João Moojen	Vila Giannetti, casa 32
Museu Histórico e Pinacoteca	Campus UFV - ao lado da Caixa Federal
Parque Interativo de Botânica	Vila Giannetti, casa 54
Sala Mendeleev	Edifício das Licenciaturas - 2º andar

Fonte: elaboração do autor

²⁵⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 84ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2013, 96p.

²⁵⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Resolução 03/2019 CONSU. Disponível em <<https://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/03-2019-CONSU-SEMEC.pdf>>. Acesso em 30 jan 2023.

A inserção de parceiros, novos públicos e atividades em novos formatos evidenciam a mudança de paradigma na estrutura da Semana do Fazendeiro a partir do ano de 2009, movendo-se do modelo de difusão para configuração de facilitadora da produção de conhecimento, trajetória descrita por Negrão e Cabral²⁵⁷ que agrega:

Saberes acadêmicos e populares com a compreensão de que é essencial que a comunidade atendida participe efetivamente de todo o processo, iniciando o abandono do entendimento equivocado da extensão como conjunto de ações paternalistas e assistencialistas.

O processo de transição deflagrado, embora evidencie avanços no campo do modo de fazer extensão, permite considerar a necessidade de criação de outras atividades a fim de que o participante original do evento seja considerado parte da produção do conhecimento.

No início de 2020 a COVID-19 traria a mais recente interrupção na história do evento, impedindo os encontros programados. O trabalho de planejamento foi suspenso devido à condição sanitária que o mundo atravessava, com a necessidade de isolamento social, a alta taxa de contaminação e óbitos pelo Coronavírus, e ainda a remota possibilidade de termos uma vacina eficaz. No período reservado para o evento, em meio ao aprendizado para a comunicação personalizada a distância, a coordenação do evento organizou o conteúdo da 90ª edição (2019) e exibiu uma programação online²⁵⁸ com palestras e reportagens gravadas pela TV Viçosa, emissora de televisão criada pela UFV e atualmente administrada pela Fundação Rádio e TV Educativa de Viçosa - FRATEVI²⁵⁹. A programação, que ocorreu de 15 a 17 de julho de 2020, foi denominada “Semana do Fazendeiro *Live*”, apresentou três preleções conduzidas por ministrantes de cursos da Semana do Fazendeiro que mediarão a participação do público, pela rede social Instagram, e a reexibição de matérias produzidas no ano anterior pela FRATEVI. A figura a seguir mostra o material de divulgação do evento na rede social da Semana do Fazendeiro, que substituiu o convencional cartaz impresso.

²⁵⁷ NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. Op. cit. p. 196.

²⁵⁸ FRATEVI. Especial Semana do Fazendeiro. Disponível em <<https://fratevi.org.br/>>. Acesso em 12 jul 2022.

²⁵⁹ Especial Semana do Fazendeiro - 13 a 17 de julho de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CmbBD0Myr8w&list=PLKG_lg1MwT4gSI77k421BhaJI9xXkuVXR&index=5>. Acesso em 5 de outubro de 2022.

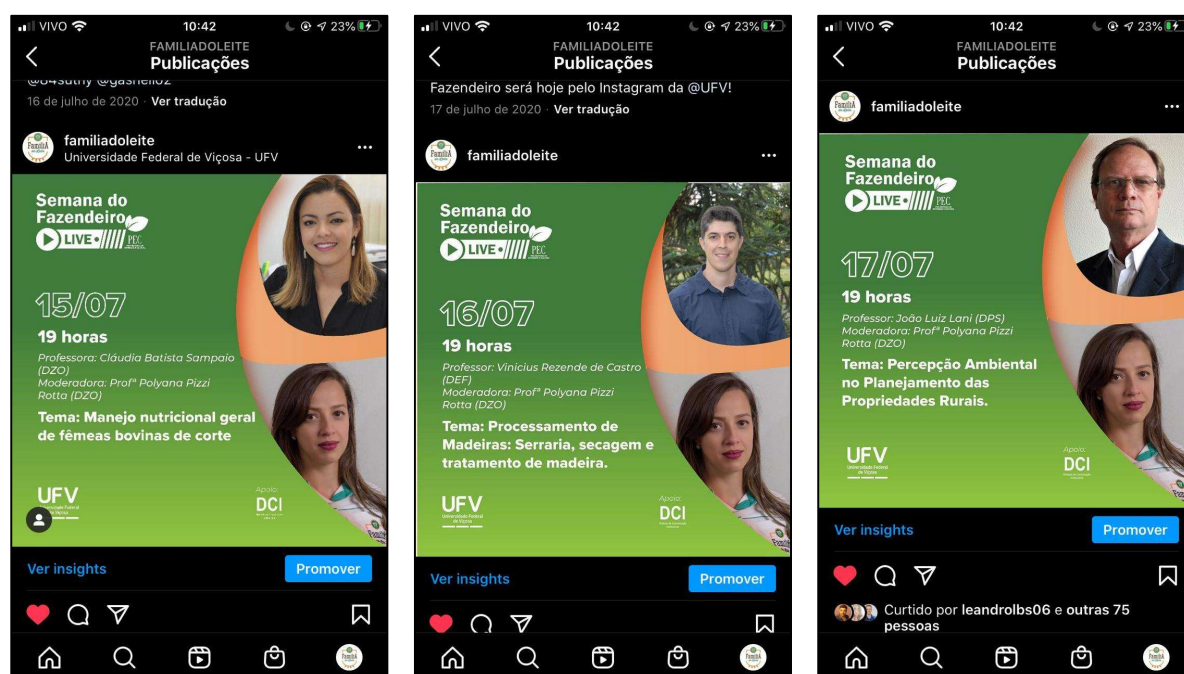


Figura 25: Programação das Lives realizadas no ano de 2020

Fonte: Rede Social Instagram da Semana do Fazendeiro

Desde o início da crise sanitária, a UFV buscou desenvolver habilidades e difundir tecnologias para a virtualização do ensino, como alternativa à continuidade das atividades acadêmicas, do mesmo modo que os organizadores de eventos científicos, de entretenimento, de negócios, dentre outros, adotaram as plataformas digitais, popularizando as *lives* como forma de comunicação em tempo real.

Em 2021, com a consolidação da nova forma de realizar eventos de grande dimensão, a Semana do Fazendeiro organizou-se para oferecer sua programação totalmente a distância. Conforme registro da Divisão de Comunicação Institucional da UFV, a 91ª edição, realizada

entre os dias 12 e 16 de julho, de maneira completamente virtual²⁶⁰, teve 1.129 participantes que atenderam aos 279 cursos síncronos e 39 assíncronos. Além dos cursos, toda a programação, desde a cerimônia de abertura, premiação do Torneio Leiteiro, Mulher Rural, Juventude Rural, Exposição de Antigomobilismo, Mini Fazenda, Leilões, Rodas de Conversa e programação de Shows, ocorreu em ambiente virtual. A pandemia da COVID-19 tornou a Semana do Fazendeiro um evento internacional, com participantes de 11 países da América Latina. Esta edição, organizada em parâmetros muito distintos das anteriores, especialmente no que se refere à capacitação dos instrutores, da equipe de apoio, orientação aos participantes, evidenciou as oportunidades trazidas pela pandemia no que tange à mudança de paradigma e transposição para a era digital. Tal mudança representou a possibilidade de virtualização do evento, acesso de novos públicos, redimensionamento dos custos e os desafios de avaliar quais dessas transformações serão absorvidas pelo evento em seu formato presencial, de fidelizar os participantes da edição virtual e de dar continuidade à sua internacionalização. Para medir o alcance das transmissões desta edição do evento, a Comissão Coordenadora utilizou-se de ferramentas dos canais no YouTube da UFV e da Fratevi, chegando aos totais iniciais 18.8658 visualizações simultâneas e 2080 *likes*²⁶¹ ao final do evento.

4.3. A memória da Semana do Fazendeiro em números: parcerias, novos públicos e inclusão

O resgate da memória é de suma importância para pessoas e instituições e inclusive países, para a preservação da sua identidade. Os cartazes da Semana do Fazendeiro que ilustram este documento a partir daqui constituem, conforme Halbwachs, pontos de referência que servem como suporte da memória individual, que acabam por inseri-la na memória da coletividade. O autor diz ainda que “é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças”²⁶². Em razão disso, foram selecionados trechos das entrevistas feitas com ministrantes e gestores. Ao lado de cada cartaz foi colocada, inicialmente, uma frase de um ministrante expressando sua motivação em participar do evento. Logo abaixo, uma frase de um gestor descrevendo os desafios da sua

²⁶⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Em versão virtual, a 91ª Semana do Fazendeiro termina ampliando horizontes e preservando sua tradição. Disponível em <<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=35569>>. Acesso em 12 jul.2022.

²⁶¹ Like. [Estrang.] Quando você gosta de alguma coisa, você dá um "like", "like" é, portanto, a mesma coisa que gostei, em redes sociais.

²⁶² HALBWACHS, Maurice. Op. cit. p. 28.

gestão. Somam-se nesta mostra as suas memórias. No intuito de dificultar identificações, algumas respostas foram resumidas ou desdobradas e não aparecem na mesma sequência dos anos das imagens.

“O prazer de trabalhar com os produtores, extensionistas e jovens que participam dos cursos. A troca de experiências e a oportunidade de envolver os estudantes da UFV nas atividades de extensão. Além disso, os cursos são uma forma de apresentar o trabalho e conteúdo disponíveis na Universidade”.

“...recuperar e ampliar as estruturas da PEC e revitalizar a Semana do Fazendeiro, tornando-a mais robusta e mais inclusiva”.



O quantitativo de público presente nas edições da Semana do Fazendeiro de 2009 a 2019 foi formado dos inscritos para cursos de curta duração e dos participantes dos eventos paralelos, como Juventude e Mulher Rural. Os dados foram retirados do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro.

Com a inclusão de novos públicos e novas atrações agregadas ao evento, como Juventude Rural, Mulher Rural e Troca de Saberes, estabeleceu-se a denominação de “participante dos cursos” para os inscritos nos cursos do evento, com taxa de inscrição. Por sua vez, os eventos Troca de Saberes, Mulher e Juventude Rural terão seus dados apresentados à parte. Exclui-se, portanto, este público da tabela a seguir, assim como exclui-se o público visitante que apenas participa da feira, da programação cultural, das visitas aos espaços de ciência, ou espaço da Mini fazenda, sobre os quais a Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro não tem como precisar o quantitativo. A tabela 4 mostra o número de inscritos nos cursos no período em análise.

Tabela 4: Número de participantes inscritos nos cursos.

PARTICIPANTES INSCRITOS NOS CURSOS - 2009-2019													
Período/Frequência													
ANO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019		
Edição	80 ^a	81 ^a	82 ^a	83 ^a	84 ^a	85 ^a	86 ^a	87 ^a	88 ^a	89 ^a	90 ^a	TOTAL	MÉDIA
Nº Particip.	870	1000	1096	1100	1302	1284	1427	1535	1340	1220	1321	13495	1227

Fonte: Sistema de Gerenciamento do evento - Elaboração do autor

Excetuando-se a 84^a edição, realizada em setembro do ano de 2013, as demais edições desta série aconteceram no mês tradicional do evento, julho. A 87^a edição registrou o maior número de inscritos e essa tendência de crescimento não teve continuidade nas edições seguintes devido à crise econômica que o Brasil experimentou a partir de 2017. Mesmo assim, a média do período permaneceu acima de 1.200 participantes por edição. Destes, o maior contingente tem origem no estado de Minas Gerais, em virtude de Viçosa ser considerada um pólo de desenvolvimento agropecuário e da organização deste tipo de evento em outros estados e regiões no mesmo período. A tendência é de manutenção desta influência da Semana do Fazendeiro no entorno de Viçosa e demais cidades de Minas Gerais, ainda que se continue registrando o comparecimento de participantes de outros estados. Uma explicação para este fato pode estar na assistência que alguns dos parceiros do evento como o SENAR e a EMATER-MG prestam aos agricultores no entorno de Viçosa, ao longo do ano. Outra explicação pode ser encontrada nos custos de deslocamento que este público, especialmente os agricultores familiares, teriam para efetuar viagens mais longas, inviabilizando a participação, uma vez que teriam que se ausentar por pelo menos uma semana de suas propriedades.

A tabela 5 mostra os números de participantes da Semana do Fazendeiro, no período analisado, de acordo com o estado de origem. Mais de 13 mil pessoas participaram dos cursos oferecidos pelo evento neste período.

Tabela 5: Participantes dos cursos por estado de origem - 2009-2019

PARTICIPANTES POR ESTADO DE ORIGEM - 2009/2019													
UF	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	%
MG	583	735	727	606	813	753	955	1001	863	757	889	8682	64,33
RJ	166	150	188	220	215	244	245	309	217	224	236	2414	17,89
ES	82	60	84	121	96	138	91	112	98	85	104	1071	7,94
PE	3	0	45	54	55	51	44	46	47	45	1	391	2,90
BA	9	5	18	14	48	28	14	16	41	37	19	249	1,84
SP	11	11	17	21	12	17	27	15	19	11	20	181	1,34
GO	1	3	2	16	12	18	19	6	14	5	5	101	0,75
DF	2	1	2	8	11	9	13	10	14	7	12	89	0,66
TO	0	0	0	1	2	2	1	6	9	24	6	51	0,38
SE	0	1	0	0	2	2	3	7	3	10	21	49	0,36
MS	0	1	2	34	1	1	1	1	1	0	2	44	0,33
PI	0	0	2	0	25	0	2		0	0	0	29	0,21
PR	6	5	5	3	0	0	1	3	2	0	0	25	0,19
AC	0	21	1	0	1	0	0	0	0	0	0	23	0,17
PA	2	0	0	1	2	3	3		1	0	4	16	0,12
RO	0	0	1	0	0	11	0		0	3	0	15	0,11
RS	0	0	0	0	1	1	3		5	3	0	13	0,10
SC	2	2	0	0	2	3	0		0	1	0	10	0,07
AL	0	2	0	0	2	2	0	1	1	1	0	9	0,07
MT	1	1	0	0	2	0	1		1	1	2	9	0,07
AM	0	0	1	0	0	0	2		3	2	0	8	0,06
CE	2	0	1	1	0	1	1		0	0	0	6	0,04
MA	0	1	0	0	0	0	0	2	1	2	0	6	0,04
RN	0	0	0	0	0	0	1		0	2	0	3	0,02
OU*	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0,01
AP	0	0	0	0	0	0	0		0	0	0	0	0,00
PB	0	0	0	0	0	0	0		0	0	0	0	0,00
RR	0	0	0	0	0	0	0		0	0	0	0	0,00
TOTAL	870	999	1096	1100	1302	1284	1427	1535	1340	1222	1321	13496	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

* Refere-se a Outros países

No topo da tabela constam os estados com maior participação no evento, com estados do Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. A menor participação de outros estados ou regiões pode justificar-se pela distância, pela diferença de características da produção agropecuária e pelo calendário agrícola que exige presença dos produtores rurais nas propriedades durante os períodos de colheita. O caderno de cursos da Semana do Fazendeiro evidencia essa regionalização ao listar treinamentos relativos às culturas da Zona da Mata mineira.



“Gosto do evento, acho importante. Além disso, gosto do contato com as pessoas da comunidade”.

“O principal desafio foi a inexistência de um orçamento com a finalidade de programar, organizar e executar as atividades da semana do fazendeiro. Inexistência na época de uma tabela de pontuação para os docentes utilizarem na promoção acadêmica, gerando baixo interesse no preparo de cursos a serem ofertados”.

4.3.1. Faixa etária dos participantes dos cursos

O público da Semana do Fazendeiro é predominantemente composto por jovens, de acordo com a classificação do IBGE.

Tabela 6: Faixa etária dos participantes dos cursos - 2009-2019

Participantes da Semana do Fazendeiro por Faixa etária													
Número de participantes por faixa etária e ano													
FAIXA ETÁRIA	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	% Média
16 a 19	62	99	126	128	175	172	146	171	124	151	171	1525	11,30
20 a 24	142	181	211	221	228	238	210	252	303	307	275	2568	19,03
25 a 29	86	97	112	115	114	130	135	139	172	144	135	1379	10,22
30 a 34	47	59	72	69	67	77	112	87	102	76	87	855	6,34
35 a 39	55	59	59	59	73	63	85	95	65	70	91	774	5,74
40 a 44	58	64	72	68	82	78	80	71	62	54	56	745	5,52
45 a 49	73	85	74	71	101	94	113	86	79	68	56	900	6,67
50 a 54	87	92	86	96	112	90	121	91	90	83	89	1037	7,68
55 a 59	88	80	95	87	100	110	136	128	108	83	93	1108	8,21
60 a 64	65	71	73	73	93	74	112	93	86	69	89	898	6,65
65 a 69	50	46	43	48	53	43	56	55	57	40	54	545	4,04
70 a 74	31	33	27	29	34	39	43	37	34	34	38	379	2,81
75 a 79	14	13	20	19	22	20	27	24	27	18	18	222	1,65
80+	10	9	9	8	8	8	14	11	9	13	17	116	0,86
Dados Invál.	2	12	17	9	40	48	37	195	22	10	52	444	3,29
TOTAL	870	1000	1096	1100	1302	1284	1427	1535	1340	1220	1321	13495	100%

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - elaboração do autor

Os três segmentos dos jovens (entre 16 e 29 anos) correspondem a média de 40% dos participantes. Contribuem para a média de idade os alunos de escolas agrotécnicas e estudantes regulares da UFV, que participam gratuitamente do evento mediante comprovação de condição de vulnerabilidade socioeconômica, por iniciativa conjunta da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e ocupam as vagas não preenchidas pelos inscritos no evento.

As seis faixas do segmento de adultos (30 a 59 anos) correspondem aos outros 40% de participantes e os idosos a cerca de 16%. Não foi possível identificar a faixa etária de cerca de 4% dos participantes. Observa-se que o número de participantes nas faixas acima de 75 anos é constante. Este público participa do evento como forma de rememorar outros tempos e experiências vividas em grupo, rever amigos e celebrar. Lowenthal²⁶³ afirma que as lembranças coletivas do passado são essenciais para a construção da identidade e esse pode ser o motivo pelo qual essa etária mantém-se presente ao evento.

“Era brincadeira, mas o negócio era sério. A gente vinha para aprender”²⁶⁴. Já trouxe o meu filho e o meu neto.

“Ajudar os produtores rurais a se desenvolverem melhor em suas atividades de modo a melhorarem sua produção e, conseqüentemente, sua vida no campo”.

“Criamos e instalamos a Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro. Implantamos a Semana do Fazendeiro Temática (focamos as palestras no tema e deixamos livre para os diversos cursos)”.

9^a a 15
Julho de 2011
Campus UFV/Viçosa

**82ª Semana
do Fazendeiro**

A Pesquisa Científica
em Diálogo com o Conhecimento Popular

12ª Clínica Tecnológica Cursos Troca de Saberes Leilões e Exposições Estandes diversos Atividades Culturais

www.semanadofazendeiro.ufv.br

Promoção: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
Realização: PEC - PÓS-GRADUAÇÃO DE EXTENSÃO E CULTURA
Informações: Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro, Campus Universitário, Av. Peter Henry Rolfs, 1/16, Divisão de Extensão, sala 110 - 36270-000 - Viçosa - MG. Tel.: (31) 3899 1705 e (31) 3899 2345. E-mail: semanadofazendeiro@ufv.br

²⁶³ LOWENTHAL, D. Op. cit. p. 84.

²⁶⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xKhqsaI-jmY&t=84s>>. Acesso em 22 nov 2022.

4.3.2. Participantes dos cursos por gênero

Outra análise a partir dos dados do Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro diz respeito à divisão dos participantes por gênero. Assim como na zona urbana, na atividade agrícola, a mulher acumula atividades na lavoura, na rotina do lar e no cuidado com os filhos, reproduzindo a desigualdade de gênero. A inserção deste público com a organização da Semana da Mulher Rural, a partir de 2013, em parceria com a Emater-MG representa uma oportunidade para que os temas referentes sejam discutidos em um ambiente de formação e valorização feminina.

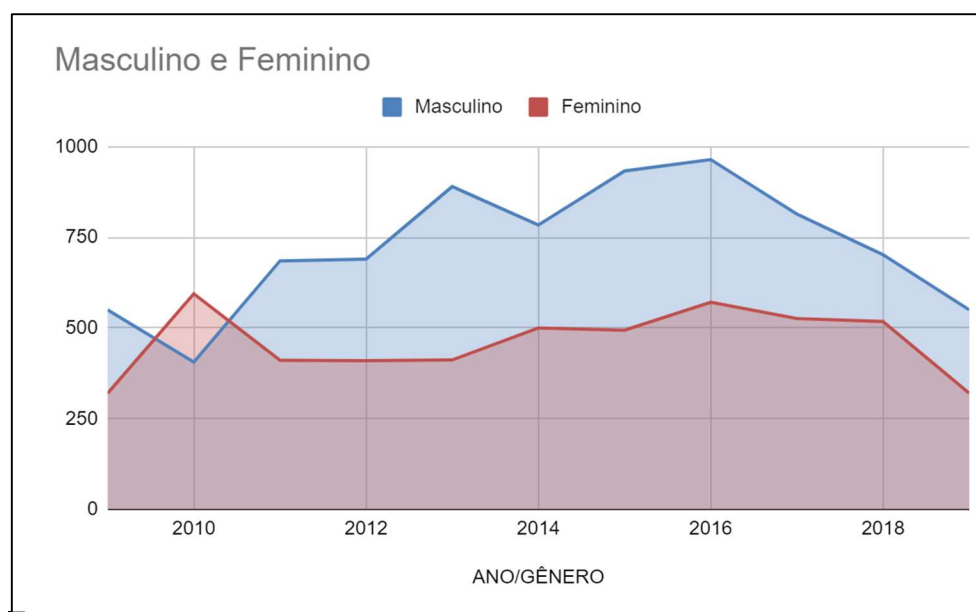
Tabela 7: Participantes inscritos nos cursos por gênero

PARTICIPANTES INSCRITOS NOS CURSOS POR GÊNERO - 2009-2019													
Período/Frequência													
ANO/GÊN	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL	MÉDIA
Masculino	550	406	685	690	890	784	933	964	814	702	780	8198	745
Feminino	320	594	411	410	412	500	494	571	526	518	541	5297	482
TOTAL	870	1000	1096	1100	1302	1284	1427	1535	1340	1220	1321	13495	1227

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

Apesar da média de participação por gênero ser discrepante, a iniciativa da Semana da Mulher Rural garante o crescimento deste público a cada edição do evento, com destaque para a marca de quase 600 mulheres em 2016.

Gráfico 7: Participantes inscritos nos cursos por gênero.



Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro

O gráfico 7 apresenta a evolução da participação entre homens e mulheres, evidenciando que, com pequenas variações, a média de mulheres no evento, embora inferior à de homens, é constante no período analisado. Os relatórios de avaliação do evento apontam que uma limitação à maior participação do público feminino pode ser atribuída à divulgação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PEC PRO-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

7 a 13
Julho de 2012
Campus UFV/Viçosa

Carbono Zero

83ª Semana do Fazendeiro
Inovação e Desenvolvimento Social no Campo

CURSOS DIAS DE CAMPO WORKSHOPS ESCLÍNICA TECNOLÓGICA LEILÕES E EXPOSIÇÕES ESTANDES DIVERSOS ATIVIDADES CULTURAIS TROCA DE SABERES

www.semanadofazendeiro.ufv.br

Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro | Divisão de Extensão, sala 109
Campus Universidade Viçosa, MG - 36570-000
(31) 3899-1701 e 3899-2845 | semanadofazendeiro@ufv.br

“Repassar o conhecimento e contribuir para a formação dos nossos agricultores e em especial, usar melhor os nossos recursos naturais (meio ambiente - uma responsabilidade de todos). Toda a minha formação foi pública e me sinto na obrigação de retribuir mais diretamente à sociedade. E por último amo ensinar/aprender e relacionar-me com pessoas e fazer amigos”.

“Procuramos incentivar a participação maior da Prefeitura de Viçosa [...] bem como de outras instituições de ensino locais. [...] Projeto Lixo Zero que se juntou ao Carbono Zero já existente. Os desafios maiores foram a busca por patrocínios, pois enfrentávamos momentos de cortes orçamentários profundos”.

4.3.3. Participantes da Semana da Juventude Rural

Tabela 8: Participantes da Semana da Juventude Rural - 2009-2019

PARTICIPANTES JUVENTUDE RURAL - 2009-2019													
Período/Frequência													
ANO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL	MÉDIA
Edição	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª		
Núm. Participantes	120	201	150	172	245	186	140	178	164	210	177	1943	177

Fonte: Coordenação do Evento e cadernos de curso - Elaboração do autor.

A Semana da Juventude Rural, realizada a partir de 2009 em parceria com a EMATER-MG, agrega à Semana do Fazendeiro um público composto por cerca de 150 a 200 jovens filhos de agricultores de municípios vizinhos a Viçosa, nas cidades atendidas pelos técnicos desta empresa parceira, da mesma forma como é realizada para o evento Mulher Rural. De acordo com os organizadores²⁶⁵, estes jovens buscam conhecimentos que promovam o aumento da produtividade em suas propriedades, propiciando sua permanência no meio rural, “assegurando

²⁶⁵ UFV - Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2019, p. 11-12.

a sucessão familiar e a sustentabilidade da agricultura familiar”. O evento tem proporcionado o contato com a academia na expectativa de que estimule nos jovens o desejo de aumentar sua capacitação para o enfrentamento das adversidades do modo de vida no campo. Estes jovens chegam de ônibus, vindo das cidades vizinhas, na terça pela manhã e ocupam os alojamentos a partir da tarde da terça, ficando por três dias. A programação deles é constituída de palestras, visitas a departamentos e instalações pedagógicas dos cursos. Após estes anos de parceria da UFV com a EMATER-MG na realização deste evento, seria interessante promover um estudo junto aos egressos para se buscar medir a efetividade desta parceria traduzida em termos de recebimento de alunos oriundos das cidades vizinhas atendidas pela iniciativa da realização deste evento e conhecer a contribuição desta parceria, traduzida em termos de melhorias nas condições de vida deste público e na melhoria de suas propriedades. Por exemplo, verificar quais treinamentos poderiam ser estendidos às cidades vizinhas a Viçosa por meio de atividades de estágio dos discentes, que poderiam inclusive fomentar neles o desejo de realizar cursos técnicos ou superiores.

“A gratificação de vê-los voltando e dando seus depoimentos de que valeu a pena ter feito nossos cursos. Trocar experiência também é uma grande motivação. Aliado a isso, a participação de estudantes da UFV é muito importante para a formação dos mesmos”.

“Conseguimos promover uma grande ampliação da Semana do Fazendeiro, realizando os maiores eventos da SEMFAZ. Especialmente conseguimos torná-la mais inclusiva com a criação de novos eventos paralelos à SEMFAZ, que são: a Semana da Juventude Rural, a Semana da Mulher Rural e a Troca de Saberes. Criação do Projeto Carbono Zero”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PEC PRO-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

14 a 20
Setembro de 2013
Campus Viçosa da UFV

Carbono Zero

84ª Semana do Fazendeiro

Família Rural: a perspectiva da vida no campo

CURSOS DIAS DE CAMPO WORKSHOPS SÍTIO CLÍNICA TECNOLÓGICA LEILÕES E EXPOSIÇÕES ESTANDES DIVERSOS ATIVIDADES CULTURAIS TROCA DE SABERES

www.semanadofazendeiro.ufv.br

Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro
Divisão de Extensão, sala 109 - Campus Universitário, Viçosa, MG - 36570-000
(31) 3899-1701 e 3899-2845 | semanadofazendeiro@ufv.br

4.3.4. Participantes da Troca de Saberes

Tabela 9: Participantes da Troca de Saberes - 2009-2019

PARTICIPANTES TROCA DE SABERES - 2009-2019													
Período/Frequência													
ANO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL	MÉDIA
EDIÇÃO	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª		
Nº Particip.	400	400	400	400	400	400	400	400	600	600	600	5000	455

Fonte: Coordenação do Evento - Elaboração do autor

Realizada desde o ano de 2009, a Troca de Saberes é o evento parceiro da Semana do Fazendeiro que tem início antes mesmo da cerimônia de abertura. A Troca tem início na sexta-feira à tarde e vai até a manhã da terça-feira seguinte. É realizada em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, com a Pró-Reitoria de Ensino, Programa de Extensão Teia, Mutirão Ciranda, Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECO), Assessoria de Movimentos Sociais, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), professores e estudantes de departamentos diversos da UFV, além de Sindicatos de Trabalhadores Rurais de diversos municípios do entorno de Viçosa. Nos dias do evento os participantes se organizam em grupos e percorrem rotas criadas dentro da UFV, nas quais interagem dialogando com professores dos departamentos que apresentam suas pesquisas, alternando entre esta atividade e a participação de debates e plenárias realizadas na tenda central, localizada no gramado lateral ao Edifício Arthur Bernardes. De acordo com os organizadores a Troca de Saberes, o evento²⁶⁶:

objetiva possibilitar uma ecologia de saberes através da ressignificação e reelaboração dos conhecimentos produzidos entre a universidade e a dimensão popular da sociedade. Objetiva ainda identificar e fortalecer as dimensões culturais necessárias à transição agroecológica; estreitar parcerias entre a UFV e os Movimentos Sociais; ampliar os espaços de debate sobre agricultura familiar e agroecológica, e dar visibilidade e inteligibilidade às experiências da Zona da Mata de Minas Gerais, região onde predomina a agricultura familiar.

A figura abaixo mostra a tenda central das instalações da Troca de Saberes, com as barracas da feira e a tenda utilizada para as plenárias. A imagem é da edição do ano de 2018.

²⁶⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2019, p. 10-11.



Figura 26: Instalações da 10ª Troca de Saberes do ano de 2018
Fonte: DCI/UFV

O site do CTA-ZM²⁶⁷, de um dos parceiros do evento, informa que a Troca de Saberes tem como premissa o respeito às religiões, a valorização das línguas e culturas dos povos tradicionais e objetiva a valorização da agroecologia e agricultura familiar como modo de vida. De acordo com os organizadores²⁶⁸, o perfil do participante, é o pequeno agricultor oriundo de várias cidades de Minas Gerais, notadamente da Zona da Mata. São esperados anualmente cerca de 400 participantes para os quatro dias de atividades. O evento é realizado dentro das instalações artístico-pedagógicas feitas com estruturas construídas com bambu, instaladas no gramado que fica entre o alojamento denominado velho e o prédio principal, o edifício Arthur Bernardes. O evento conta ainda com uma feira, na qual os participantes podem adquirir produtos agroecológicos e artesanatos, comercializados num espaço que funciona todos os dias da programação. Outra iniciativa da Troca é a Feira da troca de sementes, que torna possível verificar o processo de adaptação de variados tipos de plantas em diferentes regiões do país. De acordo com Negrão e Cabral²⁶⁹, essa iniciativa:

Fortalece a agroecologia, já que os agricultores resgatam processos de conservação e de uso de cultivares, trocam experiências que têm desenvolvido em suas comunidades e, numa forma de economia solidária, garantem que as sementes continuarão a existir, sem depender de grandes empresas.

²⁶⁷ <https://ctazm.org.br/noticias/troca-de-saberes-movimenta-gramado-escola-da-ufv-566>

²⁶⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2019, p. 11.

²⁶⁹ NEGRÃO e CABRAL, Op. cit., p. 181.

Nesse ambiente, observa-se a coexistência de duas formas de se pensar a agricultura, representadas pelo conjunto de cursos da Semana do Fazendeiro e de determinados expositores de fertilizantes e máquinas agrícolas, de um lado, e das atividades propostas pela Troca de Saberes, do outro. Explicando melhor: de um lado se tem a visão do combate às pragas através do uso de pesticidas, enquanto do outro há o pensamento de se tratar do mesmo problema de uma forma mais natural e sustentável. Em entrevista²⁷⁰ concedida durante a 86ª edição da Semana do Fazendeiro, em 2015, o Engenheiro Agrônomo Eugênio Ferrari, do CTA - Centro de Tecnologias Alternativas, um dos parceiros da Troca de Saberes, frisou que “a agroecologia surge a partir do estudo das agriculturas tradicionais, mas traz também o conhecimento científico, para junto com esse conhecimento de como manejar os ecossistemas você conseguir um tipo de agricultura mais produtiva”. De acordo com ele, há um grande engano de se afirmar que a agroecologia gera uma produtividade menor. Eugênio cita estudos realizados na região da Zona da Mata segundo os quais verificou-se que a qualidade e a produtividade do café produzido em sistemas agroecológicos são muito superiores às do sistema convencional, obtido à base de herbicidas e de adubação química. Outra vantagem citada pelo pesquisador é que no longo prazo essa atividade se mostra mais sustentável. Segundo ele, a alta produtividade obtida através do uso de sementes geneticamente melhoradas e de adubação química só se sustentam no curto prazo, ao passo que do médio para o longo prazo, a tendência dessa produtividade é de queda, exigindo cada vez mais investimentos em insumos, cujo custo aumenta sempre em proporção maior ao valor do produto gerado. Na agricultura denominada “agroecológica” há o compromisso com a prática de uma agricultura natural, sem fertilizantes ou agrotóxicos, na qual o processo de adubação se dá de forma natural, sem agressões ao meio ambiente ou à saúde humana. Além deste contraste em termos de modelos de produção, os encontros da Troca de Saberes têm sido marcados nos últimos anos com manifestações de protesto contra o Agronegócio e contra as políticas antiecológicas dos Governos que sucederam a era progressista experimentada de 2002 até 2016. Tais protestos incomodam a alta administração da UFV, sempre dependente de recursos federais. Porém, como instituição pública deve ser palco de todos os segmentos da sociedade.

²⁷⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Semana do Fazendeiro 2015 - Reportagem 1. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fMoam8Lqd78&t=74s>>. Acesso em 21 nov 2022.



“Possibilidade de socializar e produzir novos conhecimentos acerca dos temas que ministro, com público totalmente diferenciado. [...] as oficinas de contação de histórias e de musicalização infantil interessam a diferentes públicos. Tem sido experiências muito enriquecedoras”.

“Poucos recursos para execução da semana, necessidade de inovar, falta de um espaço na programação para conversa entre o participante e o professor [...] implantação da Clínica Tecnológica, aplicação de questionário de avaliação pelos participantes, mostrando fragilidades e fortalezas da semana.

4.3.5. Participantes Mulher Rural

Tabela 10: Participantes da Semana da Mulher Rural - 2009-2019

PARTICIPANTES MULHER RURAL - 2009-2019									
Período/Frequência									
ANO	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019		
Edição	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	TOTAL	MÉDIA
Nº Particip.	800	1230	1200	1300	1300	1300	1528	8658	1237

Fonte: Coordenação do Evento e caderno de cursos - elaboração do autor

Realizada desde o ano de 2013, numa parceria entre a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e o escritório regional da EMATER, A Semana da Mulher Rural²⁷¹ foi idealizada como forma de promover a valorização da mulher no desenvolvimento do meio rural. O evento propicia a troca de experiências entre as participantes através da organização de novos espaços para a atuação destas mulheres, com a realização de palestras, encontros e atividades recreativas nas quais se busca a construção de novas oportunidades, visando a conscientização sobre a

²⁷¹ UFV - Caderno de cursos da 90ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2019, p. 12.

importância do seu papel na melhoria das condições de vida no meio rural, no desenvolvimento do empreendedorismo e a participação efetiva no processo de transformação da sociedade e da família no meio rural. A EMATER-MG acompanha essas mulheres durante todo o ano em atividades realizadas em suas cidades de origem, nas quais possui programas destinados a elas.

O evento iniciou com um contingente de oitocentas mulheres, subindo para mil duzentos e trinta no ano seguinte. As edições de 2016 a 2018 mantiveram o quantitativo de mil e trezentas participações e o pico de participantes é verificado por ocasião da 90ª edição. A média de participações supera mil pessoas. Elas participam de uma programação pensada para que tenham um dia de reflexão a respeito da importância e da relevância de seu trabalho junto à família no campo. Ao longo do ano a EMATER-MG realiza essas mulheres encontros e capacitações, cursos na área de processamento de alimentos, entre outras atividades. No evento tomam conhecimento de outras possibilidades de capacitação e têm a oportunidade de retornar para realizar cursos. Já durante a Semana do Fazendeiro elas não têm tempo para participar dos cursos. Isso acontece, inicialmente, por problema de logística, uma vez que saem muito cedo de casa e têm de retornar no mesmo dia. A permanência no evento não dura mais do que oito horas e retornam às suas casas. A dinâmica do encontro delas resume-se a um conjunto de duas palestras, sendo uma na parte da manhã e outra após o almoço, finalizando com um passeio pela feira e retorno de volta às suas casas. Abaixo, um registro fotográfico das participantes da sétima edição do evento, realizada no ano de 2019, saindo do Centro de Vivência para visita à feira.



Figura 27: Participantes da Semana da Mulher Rural do ano de 2019

Fonte: DCI/UFV

“Eu gosto. Eu transmito para as pessoas e também aprendo com elas”.

“Neste período para ampliar os cursos de demanda social foi feito um convite para a EMATER-MG oferecer cursos conforme proposição previamente encaminhada à PEC e submetida ao conselho técnico para decisão final”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

PEC PRO-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

carbono zero

86ª Semana do Fazendeiro

Campo e Cidade: diálogo para um futuro sustentável

12 a 18 julho de 2015

CURSOS DIAS DE CAMPO WORKSHOPS 1ª CLÍNICA TECNOLÓGICA LEILÕES E EXPOSIÇÕES ESTANDES DIVERSOS ATIVIDADES CULTURAIS TRUCA DE SABERES

www.semanadofazendeiro.ufv.br

Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro
Divisão de Extensão, Sala 103 - Campus Universitário, Viçosa, MG - 36570-900
(31) 3889-1701 e 3889-2845 - semanadofazendeiro@ufv.br

4.3.6. Cursos oferecidos: relação Centros de Ciências x Parceiros

Tabela 11: Cursos oferecidos pelos Centros de Ciência, parceiros Internos e Externos - 2009-2019

CENTROS DE CIÊNCIAS e PARCEIROS (Órgãos internos e externos) - 2009-2019													
Período/Frequência													
ANO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL	%
Centros de Ciência	96	129	139	151	140	161	152	144	155	154	186	1607	56,0
Órgãos Internos	9	28	7	9	74	76	75	64	110	55	51	558	19,0
Parceiros Externos	39	34	48	48	43	60	71	69	87	97	128	724	25,00
TOTAL	144	191	194	208	257	297	298	277	352	306	365	2889	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro – Elaboração do autor.

Os cursos da Semana do Fazendeiro são organizados e ministrados por três grupos distintos: os Centros de Ciência da UFV, os parceiros internos da Universidade ligados aos departamentos, e os parceiros externos. Os Centros de Ciências são órgãos que administram o exercício simultâneo das atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFV e, de acordo com Negrão e Cabral²⁷², tais unidades, “respeitam as normas legais, estatutárias, regimentais e as resoluções dos órgãos colegiados”, sendo eles: O Centro de Ciências Agrárias (CCA), o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE), o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB) e o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH). Os parceiros internos, são órgãos da UFV subordinados aos departamentos, como o PDPL, vinculado aos Departamentos Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia da UFV, o Grupo Entre Folhas, do Departamento de Fitotecnia e o Programa Carbono Zero, vinculado ao Departamento de Engenharia Florestal. Os parceiros externos são entidades públicas ou privadas que prestam assistência técnica ao produtor rural na região de Viçosa, como o SENAR, a EMATER-MG, o IMA, a EPAMIG e o IEF. O quantitativo de cursos a cada edição é crescente, e graças às parcerias, a multiplicidade de oportunidades de treinamento, agregada à proposta inicial de cursos oferecidos pelos centros de ciências, totalizam quase três mil cursos no período analisado.

Os centros de ciência são responsáveis pelo maior número de cursos do evento. Os parceiros internos, apesar do crescimento da oferta de cursos registrada, nas últimas edições ofereceram menos da metade dos cursos na edição de 2017. Esta queda expressiva deve-se ao encerramento da parceria com a UFV-TEC no oferecimento das Oficinas Tecnológicas, que passaram a ser responsabilidade da Divisão de Extensão da PEC, sob a denominação de

²⁷² NEGRÃO e CABRAL, Op. cit. p. 174.

Conversas com o Especialista. Por outro lado, a parceria estabelecida com a UNIVIÇOSA, a partir de 2017, associada ao incremento no número de cursos de parceiros como EMATER, SENAR e IMA refletiu no aumento de cursos oferecidos por esse segmento. Ainda assim, os centros de ciência respondem por mais da metade dos cursos, os parceiros internos respondem por cerca de 20% da oferta, cabendo aos parceiros externos um quarto deste total.

O processo de registro de cursos oferecidos a cada edição da Semana do Fazendeiro é efetuado por meio do Sistema de Gerenciamento²⁷³ do evento, nas seguintes etapas: 1. parceiros internos e externos encaminham suas propostas de cursos, 2. Departamentos vinculados aos centros de ciências da UFV registram as propostas de cursos, 3. A organização do evento registra os coordenadores das Conversas com Especialistas e 4. O sistema compila as informações e gera a primeira versão do caderno de cursos, com número de vagas disponíveis. Funcionários da Secretaria Permanente realizam a conferência dos dados lançados, enviando a seguir o documento para impressão.

Tabela 12: Vagas oferecidas x ocupadas em cursos da Semana do Fazendeiro - 2009-2019

	TOTAL VAGAS DISPONIBILIZADAS X VAGAS OCUPADAS EM CURSOS (UFV-PARCEIROS INTERNOS E EXTERNOS)											
	Período/Frequência											
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	% méd
TOT VAGAS	4644	6264	6340	7346	7140	8353	8637	7511	8882	8461	8846	
OCUPADAS	3522	4771	5416	6149	5464	5382	7072	6796	7042	6176	6580	
RESTANTES	1122	1493	924	1197	1676	2971	1565	715	1840	2285	2266	
% REST	0,24	0,24	0,15	0,16	0,23	0,36	0,18	0,10	0,21	0,27	0,26	0,22

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

A tabela 12 apresenta o número de vagas em cursos oferecidos entre 2009 e 2019, com os quantitativos de ocupadas e não preenchidas. No ano de 2016 registrou-se a melhor relação vagas oferecidas x ocupadas, com 10% de ociosidade, mas essa marca chegou a 27% em 2018. A média de vagas ociosas no período estudado foi de 22%. A organização do evento busca minimizar tal situação, disponibilizando essas vagas para alunos regulares da UFV. Um fator que contribuiu para o aumento de vagas não ocupadas a cada edição foi o aumento do número de cursos oferecidos, enquanto que o de participantes não aumentou na mesma proporção, conforme demonstra a tabela a seguir.

²⁷³ Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro. Disponível em <https://www2.dti.ufv.br/semana_fazendeiro/scripts/index1.php> Acesso em 8 jun. 2022.

Tabela 13: Cursos oferecidos x número de participantes - Semana do Fazendeiro - 2009-2019

CURSOS OFERECIDOS x PARTICIPANTES INSCRITOS												
Período/Freqüência												
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	% méd
CURSOS	144	191	194	208	257	297	298	277	352	306	365	263
PARTICIP	870	1000	1096	1100	1302	1284	1427	1535	1340	1220	1321	1227
VAGA/PARTIC	6,04	5,24	5,65	5,29	5,07	4,32	4,79	5,54	3,81	3,99	3,62	4,85

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

A tabela 13 mostra que enquanto o número de cursos oferecidos mais do que dobrou no período, as inscrições cresceram pouco mais de 50%, explicando o insistente percentual de vagas ociosas. O empenho dos Departamentos em oferecer mais cursos a cada ano precisa ser acompanhado por uma ação da universidade em direção à divulgação. O relatório de avaliação do evento de 2019²⁷⁴ elaborado junto a uma amostra do público, aponta que “em relação ao meio pelo qual os participantes ficaram sabendo da Semana do Fazendeiro, a composição dos dados totais demonstra que 46% deles tomaram conhecimento da Semana do Fazendeiro por algum parceiro do evento, 8% por redes sociais, 2% demais opções, enquanto 44% ficaram sabendo por outras formas. Dessas “outras formas”, das quais apenas 14% está relacionada à divulgação feita pela UFV.

²⁷⁴ SECRETARIA PERMANENTE DA SEMANA DO FAZENDEIRO - Relatório de Avaliação da 90ª Semana do Fazendeiro. 2019. Pág 51-52.

“É uma atividade das mais prazerosas aqui na UFV”.

“Estes produtores e professores e técnicos almoçavam no local do Dia de Campo, tudo pago pela Pró-Reitoria. Isto era importante, porque, além de criar um ambiente de descontração, servia de complementação do aprendizado”.

4.3.7. Cursos oferecidos pelos Centros de Ciências/Departamentos

Na distribuição por centro, o CCA aparece em destaque, sendo responsável por mais da metade dos cursos oferecidos no evento. Essa proporção é justificada por ser este o centro afeito às pesquisas e experimentos do setor agrário, que abrange os Departamentos de Agronomia, Economia Rural, Engenharia Agrícola, Engenharia Florestal, Fitopatologia, Solos e Zootecnia.

Tabela 14: Cursos oferecidos pelos Centros de Ciências da UFV - 2009-2019

CURSOS OFERECIDOS PELOS CENTROS DE CIÊNCIAS DA UFV													
Período/Frequência													
ANO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	%
CCA	31	61	64	80	65	84	71	75	94	93	113	831	51,70
CCB	32	36	43	37	37	35	38	38	35	34	39	404	25,10
CCH	17	14	15	25	25	24	20	12	11	12	9	184	11,40
CCE	16	18	17	9	13	18	23	19	15	15	25	188	11,70
TOTAL	96	129	139	151	140	161	152	144	155	154	186	1607	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

Em segundo lugar aparece o CCB, com 25% dos cursos oferecidos, seguido dos dois outros centros com participação praticamente idêntica, mas ainda assim, expressiva no cômputo geral. O CCB abriga os departamentos dos vários segmentos da Biologia, Entomologia, Bioquímica, além dos departamentos de Educação Física, Microbiologia e de Nutrição e Saúde. Junto com o CCA, este centro responde por dois terços dos cursos oferecidos pela UFV aos participantes do evento. A demanda por cursos do CCE e do CCH é menor devido à natureza dos cursos buscados pelos participantes da Semana do Fazendeiro, por não fazer parte do escopo destes centros de ciências. A tabela 15 a seguir mostra os quantitativos de cursos oferecidos pelos Departamentos do CCA.

Tabela 15: Cursos oferecidos pelos Departamentos do CCA-UFV - 2009-2019

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA														
Período/Frequência														
DEPTOS.	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	%	Acum.
DZO	4	13	19	27	22	30	22	29	37	46	53	302	0,363	0,363
DFT	5	14	15	16	10	15	23	12	21	12	17	160	0,193	0,556
DEA	9	11	11	19	13	17	13	14	8	10	16	141	0,170	0,726
DEF	4	13	10	10	8	8	6	8	10	9	9	95	0,114	0,840
DPS	6	6	5	3	3	4	5	7	14	10	11	74	0,089	0,929
DER	2	1	3	5	8	9	1	5	4	6	7	51	0,061	0,990
DFP	1	3	1	0	1	1	1	0	0	0	0	8	0,010	1,000
TOTAL	31	61	64	80	65	84	71	75	94	93	113	831	1,000	

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

A tabela 15 detalha a participação do CCA, com destaque para o DZO - Departamento de Zootecnia, em termos de oferecimento de conteúdos, seguido pelo de Fitopatologia. Somados, os quatro primeiros departamentos são responsáveis por mais de 80% dos cursos oferecidos pelo centro. Os Departamentos de Zootecnia (DFT), de Fitopatologia (DFP) e de Engenharia Agrícola (DEA) são responsáveis por alguns dos cursos cujas vagas se esgotam no início das inscrições, por oferecer conteúdos que fora da universidade teriam custos elevados. O DZO ministra, por exemplo, os cursos de “Inseminação artificial em bovinos”, “Biotécnicas aplicadas à reprodução do macho bovino”, “Cria e cria intensiva de bovinos de corte” e “Criação de galinhas caipiras”, dentre outros. O DFT oferece conteúdos como “Adubação verde”, “Rotação e consorciação de culturas”, “Citricultura de mesa”, “Certificação orgânica”, “Homeopatia na agricultura familiar”, “Manejo de plantas daninhas na cultura do café”, “Produção de cana de açúcar”, dentre outros. Já o DEA oferece cursos como “Barragem de terra de pequeno porte”, “Biomassa como fonte de energia renovável”, “Fertirrigação”, “Sistemas de irrigação para agricultura familiar”, dentre outros. Juntos, estes três departamentos são responsáveis por quase dois terços dos conteúdos do Centro de Ciências Agrárias-CCA, de um total de 831 cursos ofertados no período.

A tabela 16, a seguir, mostra os quantitativos de cursos oferecidos pelos Departamentos do CCB.

Tabela 16: Cursos oferecidos pelos Departamentos do CCB-UFV - 2009-2019

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CCB														
Período/Frequência														
DEPTOS.	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	%	Acum.
DBA	15	18	20	11	9	6	9	8	10	10	9	125	0,309	0,309
DVT	3	5	7	7	5	8	7	7	6	8	12	75	0,186	0,495
DDE	0	0	0	6	12	12	10	11	11	12	11	85	0,210	0,705
DBV	4	3	4	4	5	5	7	6	4	1	4	47	0,116	0,822
DBB	1	3	2	1	2	2	2	2	2	2	0	19	0,047	0,869
DEM	0	1	5	5	1	0	0	0	0	0	0	12	0,030	0,899
DES	2	2	2	2	1	0	0	0	0	0	0	9	0,022	0,921
DMB	2	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	13	0,032	0,953
DNS	4	2	0	0	1	1	2	2	0	0	2	14	0,035	0,988
DBG	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	5	0,012	0,911
TOTAL	32	36	43	37	37	35	38	38	35	34	39	404	1,000	

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

A tabela destaca o Departamento de Biologia Animal, responsável por 30% dos cursos do CCB. Outro destaque é o Departamento de Entomologia (DDE), responsável pelos cursos de controle de pragas, oferecidos a 11 turmas por edição do evento, em média, num total de 85 cursos entre 2013 a 2019. Quatro dos 10 departamentos deste Centro são responsáveis por 80% dos cursos oferecidos. A participação deste Centro vai além da oferta de cursos, com a atuação do DEM - Departamento de Medicina junto à Comissão de Assuntos Comunitários da Semana do Fazendeiro, nos serviços de enfermagem e de atendimentos ambulatoriais e dos departamentos DBA, DVT, DDE e DBV responsáveis pela Mini Fazenda desde 2017.

A tabela 17 a seguir mostra os quantitativos de cursos oferecidos pelos Departamentos do CCH.

Tabela 17: Cursos oferecidos pelos Departamentos do CCH-UFV - 2009-2019

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH													
Período/Frequência													
DEPTOS.	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	%
DED	13	8	11	23	21	18	14	7	8	5	6	134	72,80
DPE	1	4	4	1	2	0	3	3	2	1	2	23	12,50
DAH	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	2,20
DCS	0	0	0	1	1	2	1	0	0	0	0	5	2,70
DPD	1	0	0	0	0	2	1	1	1	3	0	9	4,90
DLA	0	0	0	0	1	1	1	1	0	3	1	8	4,30
DEE	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0,50
DAD	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
DCM	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
DGE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
DHI	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
TOTAL	17	14	15	25	25	24	20	12	11	12	9	184	100,00%

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

O Departamento de Economia Doméstica é responsável pela constante participação do CCH, com conteúdos que abordam a produção e conservação do vestuário, e técnicas de trabalhos artesanais com tecido e outros materiais, tais como “Patchwork sem costura”, “Quadro decorativo reutilizando retalhos”, “Técnicas em dobradura de toalhas e tingimento com corantes naturais”, elaborados pelo projeto de extensão Fazendo Arte, que dentre os seus objetivos estão a promoção e disseminação do conhecimento dos métodos e técnicas de modelagem, confecção ou produção de artesanato têxtil, estímulo as competências para a

atividade produtiva autônoma para fins de consumo ou incremento da renda familiar, também tem despertado nos participantes idosos da Semana do Fazendeiro, em sua maioria mulheres, o aprendizado de uma nova atividade, proporcionando entretenimento, sociabilidade e melhoria na qualidade das relações familiares, de acordo com artigo de Saraiva, Stolk, Pereira e Bartolomeu²⁷⁵.

Tabela 18: Cursos oferecidos pelos Departamentos do CCE-UFV - 2009-2019

CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS - CCE													
Período/Frequência													
DEPTOS.	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	%
DTA	4	9	5	3	6	9	12	13	9	8	20	98	52,10
DMA	8	4	3	3	2	2	2	1	1	1	1	28	14,90
DEP	3	3	4	1	0	1	2	0	0	0	0	14	7,40
DEQ	1	1	0	0	3	3	3	2	2	4	2	21	11,20
DEC	0	0	4	1	2	1	1	1	1	2	2	15	8,00
DEL	0	0	0	1	0	2	3	2	2	0	0	10	5,30
DAU	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1,10
DPI	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
DET	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
DPF	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
TOTAL	16	18	17	9	13	18	23	19	15	15	25	188	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

Ainda que nem todos os seus departamentos ofereçam cursos para a Semana do Fazendeiro no período analisado, o CCE tem como destaque o Departamento de Tecnologia de Alimentos, que, assim como os parceiros EMATER-MG e o SENAR, organizam os cursos de processamento de alimentos, respondendo por mais da metade dos conteúdos oferecidos pelo Centro. Cursos muito procurados por pessoas interessadas em expandir ou regularizar uma pequena produção que já iniciaram, ou na qual viram potencial de incremento da renda familiar. Nos demais departamentos há potencial para aumento no oferecimento de cursos, que pode ser explorado pela organização do evento. Podem ser formatadas propostas de cursos especialmente nos departamentos de Engenharia Civil, Química, Arquitetura e Urbanismo e

²⁷⁵ A IMPORTÂNCIA DO “FAZER ARTESANATO” PARA O ENVELHECIMENTO ATIVO. Disponível em <http://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO_EV075_MD2_SA8_ID2112_20092017213836.pdf>. Acesso em 19 nov 2022.

Engenharia Elétrica, por exemplo. Deste último departamento, inclusive, poderiam ser oferecidos cursos que não fazem mais parte da grade de conteúdos que eram oferecidos por um parceiro externo (UNESP), que foram descontinuados a partir do ano de 2016.

“A maior motivação é o carinho e a valorização que os cursistas nos dão de retorno. Dá muito trabalho preparar os materiais para os cursos, mas é muito gratificante o tempo de sala de aula, com as atividades práticas”.

“A necessidade contínua de recursos financeiros e suporte de pessoal também são desafios constantes. As maiores conquistas foram: conseguir manter a SemFaz como evento de excelência, inclusão de atividades virtuais na programação”...



4.3.8. Cursos: conteúdos oferecidos por órgãos internos da UFV

Além dos Centros de Ciências da UFV, outros órgãos internos, como o Programa Carbono Zero do DEF, oportunizam oferecimento de cursos junto à Semana do Fazendeiro. O Grupo Entre Folhas do Departamento de Fitotecnia e o PDPL também oferecem cursos, assim como algumas das nossas Pró-Reitorias, como é o caso da PEC, cuja Divisão de Extensão (DEX) assumiu a coordenação das Clínicas Tecnológicas com o fim do convênio UFV-Tec mantido com o SEBRAE, em 2016, passando a oferecer a partir do ano de 2017 as “Conversas com Especialista”, nos mesmos moldes anteriores, ou seja: “oferecer serviço de orientação coletiva sobre determinada subárea temática, trabalhada por meio de técnicas de exposição oral, interação do grupo, simulações e experimentações²⁷⁶”. Segue quadro abaixo:

²⁷⁶ UFV - Caderno de cursos da 89ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2018, p. 73.

Tabela 19: Cursos oferecidos pelos Órgãos Internos da UFV - 2009-2019

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR ÓRGÃOS INTERNOS DA UFV													
	Período/Frequência												
ÓRGÃOS INTERNOS UFV	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOT	%
DEX	1	12	1	1	11	11	10	2	103	44	43	239	42,80
PDPL/PCPL	4	1	3	1	1	6	6	1	1	1	1	26	4,70
COLUNI	0	1	2	2	3	1	1	0	1	0	0	11	2,00
CEC	0	0	0	4	2	2	1	0	0	0	0	9	1,60
CAMPUS R. PARANAÍBA	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	1,40
DAC	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0,40
GRUPO ENTRE FOLHAS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	2	6	1,10
PEC	0	10	0	0	0	0	0	4	4	5	4	27	4,80
PPG	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	1	5	0,90
PRE	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0,20
UFV-Tec	0	0	0	0	56	56	56	56	0	0	0	224	40,10
TOTAL	9	28	7	9	74	76	75	64	110	55	51	558	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

Nos órgãos internos destaca-se a Divisão de Extensão, responsável pelas Conversas com Especialista. A tabela acima mostra que o PDPL é constante na oferta de cursos. Este órgão também participa da organização e realização do Torneio Leiteiro.

O Centro de Excelência do Café - CEC, deixou de oferecer seus cursos de Classificação e Degustação de Café desde o ano de 2016. Já o campus de Rio Paranaíba da UFV, que realiza também nos meses de julho a Semana do Produtor Rural, figura com duas contribuições. Uma das razões pode ser por conflito de agenda de seus professores, devido ao evento realizado neste outro campus da UFV.

A Divisão de Assuntos Culturais – DAC, que já ofereceu cursos, atualmente é a responsável pela programação cultural do evento, que inclui os shows, apresentação do Coral, exibição de filmes e a cerimônia de abertura. Destaca-se aqui a importância do evento na vida da cidade, ao promover durante uma semana tanto os treinamentos, quanto o incremento do

comércio, e também atividades de entretenimento para crianças, jovens e adultos. A programação é divulgada na cidade pelo rádio e pelo jornal²⁷⁷.

O Grupo Entre Folhas, do Departamento de Fitopatologia, oferece os cursos de “Cultivo e processamento de plantas medicinais” e “Produção de licores artesanais”. Já a PEC, figura neste quadro devido às “Conversas com Especialista” que são oferecidas por um servidor da Divisão de Extensão, responsável por pelo menos quatro destas atividades a cada ano. PEC, PPG e PRE têm reduzido participação.

O segundo maior número desta série pertencia à UFV-Tec, cujo convênio com o SEBRAE foi extinto no ano de 2016. Os órgãos internos da UFV foram responsáveis pelo oferecimento de um total de 558 atividades de treinamento dentro do período em análise, que vão somar-se às outras 724 atividades oferecidas pelas instituições parceiras mostradas no quadro a seguir.

PROMOÇÃO:
UFV
Universidade Federal de Viçosa

REALIZAÇÃO:
PEC
PRO-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA

89ª SEMANA DO FAZENDEIRO
ÁGUA: USO E CONSERVAÇÃO
14 A 20 DE JULHO DE 2018
CAMPUS VIÇOSA-MG

10ª SEMANA DA JUVENTUDE RURAL
17 A 20 DE JULHO DE 2018

6ª SEMANA DA MULHER RURAL
16 A 18 DE JULHO DE 2018

www.semanadofazendeiro.ufv.br
Secretaria Permanente da Semana do Fazendeiro
Divisão de Extensão, sala 109 - Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-900
(31) 3899-1701 e 3899-2845 | semanadofazendeiro@ufv.br

Logos: APRE, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Estado de Minas Gerais; Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais; Instituto Mineiro de Agropecuária; Instituto Estadual de Floresta; PAD; FACEV; Centec; UNIVICOSA; SENAR; 25 ANOS; CAFES; VICOSSA; UFV.

“Dar retorno à sociedade pelo investimento na minha formação através dos seus impostos, ampliando seu conhecimento sobre assuntos relativos, principalmente, à ornitologia, uso racional da fauna e conservação da natureza em geral”.

“Desafios: à época, total falta de recursos. Conquistas: Consolidação da Clínica Tecnológica em parceria com o SEBRAE e a Feira de Artesãos de Viçosa e região”.

²⁷⁷ JORNAL FOLHA DA MATA - Programação da 92ª Semana do Fazendeiro. Disponível em <<https://www.folhadamata.com.br/ufv/noticias/programacao-da-92a-semana-do-fazendeiro-comeca-neste-sabado-13>>. Publicado em 12/08/2022. Acesso em 30 nov 2022.

4.3.9. Cursos: conteúdos oferecidos pelas instituições parceiras externas

Tabela 20: Cursos oferecidos pelos Parceiros Externos da UFV - 2009-2019

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PARCEIROS EXTERNOS DA UFV													
ÓRGÃOS PARCEIROS	Período/Frequência											TOTAL	%
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019		
EMATER-MG	29	27	31	29	28	30	36	34	36	48	63	391	54,00
SENAR	6	5	5	6	7	14	19	22	29	41	34	188	26,00
UNESP	0	0	8	8	4	7	6	0	0	0	0	33	4,60
EPAMIG	0	0	1	1	1	1	4	6	5	4	5	28	3,90
IEF	0	0	0	0	0	1	2	2	1	1	1	8	1,10
IMA	0	0	1	3	3	2	2	2	3	4	14	34	4,70
SAAE	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	3	0,40
SISEMA/IGAM/ SEMAD	2	0	0	0	0	2	1	2	0	0	0	7	1,00
EMBRAPA	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,10
MAPA	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0,10
NUCCORTE	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0,30
RNPV	1	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0,70
SESI-FIEMG- FAEMG	0	0	0	0	0	0	0	2	1	2	0	5	0,70
UNIVIÇOSA	0	0	0	0	0	0	0	0	15	9	12	36	5,00
CEJUSC/TJMG	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	0,30
FAEMG	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4	6	0,80
CANCELADO	0	0	0	0	0	0	0	-2	-3	-15	-6	-26	-3,60
TOTAL	39	34	48	48	43	60	71	69	87	97	128	724	100,00

Fonte: Sistema de Gerenciamento da Semana do Fazendeiro - Elaboração do autor

O quadro acima traz a relação das instituições parceiras que ofereceram cursos na Semana do Fazendeiro, no período em análise. Algumas delas, como a UNESP - Universidade Estadual Paulista, figura em posição de destaque, pelo quantitativo de cursos oferecidos e pela relevância e atualidade dos temas abordados como “Aquecedor solar de água de baixo custo para higiene pessoal, cozinhar, lavar vasilhas e roupas”, “Bomba d’água como motor elétrico”, “Carneiro hidráulico para bombear água”, “Iluminação elétrica de baixo consumo”, “Elaboração de projetos econômicos de residências rurais utilizando placas de concreto ou tijolos”. A mais recente parceria com a UNIVIÇOSA, escola privada de ensino superior da

cidade, elevou o número de cursos oferecidos. Os parceiros externos foram responsáveis 724 (setecentos e vinte e quatro cursos). Os demais órgãos listados nesta tabela tiveram participação pontual, oferecendo conteúdos em edições nas quais participaram com patrocínios para o evento, como é o caso por exemplo de EMBRAPA, MAPA e SEMAD. Parcerias que não foram renovadas. O Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais (CEJUSC-TJMG) é outro parceiro recente, que tem oferecido o curso de “Mediação e administração de conflitos”.

Se nos primeiros tempos da Semana do Fazendeiro os cursos, dias de campo e outros conteúdos oferecidos pertenciam majoritariamente à área das ciências agrárias, com o passar dos anos e com a criação na UFV de novos departamentos e cursos das demais áreas do conhecimento, ampliou a gama de conteúdos oferecidos foi-se ampliando no intuito de alcançar novos públicos, notadamente a partir da criação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, em 1996 quando foi oficializada a concentração das atividades de extensão nos departamentos, ficando a PEC com a responsabilidade da gestão e registro destas atividades. Com a transição do público do tradicional fazendeiro para o pequeno agricultor familiar, notadamente a partir dos anos 2000, o esforço dos Centros de Ciências da UFV, somados à inserção de parceiros internos e externos contribuíram para a oferta de mais cursos voltados para aumento da produtividade, incremento da renda familiar, qualidade de vida no campo e sustentabilidade, propiciando um alinhamento do evento ao cenário atual, fortalecendo sua continuidade.

4.4. Semana do Fazendeiro: patrimônio cultural de ciência e tecnologia da UFV



“Interação com os produtores rurais e visitantes”.

“Durante a nossa gestão, todo o recurso financeiro para a realização da semana foi buscado, através de inscrições, vendas de estandes, projetos aprovados em órgãos federais, além de parcerias público-privadas. Quanto à inovação de treinamentos [...] o Dia de Campo, que é uma metodologia de extensão muito eficiente na divulgação de tecnologias”.

A expressão patrimônio cultural aglutina um substantivo e um adjetivo. Em linguagem contábil, a palavra patrimônio refere-se a um conjunto de bens, direitos e obrigações, passíveis de avaliação pecuniária. Traduz, portanto, a noção de riqueza, aliada à de conjunto, denotando ser composto de mais de um elemento. Mendes²⁷⁸ afirma que “patrimônio era aquilo que se herdava”; implica, por conseguinte, a ideia de herança. E esta ideia de herança - que carrega os nexos de continuidade, de entrega e recebimento, de tradição... ação de passar algo às mãos de alguém”, nos permite compreender a ideia do que seja patrimônio cultural. A fim de ampliar esse conceito, o autor relaciona a expressão “patrimônio cultural” com o verbete “heritage” emprestado da língua inglesa, no intuito de evidenciar que essa herança cultural traz a afirmação de que somos, antes de tudo, herdeiros, quer queiramos ou não. Quando chegamos a este mundo, de acordo com esta visão, herdamos as conquistas daqueles que nos precederam, “do

²⁷⁸ MENDES, António Rosa. O que é património cultural. Lisboa. 2012. p. 11.

pretérito atrás de nós acumulado²⁷⁹” e conclui que “todos somos herdeiros” e que “o patrimônio cultural é a nossa herança cultural²⁸⁰”.

Handfas, Granato e Lourenço²⁸¹, estendem o conceito de patrimônio cultural, introduzindo ao tema, o patrimônio produzido pela área da ciência e tecnologia, definido como “tudo o que se preserva para gerações futuras originado da produção de conhecimento científico e tecnológico relacionado à aventura do homem para desvelar o desconhecido em sua busca incessante por novas interpretações e representações científicas do mundo e da vida.”

Fonseca²⁸² registra que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, retrata como patrimônio cultural brasileiro, dentre outros, “as criações científicas, artísticas e tecnológicas”, incluídas a partir de então no conjunto dos bens de natureza material e imaterial considerados como patrimônio cultural do País.

Apesar de ser incluído na Carta Magna, o conceito de patrimônio cultural de ciência e tecnologia é desconhecido tanto no Brasil quanto no exterior, de acordo com Granato e Lourenço²⁸³.

Desde 1992, a UNESCO manifestou preocupação em relação ao patrimônio cultural de ciência e tecnologia a partir do objetivo de promover a conscientização da comunidade internacional de que os documentos históricos e científicos são elementos integrantes e edificadores da cultura, devendo assim ser tratados como patrimônio. De acordo com Grimaldi²⁸⁴, a partir de então, foi desenvolvido em 1993 o programa *Memory of the world*, com o objetivo de “preservar tais elementos culturais e proporcionar o acesso irrestrito da sociedade aos itens patrimoniais”.

As informações, quando elevadas à categoria de patrimônio, exigem práticas de preservação e acesso mais amplas e eficazes, pois estão envolvidas em uma categoria que engloba uma sociedade ou grupo social, deixando de ser individual e passando a ser coletivo.

²⁷⁹ MENDES, António Rosa. Op. cit. p. 13.

²⁸⁰ MENDES, António Rosa. Op. cit. p. 13.

²⁸¹ HANDFAS, Ethel Rosemberg; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Martha Catarino. O patrimônio cultural universitário de ciência e tecnologia. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 9, n. 2, 2016.

²⁸² FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, v. 28, p. 59-61, 2003

²⁸³ GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Martha. Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade. *Revista Memória em Rede, Pelotas*, vol.2, n.4, p.86 dez. 2010 / mar. 2011.

²⁸⁴ GRIMALDI, Stphanie Sa Leitao. *Memória da ciência e da tecnologia: preservação do patrimônio cultural brasileiro*. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. p. 20.

Grimaldi buscou evidenciar a importância de estudos destinados à salvaguarda da memória social do país relacionada ao tema da Ciência e Tecnologia. A iniciativa da UNESCO, de acordo com a autora, foi adotada no Brasil a partir de 2004 com o programa *Memória do Mundo* que iniciou ações de preservação “em coleções de grandes nomes públicos, estudiosos e órgãos do poder”. Ainda segundo a autora, após alguns anos notou-se a necessidade da preservação dos dados resultantes das pesquisas que estavam sendo produzidas e disseminadas, pois o que era produzido acabava se perdendo devido às ações proteção das informações, deixando, portanto, de fazer parte dos anais da memória da Ciência e Tecnologia do país. A solução para esse impasse, segundo Grimaldi²⁸⁵, deu-se na elaboração pelo CNPq do relatório da Política Nacional de Memória da Ciência e da Tecnologia, com o intuito de estabelecer parâmetros de curadoria para este tipo de patrimônio cultural, sugerindo ainda a criação de uma política nacional para a memória científica. A publicação do referido relatório despertou a atenção dos museógrafos para a “necessidade da preservação dos artefatos da Ciência e da Tecnologia para o futuro da história da ciência,” no entanto, Kunzler, Novaes, Machado e Ponciano²⁸⁶ apontam que:

O patrimônio cultural de ciência e tecnologia no Brasil possivelmente apresenta como principal problema de seu desconhecimento a combinação entre dois fatores: a baixa atividade efetiva de preservação da memória científica e tecnológica brasileira, no âmbito das políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Inovação, e a dificuldade da área de cultura de considerá-lo como produto cultural. Este último fato está presente mesmo entre os pesquisadores que utilizam os suportes de pesquisa cotidianamente, provocando uma perda imensurável de bens patrimoniais de ciência, devido ao descarte de instrumentos científicos e diversos tipos de documentos, além da constituição de coleções mal documentadas e precariamente conservadas.

De acordo com Granato²⁸⁷, patrimônio de ciência e tecnologia engloba o:

Conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além de todos aqueles objetos (inclusive documentos em suporte de papel), coleções arqueológicas, etnográficas e espécimes das coleções biológicas que são testemunhos dos processos científicos e do desenvolvimento tecnológico. Também se incluem nesse grande conjunto as construções arquitetônicas

²⁸⁵ GRIMALDI, Stphanie Sa Leita. Op. cit. p. 24.

²⁸⁶ KUNZLER, NOVAES, MACHADO e PONCIANO. **Coleções paleontológicas como proteção do patrimônio científico brasileiro**. III Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C&T, 2014. p. 385.

²⁸⁷ GRANATO, M. **Panorama sobre o patrimônio de Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C&T**. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. **Cultura material e patrimônio de ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 79.

produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos.

Por ser um campo pouco difundido no Brasil, patrimônio cultural de ciência e tecnologia ser um campo ainda pouco difundido em nosso país, que há poucas pessoas preocupadas em preservar os vestígios da história do nosso desenvolvimento científico, segundo Granato. Ainda que a legislação faça referência ao termo desde a Constituição Federal de 1988²⁸⁸, é precária a consciência do tema do patrimônio cultural de ciência e tecnologia por parte dos agentes patrimoniais de nossas instituições.

Em 2016, por iniciativa dos participantes do IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Cultural de Ciência e Tecnologia²⁸⁹, foi publicada a Carta do Rio de Janeiro sobre Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia, disponível na página eletrônica do MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins²⁹⁰, este documento que tem por objetivo contribuir para a preservação do patrimônio brasileiro em Ciência e Tecnologia e retirar a área do patrimônio cultural do estado de invisibilidade em que se encontram os bens patrimoniais desta natureza, espalhados pelo país afora. Para tanto, estabelece doze diretrizes segundo as quais nossas instituições podem alcançar não só a conscientização, mas também a efetiva preservação deste tipo de patrimônio.

A Semana do Fazendeiro, torna-se um celeiro para a consolidação desta consciência, por produzir material técnico impresso e em outras mídias, como boletins de extensão, apostilas, livros técnicos, que configuram o acervo da memória institucional e integram o Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia da instituição, uma vez que o campo do patrimônio cultural é vasto e inclui documentos, saberes e práticas, dentre outras expressões culturais que passam inclusive pelas edificações.

Em face desta inquietação, registra-se a sugestão ao Departamento de História da UFV de formatar um curso de extensão de curta duração, como capacitação aos servidores ocupantes de cargos de chefia, a fim de gerar um corpo de multiplicadores e auxiliar consolidação da consciência a respeito do tema, de grande importância para a preservação do patrimônio científico da instituição, além de embasar o trabalho dos agentes patrimoniais, como registra Chagas:

²⁸⁸ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

²⁸⁹ IV Seminário Internacional de Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia. Disponível em <https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=945>. Acesso em 09 mai. 2022.

²⁹⁰ CARTA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <http://http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRANATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_02_WEB_2017.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2022.

sem a identificação de um valor qualquer, seja este mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo, a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição”, pois “um povo só preserva aquilo que ama. Um povo só ama aquilo que conhece.

Considerações Finais

Esta incursão na história da Semana do Fazendeiro chega ao fim, assegurada de que o evento configura lugar de memória, e que colabora com a construção de uma narrativa que destaca no cenário extensionista do país a Universidade Federal de Viçosa como instituição de tradição no ensino agrário, por um passado construído entre o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços de assistência técnica rural no interesse do grande produtor.

A pesquisa junto aos ministrantes dos cursos e gestores da extensão apontou que o evento realiza, na maioria de seus treinamentos, a extensão difusora de conhecimentos, e desenvolve também ações que convergem para interação mais dialógica necessária à realidade do agricultor familiar. Mostrou ainda que boa parte do público dos cursos da Semana do Fazendeiro é constituída por estudantes de escolas agrotécnicas e pequenos produtores, sendo estes últimos os responsáveis pela maior parte da produção dos alimentos que consumimos²⁹¹, motivo pelo qual a permanência deste público torna-se estratégica a cada edição, assim como a inclusão de outros segmentos da sociedade, aumentando o caráter inclusivo do evento.

Chama a atenção na realização deste evento, a longevidade e a prioridade que as sucessivas administrações têm dado à sua continuidade, bem como o envolvimento de um número significativo de servidores em sua materialização e ainda a variedade de oportunidades de treinamento para os discentes. Fica evidente também, a importância que as atividades culturais promovidas durante o evento, assim como as oportunidades de movimentação do comércio representam para a cidade, não obstante as controvérsias relativas à Feira que abriga tais atividades.

Este estudo buscou organizar a memória dos primórdios da Semana do Fazendeiro e registrar suas mais recentes transformações, no limiar dos 100 anos deste evento. A partir deste levantamento, acredita-se que outros desdobramentos poderão ocorrer, especialmente pelo reconhecimento do patrimônio cultural de ciência e tecnologia que a Semana do Fazendeiro encerra e pelas múltiplas oportunidades de novas vertentes de estudos que poderão surgir a

²⁹¹ IBGE - Censo Agro 2017. disponível em <<https://censoagro2017.ibge.gov.br/resultados-censo-agro-2017.html>>. Acesso em 14 fev 2023.

partir deste. Pode-se avaliar, por exemplo, a efetividade dos eventos Mulher e Juventude Rural, que contam com mais de uma década de realização, assim como a contribuição do Torneio Leiteiro para a melhoria da qualidade do leite na região, dentre outras possibilidades.

Como toda pesquisa tem limitações, cabe registrar que não foram entrevistados os ministrantes das entidades parceiras do evento, o que poderia auxiliar no entendimento destes em relação ao fazer extensionista, por se ter iniciado o trabalho com foco apenas nos ministrantes da UFV.

No processo de construção coletiva da memória, ao se realizar a Semana do Fazendeiro, o docente e o discente têm oportunidades de compartilhar o seu conhecimento em um ambiente de troca. O cursista busca novos conhecimentos, mas também revive memórias e a noção de pertencimento. Em outros ambientes, que não as salas de aula e estações experimentais, o visitante se aproxima da Universidade, convive de forma lúdica com a ciência e encontra espaços de lazer, grande carência da vida local. É o encontro da cidade com a universidade, da ciência com vivência, da arte com o povo, o encontro dos saberes, dos sons, dos cheiros, cores e sabores deste evento que teve um início reservado ao mais poderoso, que após quase cem anos de existência encontra-se mais democrático, inclusivo e plural a despeito de todas as lutas enfrentadas no percurso.

Referências Bibliográficas

- A Importância do “Fazer Artesanato” para o envelhecimento ativo. Disponível em <http://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO_EV075_MD2_SA8_ID2112_20092017213836.pdf>. Acesso em 19 nov 2022.
- ALVES, Eliana Boaventura Bernardes Moura. **Mudanças climáticas: percepção do produtor, balanço de carbono em propriedades rurais e neutralização de evento da Universidade Federal de Viçosa**. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2014.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 13. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990. 209 p.
- ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Aspectos ideológicos presentes na construção da memória coletiva**. Athenea digital: revista de pensamento e investigación social, v. 15, n. 1, p. 0207-223, 2015.
- ARRUDA, Josias Reis de. **Extensão Universitária na Universidade Federal de Viçosa (UFV): trajetória, avanços e desafios a partir da instituição do PROEXT**. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Viçosa, Rio Paranaíba. 2018.
- Arquivo Histórico da UFV. Disponível em <<https://arquivohistorico.ufv.br/historia/>>. Acesso em 16 jan. 2021.
- Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. 2002. NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT.
- BAÊTA, Odemir Vieira. **Estratégias como Práticas Sociodiscursivas em uma Universidade Pública: uma abordagem crítica**. 2016. Tese de doutorado – Universidade Federal de Lavras.
- BORGES, J. M.; SABIONI, G. S. (Org.). **Legislação de importância histórica: Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV - 1926-1948; Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG - 1948-1969; Universidade Federal de Viçosa - UFV - 1969**. Viçosa, MG; Editora UFV, 2010. 407 p.
- BOTELHO, Cristiane Roque Pereira; LOPES, Eduardo Simonini. **Assistência estudantil na Universidade Federal de Viçosa: composições e tensões no/com o movimento estudantil**. Viçosa, MG, 2016, p. 27.
- BRASIL. Advocacia Geral da União. **Condutas vedadas aos agentes públicos federais em eleições**. Disponível em <<https://www.gov.br/agu/pt-br/comunicacao/noticias/eleicoes-agu-atualiza-cartilha-com-regras-para-agentes-publicos>>. Acesso em 22 ago 2022.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 11 Out 2022.

BRASIL. Decreto nº 6.495, de 30 de junho de 2008. Institui o Programa de Extensão Universitária - PROEXT. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6495.htm - Acesso em 28 ago. 2021.

BRASIL. Decreto Lei 19.851 - 11 de abril de 1931. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 3 dez. 2022

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 2 jun.2022.

BRASIL. Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acesso em 28 mai.2022.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Lei de Acesso à Informação (LAI). Brasília/DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9.

CARDOSO, Irene Maria; MUGGLER, Cristine Carole; SILVA, Kim Sá da; BARBOSA, Willer Araújo; ZANELLI, Fabrício Vassalli; LOPES, Leandro de Souza; CRUZ, Nina Abigail Caligiorne; CONTE, Guilherme Menezes; MOREIRA, Fábio de Oliveira; OLIVEIRA, Leonardo Abud Dantas de. Programa TEIA: Trocando saberes e tecendo a teia da agroecologia. In: SOUSA, Diogo Tourino de et al. (orgs). Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017, p. 276.

CARTA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRA_NATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_02_WEB_2017.pdf. Acesso em: 09 mai. 2022.

CASTRO, Maria Gontijo. Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2015 xiii, 159f.

CASTRO, M. G. e ALVES, D. A. de. **Ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Viçosa: origem e trajetória institucional (1926–1988)**. Rev. Bras. Educ. 22 (70), Jul-Set 2017. Disponível <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/HrGFmzSq4Q4CnGpWcPfdJCs/?lang=pt#>. Acesso em 30 nov. 2022.

CASTRO, Maria Gontijo. **Ensino, pesquisa e extensão: origem, trajetória e reconfiguração institucional na Universidade Federal de Viçosa**. 2015. 159f.

COELHO, F. M. G. **A produção científica-tecnológica para a agropecuária: da ESAV à UREMG, conteúdos e significados**. Viçosa, UFV, 1992. 243p. (Tese M. S.).

CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Disponível em <https://ctazm.org.br/noticias/troca-de-saberes-movimenta-gramado-escola-da-ufv-566>. Acesso em 30 dez 2022.

DE SOUZA, Olga Suely Soares; DE SOUZA FERREIRA, Lorena. A regulamentação da extensão universitária no Brasil. *Revista Mosaicum*, n. 8, 2008.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. The subject and power. Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics, p. 221-2, 1982.

DUARTE, Jacildo da Silva. **As contribuições da extensão universitária para o processo de aprendizagem, prática da cidadania e exercício profissional**. 2014. Dissertação.

DUTRA, Thales Henrique; GOMES, Ivani Soleira; COELHO, Elaine Maria de Souza; FELIX, Eliane Maria. Além da Vocação: a Construção de Caminhos da Extensão Universitária na UFV. *In*: SOUSA, Diogo Tourino de et al. (orgs). **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA, Cadernos de Saúde Pública. A pandemia de Covid-19 no Brasil: uma crise sanitária anunciada. Disponível em <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-cronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>>. Acesso em 12 fev. 2022.

ESPECIAL SEMANA DO FAZENDEIRO - 13 a 17 de julho de 2020. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CmbBD0Myr8w&list=PLKG_lg1MwT4gSI77k421BhaJ19xXkuVXR&index=5>. Acesso em 5 out 2022.

FAGUNDES, José. **Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas**. Editora da UNICAMP, 1986.

FERREIRA, Fernanda Emanuela. **A Extensão Universitária Frente aos Marcos Legais**. UFSC, 2019.

FERREIRA, Rosilene Barbosa: **Planejamento, organização e promoção de eventos: um estudo de caso da Semana do Fazendeiro da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa, 2008. Trabalho de conclusão de curso.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, v. 28, p. 59-61, 2003.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras–Forproex. Plano Nacional de extensão universitária. Ilhéus: Editus, 2001.

FRATEVI - **Especial Semana do Fazendeiro**. Disponível em <<https://www.fratevi.org.br>>. Acesso em 12 jul 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006, 93 p.

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: Para quê? Instituto Paulo Freire, Fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extensão_Universitária_Moacir_GadotiFevereiro_2017.pdf>. Acesso em 9 abr. 2022.

GINZBURG, Carlo. "Distância e perspectiva – Duas metáforas". In: **Olhos de madeira: nove Reflexões sobre a distância**. Trad. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 176-198.

GRANATO, M. **Panorama sobre o patrimônio de Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos DEX de C&T**. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. *Cultura material e patrimônio de ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. 374p.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Martha. **Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade**. Revista Memória em Rede, Pelotas, vol.2, n.4, p.85-104, dez. 2010 / mar. 2011.

GRIMALDI, Stphanie Sa Leitao. **Memória da ciência e da tecnologia: preservação do patrimônio cultural brasileiro**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

GURGEL, R. M. **A construção do conceito de extensão universitária na América Latina**. In: FARIA, D. S. (Org.). *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina* Brasília: Universidade de Brasília, 2001. p. 13-27.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva e a Memória Individual**. In: **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990. p. 25-52.

HANDFAS, Ethel Rosemberg; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta Catarino. **O patrimônio cultural universitário de ciência e tecnologia**. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v. 9, n. 2, 2016.

HARTOG, Francois. **Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HANDLER, R. & LINNEKIN, J. (1984), "Tradition, Genuine or Spurious". Journal of American Folklore, Vol. 97, n. 385: 273-290.

HOBSBAWM, Eric. 1. Introdução: **A invenção das tradições**. HOBSBAWM, Eric. J.; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*, v. 2, p. 07-25, 1984.

JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Angelo Adriano Faria de; OBEID, José Antônio (Ed.). **80 anos de história do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa, MG: UFV, Departamento de Zootecnia, 2007. 191 p.

JORNAL DA UFV - ano 24 - edição 1197 - 22 jul. 1992, p. 4. Fonte: ACH-UFV.

UFV em Rede. 31.3.2020. Disponível em:

<<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=32339>>. Acesso em 24 jul. 2022.

JORNAL FOLHA DA MATA - Programação da 92ª Semana do Fazendeiro. Disponível em <<https://www.folhadamata.com.br/ufv/noticias/programacao-da-92a-semana-do-fazendeiro-comeca-neste-sabado-13>>. Publicado em 12/08/2022. Acesso em 30 nov 2022.

KUNZLER, NOVAES, MACHADO e PONCIANO. **Coleções paleontológicas como proteção do patrimônio científico brasileiro**. III Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C&T, p. 385-407, 2014.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: **História e memória**. Trad. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 525-541.

LIMA, Antônio Luiz de. Da ACAR à EMATER-MG: análise crítica da dinâmica de um sistema de extensão. Viçosa, MG: [s.n.], 1985. 72p. Dissertação Mestrado em Extensão Rural.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História, São Paulo, no. 17, nov. 1998. pp. 63-201. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110/8154>>. Acesso em 30 nov. 2022.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, v. 28, p. 59-79, 2003.

MENDES, António Rosa. **O que é património cultural**. Lisboa. 2012. 45p.

MIRANDA, E. L.; SILVA, L.H.; ZANELLI, F. V.; BHERING, M. S. **TROCA DE SABERES: Novos Enfoques Metodológicos na Construção do Conhecimento Agroecológico na Zona da Mata Mineira**. In: I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS, 2012, Pelotas- RS. Anais do I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS, 2012. v. 1.

MOTA, João B.; GOMES, Silvano G. S.; LEONARDO, Estela da Silva. **Extensão para a educação: a experiência de capacitação a distância do Espaço do Produtor**. Texto Livre, v. 9, p. 160-172, 2016.

NEGRÃO, Patrícia Muratori de Lima e Silva; CABRAL, Frederico Gonçalves de Castro. A Semana do Fazendeiro: Avanços e Transformações. In: SOUSA, Diogo Tourino et al. (orgs). **Práticas e Reflexões na Extensão Universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa (MG): Editora UFV, 2017, p. 173.

NEVES, L. F. **A extensão universitária como prática institucional: o caso da Universidade Federal de Viçosa**. 1993. 415 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – UFV, Viçosa, 1993.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História, nº 10, p.7-28, dez.1993; Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC.

OLIVEIRA, F.; GOULART, P. M. Fases e faces da extensão universitária: rotas e concepções. Rev. Ciência em Extensão. v.11, n.3, p.8-27, 2015.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa, mudanças socioculturais: evolução histórica e tendências**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 1990. 300 p.

PAULA, J. A. de. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 29 nov. 2022.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Evolução da agricultura e suas técnicas**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/evolucao-agricultura-suas-tecnicas.htm>>. Acesso em 12 jul 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLITIZE! - **Ditadura Militar no Brasil**. 31.03.2021. Disponível em <<https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>>. Acesso em 31 jan. 2022.

POMPERMAYER, Izabel Morais. **Continuidades e discontinuidades da memória: um estudo sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (MG) por meio de publicações de 1939 a 2016**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

Preservação. Revista Ciências Estratégicas, vol. 20, n. 28, 271-284, 2012.

RAEX - Registro de Atividades de Extensão. Disponível em <<https://www2.dti.ufv.br/raex/scripts/>>. Acesso em 13 jan 2023.

RIBEIRO, M. das Graças, M. **A extensão Rural na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). 1948-1969**. Extensão em Foco. Curitiba, n. 6, p. 15-25, jul-dez. 2010. Editora UFPR.

ROLFS, P. H. **O ensino agrícola mineiro e brasileiro**. In: Conferência Nacional de Educação 2, Belo Horizonte, 1928. 12p.

SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (ed.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. ed. rev. e ampl. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2006. 671 p.

SABIONI, Gustavo Soares; BORGES, José Marcondes; MOTA, João Batista (Org.). **90 anos UFV (1926-2016): uma viagem pela história da instituição**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2016. 71 p.

SECRETARIA PERMANENTE DA SEMANA DO FAZENDEIRO - Relatório de Avaliação da 90ª Semana do Fazendeiro. 2019. 73 p.

SEMANA DO FAZENDEIRO 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sWh6Z6f1J1I>>. Acesso em 30 nov 2022.

SILVA, F. V. **Ensino agrícola, trabalho e modernização no campo: a origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1929)**. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFU, Uberlândia, 2007.

SILVA, Maria do Carmo; LIMA, Antônio Luiz de. O serviço de extensão rural em Minas Gerais (retrospectiva). Viçosa, MG: [s.n.], 1984. 39p.

SILVA, Uiara Maria da. **Extensão universitária: a interação do conhecimento na semana do fazendeiro - UFV. Viçosa, MG, 1995. x, 199 f.**

SILVEIRA, Victor de Souza. Patrimônio sobre rodas: antigomobilismo, memórias e distinção social. 189f. Dissertação (Mestrado em História) - UFV, Viçosa, 2021.

Sociedade Brasileira de História da Ciência. IV Seminário Internacional de Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia. Disponível em <https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=945>. Acesso em 09 mai. 2022.

SOUSA, Diogo Tourino, MORENO, Andrea, NEVES, Clóvis A. e VIEIRA, Luciano B. **Práticas e Reflexões na extensão universitária: a experiência da Universidade Federal de Viçosa.** Editora UFV, 2017.

TORRES, Alex F. de Brito. **Análise e Sistematização das proposições sobre a extensão universitária brasileira.** 2003. 206 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Prefácio; O poder na estória. In: **Silenciando o passado: poder e a produção da história;** tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

UFV Informa - edição 538. Ano 10. 21 de julho de 1958. p. 4. ACH/UFV.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 25ª Semana do Fazendeiro - UREMG. Viçosa, MG, 1953. Arquivo Histórico UFV, 18 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 84ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2013, 96 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 87ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2016, 86 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 88ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2017, 103 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 89ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2018, 79 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Caderno de Cursos da 90ª Semana do Fazendeiro. Viçosa, MG, 2019, 112 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Em versão virtual, a 91ª Semana do Fazendeiro termina ampliando horizontes e preservando sua tradição. Disponível em <<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=35569>>. Acesso em 12 jul.2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Conselho Universitário. Resolução nº 07/2007, de 5 de dezembro de 2007. Política de Extensão da UFV. Disponível em <<https://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/07-07.pdf>>. Acesso em 30 nov 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Exposição Comemorativa Semana do Fazendeiro. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tYdmllilp5g&t=65s>> Acesso em 12 jul. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - 90ª Semana do Fazendeiro - julho de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xKhqsaI-jmY&t=84s>>. Acesso em 22 nov 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Site do Departamento de Economia Doméstica. Disponível em <https://www.ded.ufv.br/?page_id=626>. Acesso em 10 fev. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Personagens e Pioneiros: <https://www.personagens.ufv.br/?area=personagens> Acesso em 10 fev. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Arquivo Histórico. Disponível em <<https://arquivohistorico.ufv.br/>>. Acesso em 27 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - Guia de Museus. Disponível em <<https://semec.ufv.br/guia-de-museus/>>. Acesso em 30 jan 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - RESOLUÇÃO CEPE nº 06, 15/3/2022. disponível em <<https://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/Resolu%C3%A7%C3%A3o-Cepe-6-2022-Credita%C3%A7%C3%A3o-das-atividades-de-extens%C3%A3o.pdf>> Acesso em 30 nov. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Disponível em:< <https://www.ufla.br/sobre>>. Acesso em 27 mar. 2022.

UREMG - Caderno de Cursos da 25ª Semana do Fazendeiro, 1953. p. 2. ACH/UFV.

VALENTE, Maria Esther Alvarez; HANDFAS, Ethel Rosemberg. O Patrimônio Cultural Científico e Tecnológico Brasileiro e a Importância de Políticas Públicas para sua